

PATRIMÔNIO E LEITURA

CATÁLOGO TEMÁTICO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL



PATRIMÔNIO E LEITURA

CATÁLOGO TEMÁTICO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Dilma Rousseff

MINISTRO DA CULTURA
Marta Suplicy

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN

PRESIDENTE
Jurema de Sousa Machado

DEPARTAMENTO DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO
Luiz Philippe Peres Torelly

COORDENADORA-GERAL DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA - COPEDOC
Lia Motta

PARCERIA - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO E LEITURA - PROALE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

COORDENADORA DO PROALE
Cecília Maria Aldigueri Goulart

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA INFANTOJUVENIL
INSTITUTO DE LETRAS

COORDENADORA DO CURSO
Sonia Monnerat Barbosa

P314

Patrimônio e leitura : catálogo temático de literatura infantojuvenil/ org. Maria Beatriz Rezende. _ Rio de Janeiro; IPHAN/Copedoc; Niterói: PROALE/UFF, 2014. 110 p. : il. (algumas color); 22cm.

ISBN 978-85-7334-260-4
Índice de autores e ilustradores

1. Patrimônio cultural. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Livros e leitura. I. Rezende, Maria Beatriz. II. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Coordenação Geral de Documentação e Pesquisa. III. PROALE

IPHAN/RJ

CDD – 363.69018

PATRIMÔNIO E LEITURA

CATÁLOGO TEMÁTICO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL

ORGANIZAÇÃO
Maria Beatriz Rezende

COPEDOC - IPHAN / PROALE - UFF
2014

PATRIMÔNIO E LEITURA

O projeto *Patrimônio e Leitura*, desenvolvido pela Coordenação-Geral de Pesquisa e Documentação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Copedoc/IPHAN) desde 2007, articula-se com as diretrizes gerais, explicitadas pelo IPHAN nos últimos anos, de promover a aproximação da instituição com variados atores sociais, tendo nas escolas uma interessante possibilidade de criar e manter parcerias em prol do patrimônio cultural.

O projeto é realizado em parceria com o Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE), programa de extensão da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). O PROALE dispõe de um acervo de literatura para crianças e jovens com mais de 12.000 títulos, na condição de votante do Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Essa parceria resultou na elaboração de três números da publicação *Patrimônio e Leitura: Catálogos Comentados de Literatura Infantojuvenil*.

COORDENAÇÃO-GERAL DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA - COPEDOC/IPHAN

ORGANIZAÇÃO

Maria Beatriz Rezende

TEXTOS

Maria Beatriz Rezende e Luciano dos Santos Teixeira

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E SELEÇÃO DE IMAGENS

Bettina Zellner Grieco

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO E LEITURA - FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFF

PRÉ-SELEÇÃO E EMPRÉSTIMO AO IPHAN DE OBRAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Margareth Mattos

ORIENTAÇÃO TÉCNICA, AVALIAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Margareth Mattos

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Apresentação | 7 |
| Bens culturais | 9 |
| Brinquedos e brincadeiras..... | 10 |
| Brincantes poemas | |
| Uni Duni Tê | |
| Capoeira | 12 |
| Capoeira Camará | |
| Berimbau mandou te chamar | |
| José Moçambique e a capoeira | |
| Cavalhada | 14 |
| Lampião e Lancelote | |
| Cavalhadas de Pirenópolis | |
| Chafarizes e pontes..... | 16 |
| Dirceu e Marília | |
| Folclore e tradição | 18 |
| Mitos brasileiros em cordel | |
| O Congo vem aí | |
| Maria Peçonha | |
| Festas: o folclore de Mestre André | |
| Folguedos e brincantes..... | 21 |
| Menino parafuso | |
| Rodas e bailes de sons encantados | |
| De alfaias a zabumbas | |
| Futebol e patrimônio | 24 |
| O cachorro que jogava na ponta esquerda | |
| A bola e o goleiro | |
| Uma história de futebol | |
| Literatura de cordel..... | 26 |
| Minhas rimas de cordel | |
| Folia de Reis: a festa em cordel | |
| Maracatu: a festa em cordel | |
| Paisagem cultural | 28 |
| Versos para um Rio Antigo | |
| Meus rios | |
| Chico, o caminhador | |
| Formosuras do Velho Chico | |
| Passos | 30 |
| A pedra com o menino | |
| Patrimônio rural | 32 |
| Ponte ponteio | |
| Indez | |
| Quilombos | 34 |
| Um quilombo no Leblon | |
| Samba | 36 |
| Noel Rosa | |
| Ary Barroso | |
| Pixinguinha | |
| Diversidade cultural | 39 |
| Criação linguística | 40 |
| Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias | |
| Salada, saladinha: parlendas | |
| Quadrinhas brasileiras | |
| Cultura afrodescendente | 42 |
| Chico Rei | |
| Gosto de África: histórias de lá e daqui | |
| Minhas contas | |
| Cultura indígena | 45 |
| Festa da Taquara | |
| Pindorama: terra das palmeiras | |
| O segredo da chuva | |
| Kabá Darebu | |

| | |
|--|-----|
| Diversidade linguística | 48 |
| Contas de dividir e trinta e seis bolos | |
| A menina Luzia | |
| Florestania | 50 |
| Mururu no Amazonas | |
| A criação do mundo e outras lendas da Amazônia | |
| O imaginário da floresta: lendas e histórias da Amazônia | |
| Amazonas | |
| Identidade | 53 |
| Flicts | |
| A bolsa amarela | |
| O peixe que pode cantar | |
| Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo | |
| Ofélia, a ovelha | |
| Imigração europeia | 56 |
| Nas ruas do Brás | |
| Imigração japonesa | 58 |
| Histórias tecidas em seda | |
| Tomie: cerejeiras na noite | |
| Preservação | 61 |
| Bibliofilia | 62 |
| Amarílis | |
| Reinações de José Mindlin por ele mesmo | |
| A fotografia e os trabalhos de preservação | 64 |
| Fotografando Verger | |
| Bisa Bia, bisa Bel | |
| Retratos | |
| História e patrimônio | 67 |
| Coleção Meninos e Meninas do Brasil | |
| Iconografia | 69 |
| Debret em viagem histórica e quadrinhesca ao Brasil | |
| A história de Biruta | |
| Memória | 71 |
| O guarda-chuva do vovô | |
| Parece que foi ontem/ Kapusu aco'i juk | |
| A casa: casos de família | |
| Do outro lado do Atlântico | |
| Memórias da Emília | |
| Saída de obras de arte | 74 |
| O sonho do Abaporu, d'après Tarsila do Amaral | |
| Três anjos mulatos do Brasil | |
| Alberto da Veiga Guignard | |
| Saberes e fazeres | 77 |
| Artistas, artesãos e artífices | 78 |
| Mestre Lisboa, o Aleijadinho | |
| Brincadeiras | |
| O rei do mamulengo | |
| Culinária | 81 |
| As cocadas | |
| Poema do milho | |
| Narrativa e oralidade | 83 |
| Uma cidade de carne e osso: casos do interior | |
| Trabalho artesanal | 85 |
| Um apólogo | |
| Sebastiana e Severina | |
| Entre linhas | |
| | |
| Autores e ilustradores | 87 |
| Índice de ilustrações | 103 |
| Fontes e referências bibliográficas | 106 |
| Índice remissivo | 108 |

Com os primeiros três números da publicação *Patrimônio e Leitura: Catálogo Comentado de Literatura Infantojuvenil* (2007, 2009, 2012), imaginamos ter oferecido uma alternativa para a introdução, na Educação Básica, dos temas referentes ao Patrimônio Cultural, por meio da leitura da literatura. Esperamos ter consolidado a proposta de criar um instrumento de apoio aos professores, para instigar o interesse dos alunos pelo tema Patrimônio no seu processo de escolaridade. Associando a formação de leitores com a apresentação dos mais diversos conteúdos sobre os bens culturais e sua apropriação pela sociedade, mais do que pensar “a didática adequada” ao tema do Patrimônio Cultural, os catálogos propõem encontrar ou pôr à mostra esse tema nas obras literárias que já circulam nos espaços educacionais formadores de leitores.

Com base nas experiências de aplicação dos catálogos em sala de aula, em cursos de formação continuada para professores e em dinâmicas de educação patrimonial no IPHAN, foi possível verificar não só a riqueza de conteúdos, mas as muitas e variadas possibilidades de desdobramentos da aproximação entre a Literatura e o Patrimônio Cultural. Assim, apresentamos um novo formato de publicação que amplia o levantamento de títulos em 44 novas obras e que é organizado segundo quatro grandes capítulos temáticos, divididos em subtemas aos quais estão relacionados 85 livros.

Os capítulos “Bens culturais”, “Saberes e fazeres”, “Diversidade cultural” e “Preservação” são introduzidos por textos que fornecem noções e conceitos preliminares a respeito dessas grandes áreas do campo do Patrimônio Cultural. Os subtemas que compõem os capítulos trazem informações mais específicas sobre o trabalho com a preservação dos bens culturais. Cada subtema apresenta livros acompanhados de breves sinopses que buscam estabelecer sua relação entre as temáticas das obras e os temas de Patrimônio tais como memória, identidade, história, modos de fazer e criar, saberes tradicionais, patrimônio edificado, patrimônio móvel e integrado, paisagens culturais, entre outros.

Ao final, encontram-se os índices de autores e ilustradores com dados profissionais e biográficos; das ilustrações, que resultam da pesquisa iconográfica realizada nos arquivos do IPHAN e que procuram agregar sentido sobre o universo dos bens protegidos; e o índice remissivo, com os termos considerados mais representativos entre os assuntos abordados no catálogo.



Quando se qualifica um bem ou uma prática social como cultural, revela-se o seu valor simbólico, representativo ou evocativo de uma determinada cultura. São bens e manifestações capazes de expressar identidades coletivas, construídas ao longo do tempo, que podem se referir a um determinado território (local, regional, nacional) ou definidas por outras categorias como gênero, classe social, faixa etária, entre outras.

O patrimônio material protegido pelo IPHAN, por meio do Decreto-lei nº 25 de 1937, que criou o Tombamento, é classificado segundo quatro Livros do Tombo: 1. Arqueológico, paisagístico e etnográfico; 2. Histórico; 3. Belas artes; 4. Artes aplicadas. Reúne bens imóveis (arquiteturas, cidades, equipamentos urbanos, marcos, paisagens, sítios arqueológicos) e móveis e integrados (coleções arqueológicas, imaginária, mobiliário, ornamentos, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos).

O patrimônio imaterial protegido pelo instrumento do Registro, criado no ano de 2000 pelo Decreto nº 3.551, também classifica os bens culturais segundo quatro livros: 1. Celebrações (“rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social”); 2. Formas de expressão (manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas); 3. Lugares (mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas); 4. Saberes (conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades).

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Segundo Walter Benjamin, a brincadeira estaria na origem de todos os hábitos, assentada na “lei universal da repetição”. Mesmo os gestos aparentemente mais rotineiros e sisudos dos adultos trariam a marca menos visível da alegria infantil. Os brinquedos, por sua vez, teriam sua origem na intervenção do mundo adulto no universo infantil: dando “de presente” os brinquedos às crianças, os adultos lhes impõem seus objetos de culto que serão, por seu lado, reapropriados pelas crianças, como no exemplo daquela simples caixa de papelão que se transforma nos mais fantásticos veículos (automóveis, aviões, etc.). Essa negociação, esse diálogo oculto entre signos, entre universos culturais diversos, seria a moldura definidora das brincadeiras e dos brinquedos, a causa secreta do permanente fascínio que exercem sobre adultos-crianças de todas as épocas e de todas as idades. Um baú empoeirado, uma velha caixa de brinquedos esquecida no armário, trazem-nos não somente as saudades de uma outra época, mas igualmente contribuem para forjar nossa identidade pessoal e coletiva. Mais que apenas suportes de memória, servem-nos como índices do inventário caudaloso da sociedade, repertório assistemático de tradições, gestos e expressões culturais diversas.



Boneca de pano. CNFCF/ IPIHAN.



CNFCF/ IPIHAN.



BRINCANTES POEMAS

César Obeid. Ilustrações por **Avelino Guedes.** Moderna, 2011. 40p. ISBN 978-85-160-7118-9

Por meio de diversas formas poéticas como sextilhas, quadras, parelhas etc., o autor apresenta brincadeiras tradicionais, convidando o leitor a conhecê-las e a se tornar um brincante. Além dos poemas que revelam a poesia que há em cada brincadeira, há uma explicação objetiva sobre como brincar, que materiais utilizar e quantos participantes são necessários. Ao final, há um quadro de caráter informativo sobre as características e a estrutura dos poemas, esclarecendo o seu lugar na cultura popular do Brasil e de outros países.



UNI DUNI TÊ

Texto e ilustrações por **Angela Lago.** Moderna, 2004. 40p. Coleção Girassol. ISBN 8516044106

Obra que faz referência ao nosso cancionário popular, construindo um enredo para articular todas as pequenas histórias das cantigas de roda tradicionais em uma só narrativa. Criativa, a proposta recupera as cantigas, sem reproduzi-las na íntegra, para combiná-las num novo enredo que mistura o ritmo das canções e o suspense das histórias de mistério. Uma leitura prazerosa pelo exercício proposto de identificar de outro modo o que já é conhecido, convidando o leitor a se reconhecer na brincadeira.

Ver também:

Menino parafuso

Olívia de Mello Franco. Ilustrações por **Angelo Abu.** Autêntica, 2008. 36p. ISBN 978-85-7526-307-5

O Congo vem aí

Sérgio Capparelli. Ilustrações por **Carlos Eduardo Cinelli** e **Warley Goulart.** Global, 2006. 24p. ISBN 85-260-1113-8

Salada, saladinha: parlendas

Maria José Nóbrega e **Rosane Pamplona** (Org.). Ilustrações por **Marcelo Cipis.** Moderna, 2005. 56p. ISBN 8516045749

Índez

Bartolomeu Queirós. Global, 2004. 96p. ISBN 85-260-0958-3

O rei do mamulengo

Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações por **André Neves.** FTD, 2003. 40p. Coleção Brincante. ISBN 85-322-5064-5

Maria Peçonha

Texto e ilustrações por **André Neves.** DCL, 2001. 42p. ISBN 85-7338-954-0

Nas ruas do Brás

Drauzio Varella. Ilustrações por **Maria Eugênia.** Capa por **Silvia Massaro.** Companhia das Letrinhas, 2000. 80p. Coleção Memória e História. ISBN 978-85-7406-066-8

CAPOEIRA

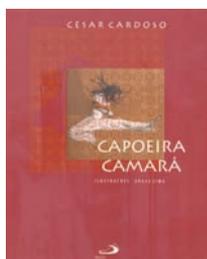
A capoeira é uma prática cultural surgida no Brasil durante o século XVIII e associada à vida urbana. Ao mesmo tempo dança, luta, jogo e música, alcançou projeção nacional e, mais recentemente, internacional. Suas práticas e rituais são transmitidos de mestre para aluno, de geração em geração, sofrendo contínuas transformações ao longo do tempo.

Assim como outras manifestações de origem africana, tal como o samba, a capoeira teve sua prática criminalizada, prática essa que surgiu associada a movimentos de resistência e de autoafirmação dos escravos e seus descendentes, até finalmente adquirir o status de emblema da nacionalidade brasileira. Perseguida entre o final do século XIX e todo o período da República Velha (1889-1930), passou por um processo de folclorização e esportização entre as décadas de 1950 e 1970. Atingiu o reconhecimento oficial pelo Estado brasileiro como patrimônio imaterial em 2008, com os registros não só da Roda de Capoeira como manifestação coletiva, mas do Ofício dos Mestres de Capoeira, que são os responsáveis pela transmissão e manutenção dessa tradição brasileira.

A partir do registro, foram criadas ações, reunidas no Plano Nacional da Capoeira, destinadas a promover essa prática, em particular proteger o ofício dos mestres capoeiristas. Entre outras ações, o plano prevê o estabelecimento de um programa de incentivo dessa manifestação no mundo; a criação de um Centro Nacional de Referência da Capoeira; e o plano de manejo da biriba - madeira utilizada na fabricação do berimbau - e de outros recursos naturais.



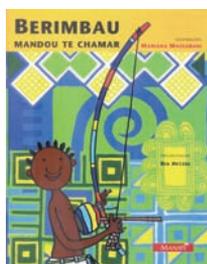
Roda de capoeira. Salvador/BA.



CAPOEIRA CAMARÁ

Cesar Cardoso. Ilustrações por **Graça Lima.** Paulus, 2012. 64p. ISBN 978-85-349-3291-2

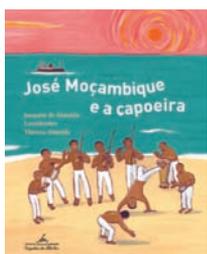
Uma menina em conflito com sua rotina escolar tem a oportunidade de conhecer, por meio de uma Associação quilombola, um mestre de capoeira que a fará entrar em contato com essa manifestação cultural, desvendando um mundo de conhecimentos e tradição que, para sua surpresa, diz respeito a sua identidade e origem. A narrativa consegue transmitir a complexidade de sentidos que a capoeira possui - luta, jogo, dança, fé, história da resistência negra, encantamento, amizade -, criando um fantástico percurso pelo tempo e espaço, só possível a partir da relação de confiança entre mestre e discípulo, que caracteriza o aprendizado e o ensino dessa prática cultural.



BERIMBAU MANDOU TE CHAMAR

Organização por **Bia Hetzel.** Ilustrações por **Mariana Masarani.** Manati, 2008. 28p. ISBN 9788586218422

O livro traz uma coletânea de letras e músicas entoadas nas rodas de capoeira, apresentadas de forma lúdica com ilustrações do jogo. É um bom registro da relação da música com a dança, jogo ou prática da capoeira, aludindo a um "chamado" ou convite para que todos participem e conheçam essa manifestação.



JOSÉ MOÇAMBIQUE E A CAPOEIRA

Joaquim de Almeida. Ilustrações por **Laurabeatriz.** Projeto gráfico por **Thereza de Almeida.** Companhia das Letrinhas, 2007. 64p. ISBN 978-85-7406-298-3

A história de um pequeno capoeira, um menino que recebe a missão de salvar seu mestre, mesmo que para isso ponha sua vida em risco, constitui a narrativa ficcional desse livro de caráter também informativo. A capoeira é apresentada como jogo, esporte, brincadeira, dança e luta. É possível apreender o sentido histórico dessa luta associado à condição dos negros escravos, que por meio da capoeira encontraram modos de resistir, de se unir, de cultuar seus ancestrais, de se divertir, de fazer arte. Ao final da obra há uma série de textos informativos, deixando evidenciar o criterioso trabalho de pesquisa sobre diversos aspectos e elementos da capoeira.

CAVALHADA

A Cavalhada é um folguedo que teve origem nos torneios equestres medievais, na Península Ibérica, nos quais se tem, entre outras reminiscências, o uso de fitas como prêmio, que são oferecidas pelo ganhador a uma mulher ou outra pessoa que se deseje homenagear. Sua difusão no Brasil, registrada desde o século XVII, partiu do Nordeste e espalhou-se pelo resto do país, ganhando um perfil próprio em cada estado. Em Portugal, era uma tradição da nobreza realizada durante as festas religiosas e políticas, tornando-se popular ao longo do tempo. Tal manifestação mantém-se viva em vários pontos do Brasil, como Alagoas, Paraná, Bahia, Minas Gerais e Goiás. Em Pirenópolis (GO), a Cavalhada é realizada durante a festa do Divino e representa o auto de cristãos e mouros. As "Cavalcadas" de Pirenópolis, em Goiás, destacam-se entre os eventos da Festa do Divino Espírito Santo, que ocorre 40 dias após a Páscoa. Elas foram introduzidas nessa área do planalto central brasileiro nas primeiras décadas do século XIX. Desenvolvem uma temática em torno de lutas simuladas de Carlos Magno e seus cavaleiros (os doze Pares de França), enviados para combater os Mouros na Península Ibérica. São representadas durante três dias, depois da procissão do Domingo, no período da tarde, em local especialmente destinado a esse tipo de manifestação folclórica que sempre termina com a vitória dos cristãos. Antes do início dos combates entre cristãos e mouros, surgem nas ruas da cidade grupos de cavaleiros chamados Mascarados - suas máscaras são obras de artesanato popular, representando as mais diversas figuras, como demônios, gorilas, cabeças de vacas, cabeças de bois com grandes chifres - gritando, trajando roupas bizarras, estalando seus chicotes e fazendo pantomimas. Depois, procedem-se aos torneios, compostos de vários rituais.



Arquivo Central do IPHAN/RJ



Arquivo Central do IPHAN/RJ

Pirenópolis

A cidade de Pirenópolis, em Goiás, é tombada pelo IPHAN desde 1990. Ao seu conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico, representante do ciclo do ouro em Goiás, no período colonial, somam-se diversas manifestações culturais. As Cavalcadas e a Festa do Divino Espírito Santo são exemplos de manifestações populares realizadas todos os anos na cidade.



LAMPIÃO E LANCELOTE

Texto e ilustrações por **Fernando Vilela**. Cosac Naify, 2006. 52p.
ISBN 978-85-7503-526-9

Um, cangaceiro leal, valente, talvez justiceiro, talvez criminoso; o outro, nobre cavaleiro, altaneiro, valoroso. Ambos imbatíveis guerreiros, com gosto pelo desafio e pela batalha. No confronto, uma cultura desafia a outra. O autor consegue expressar esse desafio, utilizando a linguagem específica das novelas de cavalaria *versus* a da literatura de cordel, que em si mesmas são expressas na forma de embate, duelo, desafio - o som das rimas, dos cavalos e jegues, das espadas e peixeiras se confrontando é quase audível. Ninguém vence, nem sai ileso - o confronto mescla as duas culturas.



CAVALHADAS DE PIRENÓPOLIS

Texto e ilustrações por **Roger Mello**. Agir, 2002. 24p.
ISBN 85-220-0480-3

A obra permite ao leitor conhecer Pirenópolis, por meio de uma das suas festas mais características: as Cavalhadas. A estratégia narrativa, verbal e icônica, resultou em uma rica interpretação do que constitui o patrimônio cultural. Vemos associados o patrimônio edificado (o traçado urbano da cidade, o casario, a igreja matriz, a ponte sobre o rio, a disposição espacial da festa), a celebração, não como cenário, mas conectada à vida (as janelas com doces e donas, as máscaras e os cavalos enfeitados), e ainda a natureza compreendida pelo ponto de vista cultural (leis, crendices e lendas que expressam a relação do homem com o meio natural).

Ver também:

Menino parafuso

Olívia de Mello Franco. Ilustrações por **Angelo Abu**. Autêntica, 2008. 36p.
ISBN 978-85-7526-307-5

O Congo vem aí

Sérgio Capparelli. Ilustrações por **Carlos Eduardo Cinelli** e **Warley Goulart**. Global, 2006. 24p.
ISBN 85-260-1113-8

CHAFARIZES E PONTES

Os chafarizes e pontes possuíram grande importância no desenvolvimento das cidades coloniais. Os primeiros eram os responsáveis pelo abastecimento de água nas regiões e, nos locais onde havia portos, abasteciam também os navios. As pontes permitiam o crescimento da ocupação das vilas e a circulação de moradores e mantimentos. A existência desses equipamentos urbanos denotava o maior ou menor grau de desenvolvimento de uma cidade. Ouro Preto, antiga Vila Rica, concentrava a maior parte da riqueza advinda da exploração do ouro nas minas gerais. Suas pontes, inicialmente feitas em madeira, foram sendo reconstruídas em pedra de cantaria e, para a construção de seus chafarizes, foram chamados os maiores artífices da época, que lhes conferiram o mesmo tratamento artístico dado às igrejas, tal a sua importância. Seis pontes e seis chafarizes de Ouro Preto, a maior parte construída na segunda metade do século XVIII, foram tombados pelo IPHAN e inscritos no livro de Belas Artes, em 19 de junho de 1950.

O chafariz de Marília é assim conhecido por situar-se próximo da casa de Maria Doroteia Joaquina de Seixas, a “Marília de Dirceu”. Sua construção foi iniciada em 1759, sob encomenda do Senado da Câmara de Vila Rica, tendo sido escolhida a proposta de Manuel Francisco Lisboa, com a colaboração de Antônio Moreira Duarte e Miguel de Oliveira. Há ornatos em pedra-sabão que são, provavelmente, obras de Aleijadinho. Este é considerado um dos chafarizes mais importantes e bem-compostos do Brasil.

Ouro Preto

O tombamento da cidade de Ouro Preto pelo IPHAN em 1938 fez parte da ação pioneira de preservação coletiva de seis cidades mineiras. Além de Ouro Preto, as cidades de Mariana, São João del Rei, Tiradentes, Diamantina e Serro foram tombadas por terem sido palco de importantes acontecimentos históricos marcantes para a formação da nação brasileira - como a Conjuração Mineira - e também por possuírem monumentos, edifícios e igrejas representativas do estilo barroco, considerado emblemático das nossas origens.



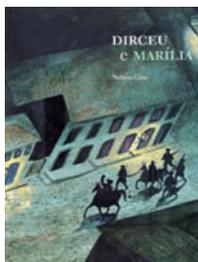
Arquivo Central do IPHAN/RJ



Arquivo Central do IPHAN/RJ



Arquivo Central do IPHAN/RJ



DIRCEU E MARÍLIA

Texto e ilustrações por **Nelson Cruz**. Cosac Naify, 2007. 40p.
Coleção Histórias para contar História.
ISBN 978-85-7503-577-1

Esta obra tematiza especialmente o patrimônio cultural urbano, pois a história se passa na antiga Vila Rica, tendo-a como cenário. As ilustrações recriam a cidade impondo um ritmo quase cinematográfico à narrativa. O leitor é transportado no tempo e convidado a percorrer (conhecer) Ouro Preto para testemunhar *in loco* o amor impossível dos dois famosos amantes, Marília e Dirceu, personagens da obra do poeta inconfidente Tomás Antônio Gonzaga. Esse “leitor testemunha” é metaforizado pelas carrancas dos chafarizes que permeiam todo o livro, lembrando que os monumentos são nossa herança e o sentido da sua permanência é dar testemunho à nossa história, presentificá-la.

Ver também:

A pedra com o menino

Ronaldo Simões Coelho. Ilustrações por **Denise Nascimento**. Paulus, 2006. 56p.
ISBN 85-349-2583-6

Chico Rei

Renato Lima. Ilustrações por **Graça Lima**. Paulus, 2006.
n.p.
ISBN 85-349-2497-X

FOLCLORE E TRADIÇÃO

O que são tradições? Criadas ou inventadas, mantidas ou preservadas, as tradições repetem rituais e formas ao longo do tempo. Nesse processo, emprestam novos significados a antigos sentidos religiosos, culturais e sociais. Imaginamos tradições culturais como heranças vindas de tempos muito distantes, imemoriais. Ao lembrar nossa infância, pensamos nas brincadeiras, festas e cantigas, supondo que elas existiram desde sempre - e mais, como sendo sempre imutáveis. Mas as tradições, como todas as expressões culturais, têm história, duração e sofrem transformações. A palavra Folclore significa saber do povo. Mais do que expressão de uma cultura popular, o folclore representa um campo de estudos em que se discutem as variadas manifestações culturais de um povo. Após a Segunda Guerra Mundial, a recém-criada UNESCO passou a promover no mundo inteiro ações de preservação das tradições populares. No Brasil, em 1947, foi criada a Comissão Nacional de Folclore. Desse processo resultou, em 1958, a instalação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, vinculada ao então Ministério da Educação e Cultura. Em 1976, a Campanha foi incorporada à Funarte como Instituto Nacional de Folclore. No ano de 1997, a denominação foi novamente alterada para Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. No final de 2003, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) passou a integrar a estrutura do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

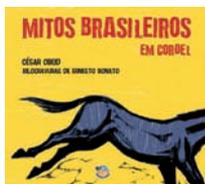
Atualmente, superando-se as delimitações entre cultura das elites e cultura do povo, a categoria específica de patrimônio imaterial, instituída oficialmente no Brasil no ano de 2000, abarca as relações fluidas e mutáveis estabelecidas entre os grupos sociais, seus valores culturais, crenças e ideais. Tão importante quanto os ritos, objetos, danças e cantos associados ao folclore, valoriza-se hoje o que ele representa, os valores e ideais de que é portador.



CNFCP / IPHAN



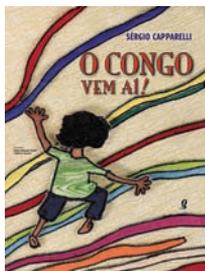
ACI / IPHAN



MITOS BRASILEIROS EM CORDEL

César Obeid. Xilogravuras de **Ernesto Bonato**. Mundo Mirim, 2013. 60p. ISBN 978-85-8232-000-6

A obra reúne os principais mitos do folclore brasileiro como Curupira, Mula sem Cabeça, Boitatá, Iara, Cuca, Mão de Cabelo, Homem do Saco, Lobisomem, Boto, Negrinho do Pastoreio, Saci-Pererê, cantados em versos de cordel. As ilustrações de uma ou duas páginas inteiras são xilogravuras marcantes que reforçam a densidade poética dos versos, sempre leves, às vezes com muito humor, ritmados como música para os ouvidos. Ao final, há um texto informativo (também em versos) sobre os mitos e sobre a literatura de cordel, um exemplo de peleja que brinca com os personagens dos mitos, além de um glossário.



O CONGO VEM AÍ

Sérgio Capparelli. Ilustrações por **Carlos Eduardo Cinelli e Warley Goulart**. Global, 2006. 24p. ISBN 85-260-1113-8

Esse livro rompe com a ideia de que o folclore é algo distante no tempo ou específico de um lugar, apresentando a “Congada” - a passagem do Congo - por meio de uma atmosfera afetiva criada a partir do modo como cada membro da família e da vizinhança se envolve com a festa. Essa afetividade é o mote utilizado pelo autor para transmitir o encantamento e os conteúdos simbólicos de uma festa popular brasileira que torna possível ao leitor reconhecer ou estabelecer relações com outras manifestações culturais, costumes, hábitos que ele porventura vivencie, falando mais alto o sentido que a tradição tem na vida de todos nós.



MARIA PEÇONHA

Texto e ilustrações por **André Neves**. DCL, 2001. 42p. ISBN 85-7338-954-0

Trata-se da criação livre de uma lenda sobre a origem e trajetória da cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul, para apresentar diversos aspectos da tradição gaúcha: a literatura, o chimarrão, o artesanato de bonecas, a vestimenta, as cantigas e brincadeiras, a religião, a contação de histórias. E ainda a crença em bruxas e em suas maldições. O mistério que cerca a origem da protagonista converte seu dom de florir jardins e quintais na maldição de tornar o solo infértil. Dessa forma encantada, o autor revela ao leitor o processo de criação das lendas e histórias da tradição, propiciando a compreensão desse recurso universal para explicar o mundo.



FESTAS: O FOLCLORE DE MESTRE ANDRÉ

Texto e ilustrações por **Marcelo Xavier**. 9.ed. Formato, 2000. 28p. ISBN 978-85-7208-780-3

Com uma introdução divertida sobre o que representa o folclore na cultura de um povo, o livro de caráter informativo reúne algumas das principais festas populares brasileiras: Festa de Iemanjá, Carnaval, Festas Juninas, Festa do Rosário, o Círio de Nazaré e o Natal. Descreve a indumentária, os apetrechos, os adornos, a culinária de cada uma, fornece dados sobre a origem e o cunho religioso, quando é o caso. Numa linguagem coloquial, associada a ilustrações que reproduzem cenas das festas feitas com bonecos de massinha, a narrativa ressalta de modo afetivo a forte presença do folclore na vida de todos nós.

Ver também:

Folia de Reis: a festa em cordel

Texto e ilustrações por **Fábio Sombra**. Bordados por **Sabina Sombra**. Escrita Fina, 2011. 32p.
ISBN 978-85-63877-34-5

Maracatu: a festa em cordel

Texto e ilustrações por **Fábio Sombra**. Bordados por **Sabina Sombra**. Escrita Fina, 2011. 32p.
ISBN 978-85-63877-35-2

Menino parafuso

Olívia de Mello Franco. Ilustrações por **Angelo Abu**. Autêntica, 2008. 36p.
ISBN 978-85-7526-307-5

O imaginário da floresta: lendas e histórias da Amazônia

Vera do Val. Ilustrações por **Luciano Tasso**. WMF Martins Fontes, 2007. 96p.
ISBN 978-85-601-5629-0

Lampião e Lancelote

Texto e ilustrações por **Fernando Vilela**. Cosac Naify, 2006. 52p.
ISBN 978-85-7503-526-9

Quadrinhas Brasileiras

Silvio Romero. Ilustrações por **Rosinha Campos**. Pesquisa e seleção de textos por **Maria Viana**. Scipione, 2006. 32p.
ISBN 978-85-262-6354-3

Minhas rimas de cordel

César Obeid. Ilustrações por **Regina Drozina** e **Valdeck de Garanhuns**. Moderna, 2005. 48p.
ISBN 85-16-04569-2

Uni duni tê

Texto e ilustrações por **Angela Lago**. Moderna, 2004. 40p. Coleção Girassol.
ISBN 8516044106

O rei do mamulengo

Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações por **André Neves**. FTD, 2003. 40p. Coleção Brincante.
ISBN 85-322-5064-5

Sebastiana e Severina

Texto e ilustrações por **André Neves**. DCL, 2002. 40p.
ISBN 978-85-368-0360-9

Gosto de África: histórias de lá e daqui

Joel Rufino dos Santos. Ilustrações por **Claudia Scatamacchia**. Global, 1999. 48p.
ISBN 978-85-260-1020-8

De alfaias a zabumbas

Raquel Nader. Ilustrações por **Rosinha Campos**. Paulinas, 2007. Coleção Brasil Encantado. Série Cheiro da terra
ISBN 978-85-356-1914-0

FOLGUEDOS E BRINCANTES

Chamam-se folguedos os inúmeros festejos populares existentes no país. De caráter lúdico, podem estar associados a motivos religiosos, como na Folia de Reis e no Reisado, mas não necessariamente - como no caso da Congada (relativa à coroação dos reis do Congo) e do Bumba meu Boi (festejos que criam enredos com dança, música e coreografias em torno da figura de um boi). Espalham-se por todo o território nacional, incorporando elementos de origem africana, indígena e europeia. Embora relacionados à espontaneidade das manifestações culturais, apresentam um grau de ritualização e formalização que permite a continuidade - rica, porém com mudanças e adaptações - de suas tradições. Os rituais podem conter danças, coreografias, músicas, representações teatrais, que remetem às mais diversas e longínquas origens étnicas e nacionais, como as Cavalhadas, encenando as batalhas medievais entre mouros e cristãos, ou as citadas Congadas, ou ainda o Tambor de mina, que congrega os ritos africanos à influência da literatura europeia.

Costuma-se dizer que os brincantes são os participantes dos folguedos. Mais do que isso, na verdade, são os artistas populares dedicados à interpretação e vivificação contínuas dos folguedos, produtores dessa expressão cultural e os responsáveis por sua manutenção.

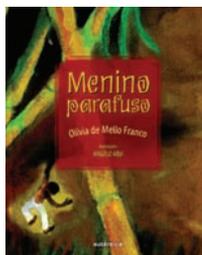
Como referências culturais nacionais, folguedos e brincantes têm recebido, desde 2000, a proteção oficial do Estado brasileiro, por meio do registro dos bens imateriais, dos inventários e dos planos de preservação desenvolvidos pelo IPHAN. Já se encontram registrados como patrimônio imaterial, entre outros, o Complexo Cultural do Bumba meu Boi do Maranhão (2011) e o Frevo (2007).



Tambor de crioula, Maranhão. Dossiê IPHAN.



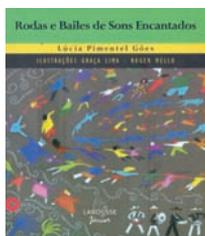
Tambor de crioula. São Luis/MA. IPHAN.



MENINO PARAFUSO

Olívia de Mello Franco. Ilustrações por **Angelo Abu.** Autêntica, 2008. 36p.
ISBN 978-85-7526-307-5

A obra apresenta o “Folguedo do parafuso”, só praticado em Sergipe. Com leveza e perspicácia, a narrativa verbo-visual transmite a espontaneidade que caracteriza o surgimento e a permanência das manifestações folclóricas, mostrando que ao longo do tempo novos sentidos lhes são atribuídos. O bailado do menino de peito despido, que percorre quintais, sobe em árvores e se equilibra no varal de roupas, cria a atmosfera da brincadeira, revelando que as expressões folclóricas estão conectadas às maneiras de se viver, aos espaços de moradia, aos tipos de trabalho, aos modos de se vestir. As festas não acontecem todos os dias, mas celebram a vida de todos os dias.



RODAS E BAILES DE SONS ENCANTADOS

Lúcia Pimentel Góes. Ilustrações por **Graça Lima e Roger Mello.** Editora Larousse Junior/ Escala, 2005. 32p.
ISBN 857635053x

Reconto e recolha de histórias folclóricas de vários países, inclusive o Brasil, em que a música e a dança são apresentadas de forma associada. Para mostrar esse universo, são narrados os mais inexplicáveis feitiços, disparados a partir de algum som melódico que pode vir da natureza ou de algum instrumento, na verdade não importa muito de onde vem, mas o efeito que causa: impossível não dançar. A música é instrumento de revelação, de transformação da realidade - é universal, presente em todas as culturas, não importando os instrumentos ou os gêneros.



DE ALFAIAS A ZABUMBAS

Raquel Nader. Ilustrações por **Rosinha Campos.** Paulinas, 2007. Coleção Brasil Encantado. Série Cheiro da terra
ISBN 978-85-356-1914-0

O livro propõe ao leitor que se transforme num brincante do Maracatu, por meio das ilustrações e do texto que juntos reproduzem o ritmo, o colorido e a cadência do cortejo que caracteriza essa festa de origem afrodescendente. Depois do convite inicial, a narrativa segue apresentando a indumentária, os instrumentos, os personagens e a linguagem dos versos cantados, de modo a fazer o leitor experimentar a festa. Ao fim do livro, são fornecidas informações históricas, um glossário e dados sobre as várias versões dessa manifestação que surgiu em Pernambuco e é hoje praticada em diversos lugares do país e do mundo.

Ver também:

O Congo vem aí

Sérgio Capparelli. Ilustrações por **Carlos Eduardo Cinelli** e **Warley Goulart.** Global, 2006. 24p.
ISBN 85-260-1113-8

O rei do mamulengo

Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações por **André Neves.** FTD, 2003. 40p. Coleção Brincante.
ISBN 85-322-5064-5

Cavalcadas de Pirenópolis

Texto e ilustrações por **Roger Mello.** Agir, 2002. 24p.
ISBN 85-220-0480-3

Sebastiana e Severina

Texto e ilustrações por **André Neves.** DCL, 2002. 40p.
ISBN 978-85-368-0360-9

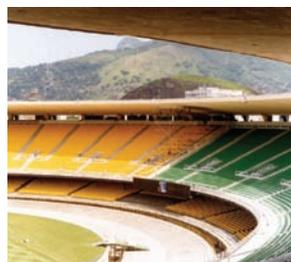
Festas: o folclore de mestre André

Texto e ilustrações por **Marcelo Xavier.** 9.ed. Formato, 2000. 28p.
ISBN 978-85-7208-780-3

FUTEBOL E PATRIMÔNIO

O “tradicional esporte bretão”, o futebol, chegou ao Brasil ainda no século XIX e, de lá para cá, tornou-se uma verdadeira paixão nacional. Por seu alto grau de envolvimento emocional, atingindo mesmo os que não lhe reconhecem a importância, enraizou-se em nosso cotidiano, ao ponto de termos incorporado, nas mais variadas situações de uso da língua, termos e expressões que são próprias do jogo: “pisar na bola” (quando alguém faz algo errado, condenável), “entrar de sola” (ir direto ao assunto, sem fazer cerimônia), “bater na trave” (quase acontecer ou conseguir algo), “tirar o time de campo” (desistir de algo). Esses são bons exemplos, entre tantos outros, de expressões incorporadas ao nosso falar.

Durante muito tempo tema marginal nos estudos acadêmicos brasileiros, o futebol foi muitas vezes utilizado apenas para fins demagógicos, obtendo só mais recentemente maior reconhecimento do ponto de vista cultural por parte do Estado brasileiro. Um marco dessa mudança de atitude diante do esporte é o tombamento em 2000 do estádio do Maracanã (Estádio Mário Filho), no Rio de Janeiro, pelo IPHAN. O processo de tombamento tramitou por 17 anos, até que os critérios para a sua valoração considerassem mais o seu valor como palco de uma das maiores manifestações populares do Brasil do que os seus outros valores histórico ou artístico-estético, referindo-se especialmente à sua “extraordinária monumentalidade”, “à monumentalidade da massa que o utiliza” e ao “seu valor simbólico para a quase totalidade do povo brasileiro”. Alvo de recentes polêmicas por conta das reformas estruturais que vem sofrendo para se adequar à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas do Rio de 2016, o Maracanã é um ícone, talvez o mais significativo, da identidade entre o futebol e a população brasileira.



Maracanã (Rio de Janeiro). AC/RJ



Maracanã (Rio de Janeiro) em dia de jogo. Foto de Oscar Liberal.



O CACHORRO QUE JOGAVA NA PONTA ESQUERDA

Luis Fernando Verissimo. Ilustrações por **Aroeira**. Rocco Jovens Leitores, 2010. 80p.
ISBN 978-85-7980-005-4

Com leveza e humor, a obra apresenta a prática do futebol não como um pano de fundo da narrativa, mas como o “protagonista” dos acontecimentos - um espaço social em que se afirmam as individualidades, estabelecem-se as relações entre as crianças e seus pares adultos, e onde uma manifestação cultural revela-se capaz de agregar pessoas de origem diversa segundo uma nova ordem, criada em torno da prática do jogo. O “campinho” metaforiza a presença do futebol na cultura brasileira, com situações do cotidiano infantil e adulto, sendo um significativo espaço de convívio entre esses dois mundos e envolvendo os conhecidos papéis de jogador, técnico, torcedor, juiz, político, “elemento surpresa”, os quais o leitor certamente vai reconhecer.



A BOLA E O GOLEIRO

Jorge Amado. Ilustrações e capa por **Kiko Farkas/ Máquina Estúdio**. Companhia das Letrinhas, 2008. 32p.
ISBN 9788574063300

O livro celebra a paixão nacional pelo futebol transformando a bola no personagem principal, que tem vontade própria e que, por sua vez, é também movida a paixão. “A bola”, ou seja, a “vida” presente em qualquer bola, nessa divertida história, tem o poder de transformar um goleiro sem expressão no maior goleiro de todos os tempos para enfrentar o maior de todos os artilheiros, prestes a marcar mil *gols*. Numa clara alusão ao nosso rei do futebol, a bola sintetiza o jogo em si, que deve ser o protagonista, afinal!



UMA HISTÓRIA DE FUTEBOL

José Roberto Torero. Ilustrações por Cassio Loredano. Objetiva, 2002. 80p.
ISBN 85-7302-471-2

A história é sobre o crescimento e a formação da identidade de um menino no interior de São Paulo, no contexto da Copa do Mundo de 1950, com referências à biografia de Pelé. A prática generalizada desse esporte no Brasil desde a infância, como algo acessível a todos, é exemplificada com o “campinho de futebol”, presente, certamente, na quase totalidade dos municípios brasileiros. Por meio do jogo, manifesta-se a vida coletiva, na qual se incluem os adultos e as crianças - estágios de vida diferentes que nesse universo encontram modos de intercambiar experiências.

LITERATURA DE CORDEL

Podemos dizer que a tradição oral está presente em todos os povos, porém a literatura de folhetos nordestina ganhou uma forma peculiar a partir do trabalho de artistas populares e talentosos, que através dos seus poemas, cantorias e desafios não somente utilizaram os passos do enredo lusitano, mas recriaram uma literatura própria de seus contextos sociopolítico e econômico extremamente brasileiros, que persistem até os dias de hoje, contando memórias do passado. A tradição oral está presente em todas as civilizações conhecidas e possui um alcance maior do que a tradição escrita, relativamente recente na história humana. A literatura de cordel, ou literatura de folhetos nordestina, insere-se nessa tradição ancestral, porém com contornos singulares, a partir do trabalho de artistas populares com pouca ou quase nenhuma inserção na cultura escrita, que criam e recriam uma literatura típica, por meio da recitação de poemas, desafios e das cantorias, adaptados aos seus contextos sociopolíticos e econômicos, recontando memórias do passado. A tradição dos versos cantados e rimados que caracteriza essa forma literária mantém um diálogo permanente com outras tradições literárias mais antigas. Os temas advindos de qualquer fonte, incluindo os da chamada literatura erudita, são por ela retrabalhados, adaptados à forma típica dos versos setissílabos rimados, dentro de uma estrutura fixa de enredo e tipos de personagem. Dessa forma, elementos de um universo cultural erudito assumem contornos populares, apropriados ao gosto do público cativo desse tipo de literatura.



Capa de livros de cordel. CNFCP/IPHAN



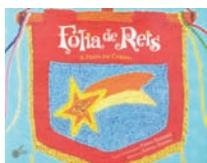
Capa de livros de cordel. CNFCP/IPHAN



MINHAS RIMAS DE CORDEL

César Obeid. Ilustrações por **Regina Drozina** e **Valdeck de Garanhuns**. Moderna, 2005. 48p.
ISBN 85-16-04569-2

Ao utilizar temas muito comuns e revelar o modo de se fazerem os versos, o autor desconstrói a ideia de que a literatura de cordel é um gênero específico de um lugar, ou distante no tempo. Ao contrário, é atual e se presta para falar sobre qualquer assunto. Os temas se organizam em ditados, adivinhas e conto. Instigam o leitor, que reconhece ditos populares muito conhecidos, superstições das quais já ouvimos falar, credices que muitos de nós ou de nossos parentes compartilham, mostrando a arte do cordel como algo vivo e presente na cultura brasileira.



FOLIA DE REIS: A FESTA EM CORDEL

Texto e ilustrações por **Fábio Sombra**. Bordados por **Sabina Sombra**. Escrita Fina, 2011. 32p.
ISBN 978-85-63877-34-5



MARACATU: A FESTA EM CORDEL

Texto e ilustrações por **Fábio Sombra**. Bordados por **Sabina Sombra**. Escrita Fina, 2011. 32p.
ISBN 978-85-63877-35-2

As duas obras fazem parte da coleção "A festa em cordel" que, como diz o nome, apresenta o enredo das festas do Maracatu e da Folia de Reis - a primeira de origem afrodescendente e a segunda de origem europeia - em versos da literatura de cordel. O projeto gráfico original traz os elementos formais do folheto rústico tradicional do Cordel, utilizando como vinhetas bordados que fazem referência à indumentária, a bandeiras e ornamentos dos cortejos, além de ilustrações que reproduzem o grafismo da xilogravura. Dessa forma, nas duas obras associam-se diversas manifestações culturais - a festa, o cordel, o trabalho artesanal dos bordados, a xilogravura -, mostrando de modo lúdico a riqueza do folclore brasileiro.

Ver também:

Lampião e Lancelote

Texto e ilustrações por **Fernando Vilela**. Cosac Naify, 2006. 52p.
ISBN 978-85-7503-526-9

Uma cidade de carne e osso - casos do interior
Maria José Silveira. Ilustrações por **Maria Eugênia**. FTD, 2004. 112p. Coleção Há Casos.
ISBN 85-322-5221-4

Mitos brasileiros em cordel

César Obeid. Xilogravuras de **Ernesto Bonato**. Salesiana, 2008. 64p.
ISBN 9788575472651

PAISAGEM CULTURAL

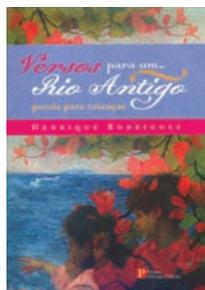
Oriunda da Geografia, a noção de paisagem cultural passou a ser utilizada oficial e amplamente pela UNESCO em 1992, no contexto de mudanças maiores na valorização do desenvolvimento sustentável e de outras estratégias de integração entre o homem e a natureza. Definida usualmente como toda paisagem alterada pelo homem, essa noção foi transportada para o campo da preservação do patrimônio cultural, no qual tem sido empregada de maneira mais específica, buscando relacionar e integrar diversos aspectos do patrimônio cultural que historicamente foram trabalhados separadamente: patrimônio cultural e natural, material e imaterial. As paisagens culturais podem ser vistas como combinações de ações humanas e naturais, que se refletem em cenários territorialmente delimitados, representações materiais da memória coletiva. No Brasil, o tema tem despertado interesse mais recentemente, mobilizando discussões e ações de preservação diversas, entre elas o reconhecimento como patrimônio da humanidade da paisagem cultural da cidade do Rio de Janeiro e a candidatura das paisagens culturais da imigração no sul do Brasil ao patrimônio mundial.



Prata de Copacabana. Acervo particular



Ivoit/RS. AC/RI.



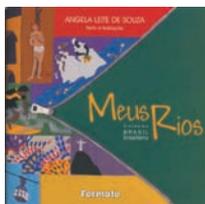
VERSOS PARA UM RIO ANTIGO

Henrique Rodrigues. Ilustrações por **Camila Perlingeiro.**

Pinakotheke, 2007. 24p.

ISBN 978-85-7191-049-2

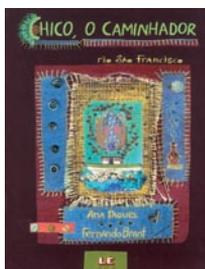
O livro escrito em versos promove um percurso pelas paisagens do Rio antigo por meio da iconografia histórica do século XIX. O texto vai devagarinho criando o aprendizado do olhar e estimula o leitor a reconhecer as antigas paisagens nas atuais que conhecemos - o passeio pela memória de um lugar in-forma e enriquece a nossa percepção do presente. A paisagem (natural ou modificada pela ação humana) é apresentada como algo que se refere ao universo cultural, ou seja, retratadas numa pintura, fotografia ou apenas fazendo parte do ambiente que nos cerca, as paisagens importam pelo modo como nos apropriamos delas, revelando-se sempre um bem cultural.



MEUS RIOS

Texto e ilustrações por **Angela Leite de Souza**. Formato, 2000. 36p. ISBN 85-7208-283-2

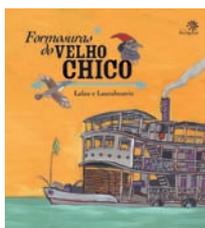
Meus Rios é composto por 13 poemas criados e ilustrados pela autora. Surgem, nas ilustrações do livro, pontos conhecidos e consagrados do Rio de Janeiro, como suas praias, o Pão de Açúcar, o Maracanã, o Jardim Botânico, o Corcovado e o Cristo Redentor, o Forte de Copacabana; também aparecem os Arcos da Lapa, o Outeiro da Glória, o Monumento aos Pracinhas. Nesse passeio, estabelece-se a conexão entre os tempos passado e presente, demonstrando que a construção da memória é tanto individual como coletiva. O movimento de perambular por lugares favoritos insinua uma aproximação com as preferências e experiências dos leitores, sugerindo que qualquer cidade pode ser descrita em versos.



CHICO, O CAMINHADOR

Fernando Brant e Ana Raquel. Ilustrações por **Ana Raquel**. Editora Lê, 2005. ISBN 85-329-0687-7

Neste livro o universo do rio São Francisco é recriado pela beleza plástica da colagem de imagens que associa fotos, desenhos, vinhetas e outros elementos gráficos de forma muito feliz. A "estética da colagem", que articula numa mesma página diversos elementos, parece reproduzir a própria estética de ocupação da beira rio - as moradas, as tinas de roupa, os vasos artesanais, as rendas -, e traduz a identidade de uma população, o seu modo de estar no mundo. Os aspectos socioeconômicos das populações ribeirinhas e o alerta para a preservação ambiental do São Francisco são temas, que de forma poética, o texto verbal se encarrega de abordar.



FORMOSURAS DO VELHO CHICO

Lalau. Ilustrações por **Laurabeatriz**. Peirópolis, 2011. 42p. ISBN 978-85-7596-209-1

O livro apresenta de forma simples, quase enumerativa, a complexidade do universo do rio, intercalando sua dimensão natural (peixes, pássaros, frutos, águas e suas correntezas) e sua dimensão cultural (lendas, religiosidade, festas, o rio como percurso e ligação entre cidades, como via de transporte, como via de comercialização de frutos e peixes da região). Sugere o rio como criador de um modo de viver e, por meio de singelas poesias e da linguagem figurativa das imagens, promove a interação entre personagens e elementos do rio, proporcionando uma leitura cativante e prazerosa.

Ver também:

Maria Peçonha

Texto e ilustrações por **André Neves**. DCL, 2001. 42p. ISBN 85-7338-954-0

Mururu no Amazonas

Flávia Lins e Silva. Ilustrações por **Maria Ines Martins e Silvia Negreiros**. Manati, 2010. 86p. ISBN 978-85-862-1869-9

PASSOS

Os passos da procissão estão presentes em diversas cidades coloniais brasileiras. Em algumas, são quadros armados nas ruas e portas das igrejas, em outras são capelas. Sua disposição obedece ao trajeto da procissão, permitindo aos fiéis reviverem as etapas da Paixão de Cristo. Esse ritual segue a tradição europeia constituída em substituição às peregrinações à Terra Santa - Jerusalém. Na maioria das cidades brasileiras as capelas se mesclam ao casario, sendo exceção o Santuário de Congonhas, que segue o modelo monumental da construção do Sacro Monte, em Varallo, na Itália, iniciada no século XVI e concluída no século XVII, com quarenta capelas, que inspirou outras construções do gênero, inclusive o Santuário de Bom Jesus do Monte, em Braga, Portugal.

Todos os passos de Ouro Preto, por exemplo, foram tombados individualmente pelo IPHAN e inscritos no Livro de Tombo de Belas Artes, em 8 de setembro de 1939.

Assim como os Passos da Paixão, numerosas outras referências religiosas estão presentes no nosso cotidiano, desde edificações como igrejas e catedrais, até objetos de uso pessoal, como colares, contas, cruzeiros, além de manifestações culturais como as festas tradicionais, as antigas canções populares, gestos e expressões comuns que revelam um traço marcante da cultura brasileira.



Passos (MG). Arquivo Central do IPHAN/RJ



A PEDRA COM O MENINO

Ronaldo Simões Coelho. Ilustrações por **Denise Nascimento.** Paulus, 2006. 56p.
ISBN 85-349-2583-6

A história narra a aventura de duas crianças que moram em Minas Gerais e são responsáveis por cuidar de um dos Passos da cidade, durante as comemorações da Semana Santa - o que já coloca as crianças na perspectiva de guardiãs desse patrimônio. Movidas por sua curiosidade e engenhosidade características da infância, descobrem uma pintura escondida atrás de um dos quadros que decoram o passo. Ao buscarem informação sobre a autoria, a narrativa introduz a história de dois grandes ícones da produção artística do século XVIII, Manoel da Costa Ataíde e Aleijadinho, associando a herança cultural à produção de conhecimento e ao desenvolvimento dos novos processos criativos.

Ver também:

Dirceu e Marília

Texto e ilustrações por **Nelson Cruz.** Cosac Naify, 2007. 40p.
Coleção Histórias para contar história.
ISBN 978-85-7503-577-1

Mestre Lisboa, o Aleijadinho

Texto e ilustrações por **Nelson Cruz.** DCL, 2007. 40p.
ISBN 978-85-368-0360-9

PATRIMÔNIO RURAL

Habitualmente, pensamos o patrimônio cultural relacionado às cidades e à vida urbana. Cidades históricas, museus, igrejas, além de manifestações culturais diversas, como celebrações (os congados, o bumba meu boi, o samba de roda) e expressões musicais populares (samba, jongo, frevo) têm sido alvo da proteção do Estado brasileiro. Mas outras formas de patrimônio, fora das cidades, também tiveram a atenção das políticas de preservação do patrimônio cultural, ainda que em menor escala. Um bom exemplo disso são as fazendas de café do Vale do Paraíba, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Surgidas no apogeu da produção cafeeira do século XIX, deixaram seu rico legado de moradias e lugares que remetem à experiência da economia escravista daquele período histórico e que nos ensinam sobre como eram e como são hoje os modos de viver, morar e trabalhar no campo. Recentemente, muitas dessas fazendas se tornaram foco de roteiros turístico-culturais, contribuindo para revitalizar a região. A fazenda Santa Eufrásia, em Vassouras, é um desses exemplares de fazenda tombada em 1970 pelo IPHAN por seu valor histórico como representante do ciclo do café e da arquitetura do século XIX.



Fazenda (RJ). ACI/RJ.



Fazenda (RJ). ACI/RJ.



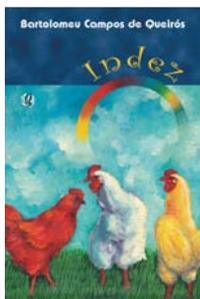
Fazenda da Hera, Vassouras (RJ). ACI/RJ.



PONTE PONTEIO

Leny Werneck. Ilustrações por **Rui de Oliveira.** Galera Record, 2011. 48p.
ISBN 978-85-01-08347-0

Ponte Ponteio conta a história de uma menina que passa regularmente as férias na fazenda de seus avós e tios e experimenta o impulso de crescer associado à perda iminente do “lugar” de sua infância: a antiga fazenda de café, há tempos em dificuldades, que se encontra na iminência de ser vendida. O intercâmbio entre os adultos, que detêm a dimensão mais objetiva do problema, e as crianças reflete-se no desejo da menina de intervir na realidade da fazenda. A menina quer construir uma ponte! A ponte é, por si mesma, símbolo da transposição de obstáculos, da ideia de movimento, da passagem de uma etapa de vida para outra e da opção que temos, por meio da memória, de “ligar” passado e presente - construir uma ponte num contexto de perda e de transformação é falar de memória.



ÍNDEZ

Bartolomeu Campos de Queirós. Global, 2004. 96p.
ISBN 85-260-0958-3

A narrativa memorialista trata de temas como os modos de brincar e, nesse caso, demonstra que a brincadeira faz o brinquedo e não o contrário. Também apresenta os modos de falar, de morar - os espaços da casa, o mobiliário, os utensílios -, as credences, o trabalho na lavoura, os bichos, as tarefas domésticas, as comidas, os recursos medicinais tradicionais, as celebrações, enfim, tudo isso é dado a conhecer a partir dos significados que assume na vida familiar. Assim, o livro apresenta uma série de manifestações culturais associadas ao seu sentido afetivo que permite ao leitor delas se apropriar a partir de suas próprias vivências.

Ver também:

Contas de dividir e trinta e seis bolos

Cora Coralina. Ilustrações por **Claudia Scatamacchia.**
Global, 2011. 48p.
ISBN 978-85-260-1590-6

Poema do milho

Cora Coralina. Ilustrações por **Lélis.** Global Editora, 2006. 32p.
ISBN 978-85-260-1065-9

A menina Luzia

Stella Maris Rezende. Ilustrações por **Rosinha.** DCL, 2012. 48p.
ISBN 978-85-368-1291-5

QUILOMBOS

Durante muito tempo, pensou-se que os quilombos pertencessem à época da escravidão no Brasil e que houvessem desaparecido com a Abolição da Escravatura, em 1888. Associados à ideia de fuga e resistência à escravidão, disseminou-se a informação de que teriam desaparecido por completo. Nas últimas décadas, porém, foi se descobrindo um significativo universo de quilombos e quilombolas ainda existentes no Brasil. D denominados “terras de pretos” ou “territórios negros”, os quilombos haviam permanecido quase ocultos até a Constituição de 1988 determinar que ficassem “tombados todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos”. Isso abriu um enorme leque de possibilidades e responsabilidades por parte do Estado brasileiro para com os quilombolas. Coube à Fundação Palmares a certificação dessas áreas quilombolas, fornecendo-lhes o título dessas terras.

Atualmente, de maneira mais ampla, entende-se por quilombos as comunidades rurais de afrodescendentes formadas tanto a partir das fugas de escravos quanto por outros mecanismos, tais como: doações, heranças, compras ou a simples posse das terras já ocupadas por eles, seja durante a vigência do regime escravocrata seja após a sua extinção. Essa concepção ampliada do que sejam os quilombos, assim como o reconhecimento gerado pela Constituição brasileira, contribuiu para seu resgate e sua valorização como elementos fundamentais da identidade cultural afrodescendente no Brasil.



Casa, ACI/RJ.



UM QUILOMBO NO LEBLON

Luciana Sandroni. Ilustrações por **Carla Irusta.** Pallas, 2011. 104p.
ISBN 978-85-347-0453-3

Com uma proposta ficcional de caráter informativo, a obra inova ao abordar o tema dos quilombos e quilombolas, em geral, restrito ao estudo de historiadores e especialistas na nossa herança afrodescendente. A história sobre um quilombo urbano abolicionista intercala situações de vida comuns nos tempos da escravidão e as lutas travadas para a sua extinção, com informações históricas mescladas ao texto ficcional ou destacadas às margens das páginas, com o recurso do hipertexto. Com sensibilidade, a narradora humaniza os conflitos e mostra a perspectiva de envolvimento e parceria necessários entre pessoas reais, para que os acontecimentos tenham lugar e ganhem, com o tempo, a chancela de “históricos”.

Ver também:

Capoeira camará

Cesar Cardoso. Ilustrações por **Graça Lima.** Paulus, 2012. 64p.
ISBN 978-85-349-3291-2

Maria Peçonha

Texto e ilustrações por **André Neves.** DCL, 2001. 42p.
ISBN 85-7338-954-0

Gosto de África: histórias de lá e daqui

Joel Rufino dos Santos. Ilustrações por **Claudia Scatamacchia.** Global Editora, 1999. 48p.
ISBN 978-85-260-1020-8

SAMBA

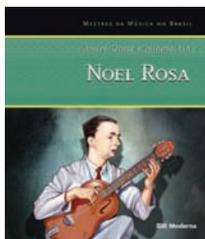
O samba é, hoje, reconhecidamente uma das expressões de maior carga simbólica para a identidade nacional brasileira. Mais do que um simples gênero musical, a palavra samba abrange um amplo leque de “expressões musicais, coreográficas e poéticas”. A experiência do samba se assenta em elementos simples e fundamentais: a oralidade, a participação coletiva e a convivência. Adquiriu sua forma característica na primeira metade do século XX, sofrendo, entretanto, contínuas transformações de lá para cá. Surge na cidade, mas incorpora elementos rurais; é expressão da identidade afrodescendente, mas perpassa todo o tecido social e apresenta variações e modalidades em todo o território nacional. Criado pela expressão de segmentos sociais marginalizados, juntamente com o choro inaugurou a história da música genuinamente brasileira, e foi alcançando os mais variados segmentos sociais e regiões do país, tornando-se um “signo da identidade brasileira para todo o mundo”. Nesse processo, em que alcançou o reconhecimento nacional e internacional, sofreu o impacto da indústria cultural e da ação do Estado brasileiro, mudando seus processos criativos, cada vez mais individuais e menos coletivos, e operando seleções que muitas vezes domesticaram seu conteúdo político-social. Ainda assim, permaneceu como força cultural viva, cultivado pelas comunidades que o mantêm e o recriam todo o tempo. Reconhecer o samba como patrimônio cultural brasileiro significa valorizar a riqueza e diversidade de expressões, em todas as suas variações regionais. O IPHAN registrou como patrimônio imaterial as Matrizes do Samba no Rio de Janeiro (2007) - o partido alto, o samba de terreiro e o samba-enredo; o Samba de Roda do Recôncavo Baiano (2004) - a primeira expressão cultural ligada a esse universo a receber o título de patrimônio imaterial; o Jongo no Sudeste (2005); e o Tambor de Crioula do Maranhão (2007).



Dossiê Samba de Roda.

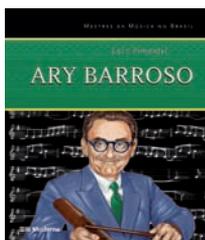


Dossiê das Matrizes do Samba.



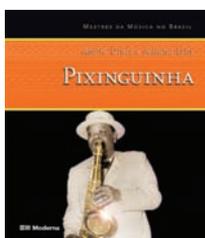
NOEL ROSA

André Diniz e Juliana Lins. Moderna, 2008. 40p. Mestres da Música no Brasil
ISBN 978-85-16-06032-9



ARY BARROSO

Luís Pimentel. Moderna, 2008. 32p. Mestres da Música no Brasil
ISBN 9788516057428



PIXINGUINHA

André Diniz e Juliana Lins. Moderna, 2003. 32p. Mestres da Música no Brasil
ISBN 85-160-3273-6

As três obras fazem parte da coleção "Mestres da Música no Brasil", com enfoque na biografia de compositores considerados inovadores e criadores da "identidade artística nacional". Para isso a coleção busca conectar a vida desses artistas com o contexto histórico que permitiu a criação e evolução dos gêneros musicais brasileiros. A nossa música, com toda a sua diversidade, constituiu ao longo do tempo um dos traços identitários mais fortes da nossa cultura. As três narrativas escolhidas apresentam a afirmação do choro e do samba como criações musicais genuinamente brasileiras por meio da biografia de três dos seus grandes compositores: Pixinguinha (1897-1973), Noel Rosa (1910-1937) e Ary Barroso (1903-1964). As obras ampliam o sentido do relato biográfico ao criar nexos entre a vida dos músicos e a história da música brasileira. Contextualizam os modos de morar e de viver, fazendo-nos conhecer, especialmente, a história da cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX - período caracterizado por grandes turbulências econômicas, sociais e políticas, mas também marcado pela popularização do rádio, pela paixão crescente pelo cinema, pelo desenvolvimento dos transportes, e pela "militância" dos artistas, comprometidos que estavam com a ideia de um Brasil moderno e autêntico, contra os "estrangeirismos" no modo de falar, nas letras e melodias das músicas.

A obra sobre Pixinguinha, além de estabelecer essas conexões, transmite, com naturalidade, o surgimento de um gênio, aproxima o leitor da possibilidade artística, quando assume o princípio de que, muito mais do que a certeza de "se saber" talentoso, a vontade de seguir trabalhando e se aperfeiçoando é o que faz o artista. Na obra sobre Noel, o narrador é um motorista de táxi que convida o leitor como o próximo passageiro de um passeio pela memória da cidade. Essa estratégia é muito bem sucedida no sentido de demonstrar que o artista e sua obra traduzem o seu tempo e lugar. No caso de Ary, a narrativa apresenta a versatilidade do músico que também foi locutor esportivo, animador de programas de calouros, vereador, jornalista. Os três textos dialogam com letras de música, narrando as motivações e o jeito de viver cotidiano dos artistas.



O tema da riqueza e da diversidade cultural e simbólica de cada povo - seja tribo, clã, nação ou etnia - é de extrema relevância para a discussão sobre o patrimônio porque promove a reflexão a respeito dos valores que a nossa sociedade atribui a certos objetos culturais que elegemos como dignos de serem preservados e valorizados.

As preocupações mais contemporâneas, derivadas da antropologia e da história cultural, nas quais o estudo sobre os códigos simbólicos dos diferentes grupos culturais possibilita uma reflexão sobre a multiplicidade de identidades que compõem os povos, obrigam-nos a não estabelecer uma hierarquia de valores entre elas.

A constituição de 1988 é um marco na valorização da diversidade cultural: Art. 215 - § 1º "o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional"; Art. 216 - "Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira".

"O processo de ampliação da noção de 'patrimônio histórico e artístico nacional' tem sido instigado pelos desafios que se apresentam a todos os que trabalham nesse campo da cultura, em decorrência de nossa riquíssima diversidade cultural. Diversidade não apenas no sentido da multiplicidade de influências e manifestações que povoam nosso território brasileiro, como também pela coexistência, cada vez mais frequente, nos diferentes contextos culturais, de tradição e modernidade [...]" (FONSECA, 2003, p. 9).

CRIAÇÃO LINGUÍSTICA

Como expressão criadora, a língua contempla a manifestação individual, ao mesmo tempo que traduz a identidade coletiva dos grupos que a constituem e dela se utilizam. A valorização das infinitas maneiras de apreensão e descrição da realidade proporcionada pelas línguas, tanto em nível da criação individual quanto da criação das diversas comunidades linguísticas, passa necessariamente pelo reconhecimento político e social das comunidades e conseqüentemente do seu direito a sua identidade linguística. Daí a importância de documentos internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (publicada pela UNESCO em 1996), a qual estabelece, em seu artigo 7º, que "todas as línguas são a expressão de uma identidade colectiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar-se das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções" e que "cada língua é uma realidade constituída colectivamente e é no seio de uma comunidade que ela está disponível para o uso individual como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressão criadora".



Diamantina (MG). ACI/RJ.

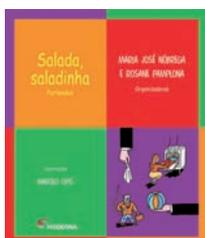


Índia em Parati (RJ). Lucas Landau.



MARCELO, MARMELO, MARTELO E OUTRAS HISTÓRIAS
Ruth Rocha. Ilustrações por **Mariana Massarani.** Salamandra, 2011. 64p. ISBN 978-85-16-07149-3

A autora trata da relação afetiva entre pais e filhos no processo natural de aprendizagem da língua materna vivido por todos nós na infância. Quando o protagonista, um menino, reinventa seu modo de falar, nos faz lembrar que a linguagem só é possível como uma prática social, ou seja, quando é resultado da interação entre os membros de uma comunidade, seja uma família, uma cidade, região ou país, grupos que se diferenciam por faixa etária, classe social ou gênero. A construção coletiva dessa linguagem é fundadora da interação humana e da capacidade de criar cultura. Na linguagem residem os fundamentos do que chamamos de identidade - conceito presente em toda a reflexão sobre o patrimônio cultural de um povo.



SALADA, SALADINHA: PARLENDAS
Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona (Org.). ilustrações por **Marcelo Cipis.** Moderna, 2005. 56p. ISBN 8516045749

O livro reúne variadas parlendas, trava-línguas, adivinhas das mais conhecidas e tradicionais. Com um projeto gráfico divertido, como também são as brincadeiras com a linguagem, os leitores meio esquecido ou aqueles que desconhecem os jogos com as palavras logo são estimulados a lembrar ou a intuir os versos e as rimas. Trata-se de um registro das brincadeiras faladas que revela o poder que a linguagem tem para entreter e, de modo infinito, acolher a nossa imaginação em qualquer tempo e lugar.



QUADRINHAS BRASILEIRAS
Silvio Romero. Ilustrações por **Rosinha Campos.** Pesquisa e seleção de textos por **Maria Viana.** Scipione, 2006. 32p. ISBN 9788526263543

A obra reúne quadrinhas recolhidas por Silvio Romero (1851-1914), importante folclorista, crítico, ensaísta, professor e historiador da literatura brasileira, numa edição com ilustrações que contribuem para salientar o caráter lúdico dos versos, tornando a leitura prazerosa e capaz de instigar o interesse do leitor pelos jogos com a linguagem. Com a forma poética das quadrinhas, são apresentadas pequenas histórias ou apenas versos há muito presentes no folclore e na tradição oral brasileira.

Ver também:

Brincantes poemas

César Obeid. Ilustrações por **Avelino Guedes.** Moderna, 2011. 40p. ISBN 978-85-160-7118-9

Contas de dividir e trinta e seis bolos

Cora Coralina. Ilustrações por **Claudia Scatamacchia.** Global, 2011. 48p. ISBN 978-85-260-1590-6

CULTURA AFRODESCENDENTE

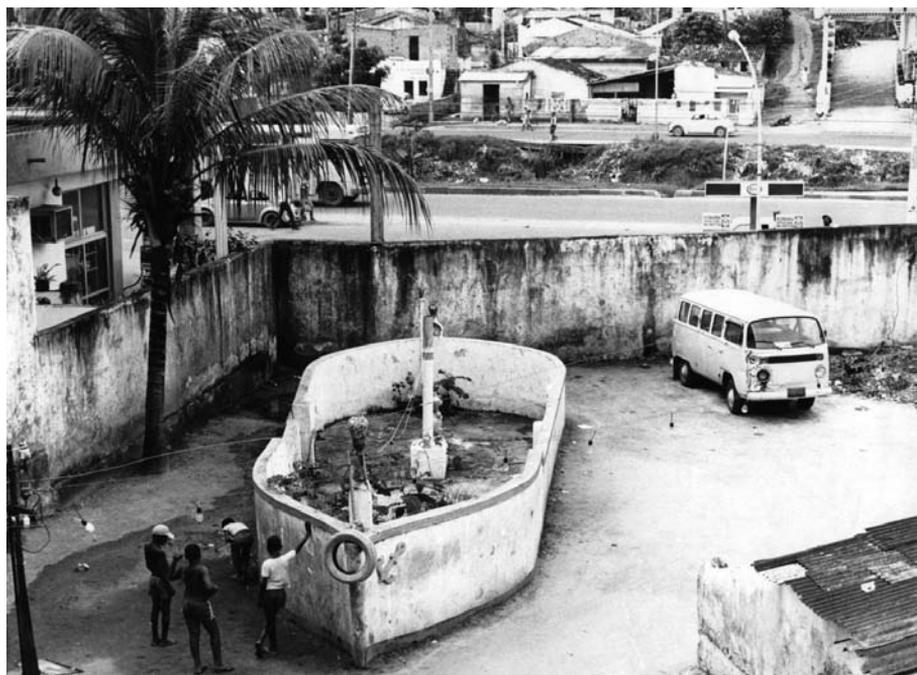
Um exemplo da valorização recente da cultura de origem africana é o atual levantamento sobre os terreiros, que está sendo realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), iniciado em dezembro de 2006.

A Bahia possui cinco terreiros de candomblé tombados e reconhecidos como patrimônio histórico nacional. O primeiro, em 1984, foi o da Casa Branca do Engenho Velho, em Salvador. Seguiram-se Ilê Axé Opô Afonjá, Gantois, Bate-Folha e Alaketo.

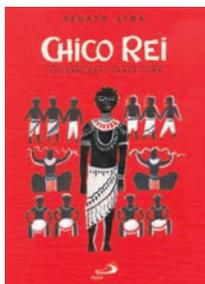
Nas últimas décadas, os movimentos negros passaram a lutar pela promoção da cultura de origem africana, reivindicando o mesmo reconhecimento social e político para as suas expressões culturais. Desse modo, além da valorização já existente das construções de origem europeia, passou-se também a valorizar outras manifestações culturais, como as festas, os terreiros, os saberes populares (a alimentação, a medicina, os ofícios, etc.), assim como diferentes expressões religiosas e artísticas: o candomblé, a capoeira, o jongo, entre outras.



Jongo. CNFCB/IPHAN.



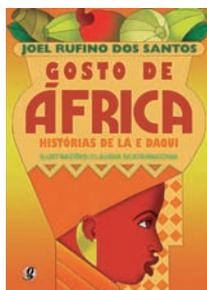
Terreiro (BA). ACU/RJ.



CHICO REI

Renato Lima. Ilustrações por **Graça Lima.** Paulus, 2006. 32p.
ISBN 85-349-2497-X

A narrativa, conduzida por uma proposta ficcional, veicula noções de história da escravidão africana no Brasil e, em particular, em Minas Gerais. Tomando como gancho a tradição lendária da mina de ouro perdida de Chico Rei, o livro apresenta o relato histórico na voz de uma de suas personagens, propondo um enfoque contemporâneo da escravidão negra, mais atento às resistências e negociações que permitiram aos escravos lutarem por sua própria liberdade, mostrando-se sujeitos, e não vítimas passivas, de sua história. Ao se referir à Vila Rica, atual Ouro Preto, promove a memória de um período histórico - o chamado "ciclo do ouro" - materializado nessa cidade, hoje tombada pelo IPHAN.



GOSTO DE ÁFRICA: HISTÓRIAS DE LÁ E DAQUI

Joel Rufino dos Santos. Ilustrações por **Claudia Scatamacchia.** Global, 1999. 48p.
ISBN 978-85-260-1020-8

O livro reúne histórias da tradição africana e da cultura afro-descendente no Brasil. São narrativas contadas de forma leve, que aproximam o leitor de enredos sempre instigantes por revelarem traços culturais como valores, costumes e práticas religiosas diferenciadas que expressam parte da nossa origem como nação. Entre as histórias, há uma versão do Bumba meu Boi, auto tão conhecido e praticado em muitos estados do Brasil; a história do abolicionista Luiz Gama; e a história da Casa da Flor, monumento tombado pelo Estado do Rio de Janeiro.



MINHAS CONTAS

Luiz Antonio. Ilustrações por **Daniel Kondo.** Cosac Naify, 2008. 60p.
ISBN 978-85-750-3731-7

De forma poética, por meio do texto e das ilustrações, o livro apresenta o conflito de um menino criado na religião do candomblé, nele identificada pelo uso de contas no pescoço, frente à intolerância de adultos que o proíbem de brincar com seu melhor amigo. Depois de desejar não ser o que é para não perder sua amizade, o menino encontra, também na atitude de adultos, um modo de ser valorizado justamente pelo que recebeu de sua tradição, recuperando o amigo e o respeito dos que são diferentes dele.

Ver também:

Capoeira camará

Cesar Cardoso. Ilustrações por **Graça Lima.** Paulus, 2012. 64p.
ISBN 978-85-349-3291-2

Maracatu: a festa em cordel

Texto e ilustrações por **Fábio Sombra.** Bordados por **Sabina Sombra.** Escrita Fina, 2011. 32p.
ISBN 978-85-63877-35-2

Um quilombo no Leblon

Luciana Sandroni. Ilustrações por **Carla Irusta.** Pallas, 2011. 104p. ISBN 978-85-347-0453-3

Fotografando Verger

Angela Lühning. Ilustrações por **Maria Eugenia.** Capa por **Silvia Massaro.** Companhia das Letrinhas, 2011. 60p.
Memória e História.
ISBN 978-85-740-6500-7

Berimbau mandou te chamar

Organização por **Bia Hetzel.** Ilustrações por **Mariana Massarani.** Manati, 2008. 28p. ISBN 978-85-862-1842-2

Menino parafuso

Olívia de Mello Franco. Ilustrações por **Angelo Abu.** Autêntica, 2008. 36p. ISBN 978-85-7526-307-5

De alfaías a zabumbas

Raquel Nader. Ilustrações por **Rosinha Campos.** Paulinas, 2007. Coleção Brasil Encantado. Série Cheiro da terra
ISBN 978-85-356-1914-0

José Moçambique e a capoeira

Joaquim de Almeida. Ilustrações por **Laurabeatriz.** Projeto gráfico por **Thereza de Almeida.** Companhia das Letrinhas, 2007. 64p. ISBN 978-85-7406-298-3

O Congo vem aí

Sérgio Capparelli. Ilustrações por **Carlos Eduardo Cinelli e Warley Goulart.** Global, 2006. 24p.
ISBN 85-260-1113-8

CULTURA INDÍGENA

Atender às reivindicações por identidade e respeito promovidas pelos indígenas implica um reconhecimento de nossa variada herança cultural, presente em mitos, lendas, costumes, tradições e mesmo em diferentes expressões linguísticas. Conhecendo outras palavras, noções e rituais, todo um mundo estranho à nossa realidade cotidiana, podemos adquirir uma visão menos preconceituosa e mais respeitosa sobre os distintos universos culturais.

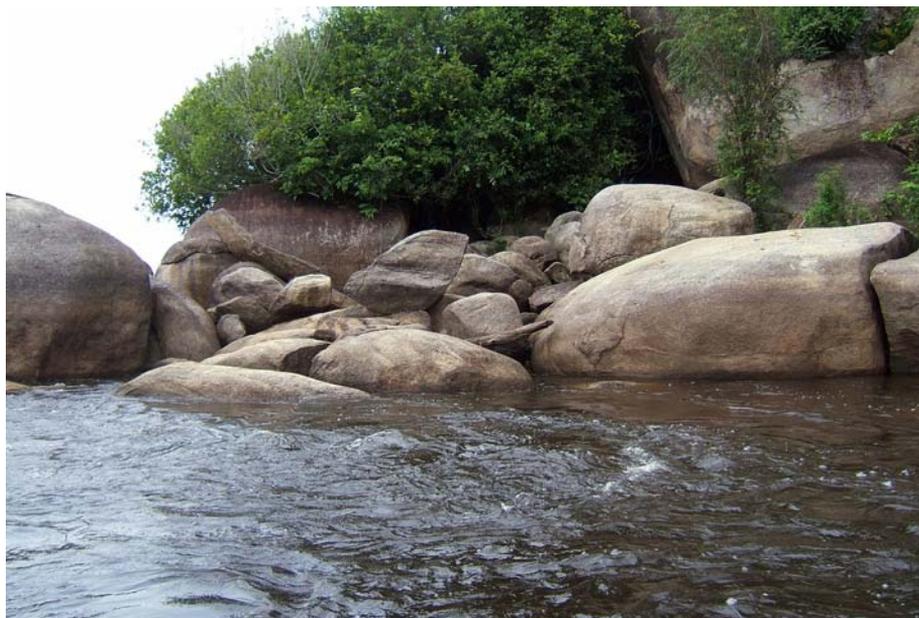
Um exemplo desse reconhecimento foi a inclusão da Arte Kusiwa - técnica de pintura e arte gráfica dos índios Wajãpi, do Amapá, no Livro de Registro das Formas de Expressão do IPHAN em 2002. Mais recentemente, em 2006, o IPHAN proclamou o Registro da Cachoeira de Iauaretê, Lugar Sagrado dos Povos Indígenas dos Rios Uaupés e Papuri, entregando o Certificado de Patrimônio Cultural do Brasil às comunidades indígenas locais e aos proponentes do Registro da Cachoeira no Livro de Registro dos Lugares. A Cachoeira foi o primeiro bem imaterial a ser inscrito no Livro dos Lugares e o oitavo patrimônio imaterial brasileiro.



Pintura Wajãpi. Dossiê IPHAN 2.



Festa do Javari. ACI/RJ.



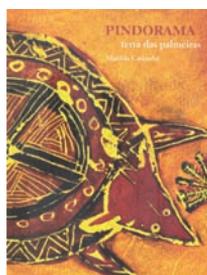
Cachoeira de Iauaretê. DPI/IPHAN.



FESTA DA TAQUARA

Texto e ilustrações por **Fabiana Ferreira Lopes**. Edições SM, 2012. 48p.
ISBN 978-85-7675-903-4

O livro apresenta, por meio de belas fotografias, as cenas da festa da Taquara realizada na Aldeia Ahia Kalapalo, localizada na região do Alto Xingu. Associado às fotografias, o texto enxuto e de cunho informativo descreve o modo de morar, os preparativos da festa, a preparação dos alimentos, os adornos das crianças, a pintura corporal dos adultos, os rituais. Trata-se de um livro-documentário com enfoque nas imagens colhidas no decorrer da festa, que permitem ao leitor se sentir também um convidado.



PINDORAMA: TERRA DAS PALMEIRAS

Texto e ilustrações por **Marilda Castanha**. Cosac Naify, 2007. 48p. Coleção Histórias para contar História.
ISBN 978-85-7503-574-0

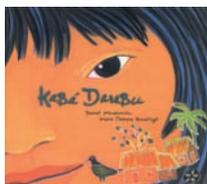
Com uma proposta informativa que não abdica do compromisso com a arte de narrar, o livro mergulha no universo indígena brasileiro, pinçando aspectos importantes de sua cultura. Divide-se em duas partes: a primeira apresenta uma visão geral da cosmologia associada aos índios do Brasil e a segunda, momentos significativos da história indígena, estabelecendo de forma crítica conexões com os dias atuais. Recupera a importância dos índios na cultura brasileira, cuja herança cultural não é vista como elemento residual do passado, mas como parte integrante do nosso presente e esperança de um futuro mais rico e diverso.



O SEGREDO DA CHUVA

Daniel Munduruku. Ilustrações por **Marilda Castanha**. Ática, 2003. 64p.
ISBN 85-08-08744-6

A obra narra uma aventura, à semelhança dos contos míticos, recheada de passagens metafóricas que se referem à criação do mundo e aos sentidos da existência humana. O texto contrasta a fragilidade dos protagonistas - um menino e seus parceiros da floresta, também filhotes de onça, macaco e capivara - com a grandiosidade de seus propósitos. A sabedoria, valor buscado nessa aventura pelo desconhecido, nos é apresentada como uma capacidade humana que não significa superioridade ou dominação em relação aos outros seres, tão somente torna possível a nossa comunicação com eles e é o que garante a vida do planeta.



KABÁ DAREBU

Daniel Munduruku. Ilustrações por **Marie Therese Kowalczyk.** Brinque-Book, 2002. 28p.
ISBN 978-85-7412-086-7

O livro apresenta o cotidiano da vida de um menino índio. O texto em primeira pessoa narra a maneira de ser uma criança indígena, com a naturalidade característica da perspectiva infantil. As ilustrações associadas ao texto verbal criam uma atmosfera afetiva em que a rotina de vida é descrita pelo modo de morar, pelas tarefas diárias do pai e da mãe, pelas brincadeiras das crianças, pelos alimentos consumidos, pelos festejos e o jeito de se enfeitar, pelas crenças e os saberes sobre como se curar de doenças e como lidar com a natureza, pelo legado passado de geração em geração - tudo que importa à vida de toda criança, em qualquer tempo e lugar.

Ver também:

A criação do mundo e outras lendas da Amazônia

Vera do Val. Ilustrações por **Geraldo Valério.** WMF Martins Fontes, 2008. 48p. ISBN 978-85-782-7031-5

O imaginário da floresta: lendas e histórias da Amazônia

Vera do Val. Ilustrações por **Luciano Tasso.** WMF Martins Fontes, 2007. 96p.
ISBN 978-85-601-5629-0

Parece que foi ontem / Kapusu aco'i juk

Daniel Munduruku. Ilustrações por **Maurício Negro.**
Tradução por **Jairo Alves Torres Munduruku.** Global, 2006.
16 p. Edição bilíngue português e munduruku.
ISBN 978-85-260-1118-2

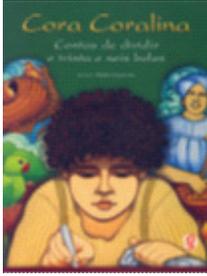
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

A diversidade dos modos de falar ou das línguas faladas no território nacional (são mais de duzentas) expressa a multiplicidade de concepções de mundo e maneiras de viver no Brasil. São povos descendentes de imigrantes, indígenas, além das variações do português por sintaxe, sotaque e vocabulário que caracterizam regiões e diferentes grupos sociais. Os trabalhos com o patrimônio cultural, tanto para identificar as suas várias expressões quanto para protegê-lo, passam pelo respeito, pela necessidade de conhecimento e, em alguns casos, pela recuperação das línguas nativas faladas dos muitos grupos identitários que compõem o que costumamos chamar de “povo brasileiro”. Muitas línguas já desapareceram no Brasil e sempre que uma língua “morre”, morre também um modo de compreender a realidade.

Em 2006, foi organizado um Seminário Nacional da Diversidade Linguística, com o objetivo de estabelecer uma política de proteção para as línguas faladas no Brasil. Tal Seminário partia do reconhecimento da necessidade de se manter e promover a riqueza cultural proporcionada pela diversidade linguística existente em nosso país. E do entendimento de que caberia ao Estado brasileiro o dever de realizar essa tarefa.

O resultado desse Seminário foi a criação de um Grupo de Trabalho dentro do governo brasileiro com a finalidade de elaborar um instrumento que fosse adequado ao desafio de se preservar essas línguas. Em dezembro de 2010, finalmente, foi lançado o Decreto-lei nº 7387, que criou o Inventário Nacional da Diversidade Linguística “como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos grupos formadores da sociedade brasileira”. Toda língua, uma vez incluída nesse inventário, passa a receber o título de Referência Cultural Brasileira.





CONTAS DE DIVIDIR E TRINTA E SEIS BOLOS
Cora Coralina. Ilustrações por **Claudia Scatamacchia.**
Global, 2011. 48p.
ISBN 978-85-260-1590-6

Esta edição da obra de Cora Coralina no contexto da produção literária dirigida a jovens e crianças, entre outros temas, apresenta a linguagem como um fenômeno que permite a constituição de grupos identitários diferentes. Os modos de falar e o vocabulário utilizado (característico do falar goiano) expressam comportamentos e visões de mundo que permitem ao leitor saber que se trata de uma história datada e referente a um contexto regional específico - as vivências do protagonista em relação a temas como infância, educação, padrão moral, castigo, vida rural e vida na cidade, têm abordagens que denotam essa diferenciação de tempo e lugar.



A MENINA LUZIA
Stella Maris Rezende. Ilustrações por **Rosinha.** DCL, 2012.
48p.
ISBN 978-85-368-1291-5

Com jeito de “contação de histórias”, a narrativa poética sobre uma menina enamorada reproduz o ritmo da espera de quem ama em segredo e deseja, tanto quanto teme, ser percebida. Uma história para ser saboreada aos poucos, como o doce de ambrosia que a menina faz e que, não por acaso, “dá liga” ao texto. Texto repleto de referências ao modo peculiar do falar mineiro, expresso não somente pelo vocabulário, mas pelas cenas que descreve, envolvendo as tarefas domésticas, os quintais, a cozinha e seus utensílios, os modos de vestir, as cantigas de roda - um modo peculiar de viver.

Ver também:

Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias
Ruth Rocha. Ilustrações por **Mariana Massarani.**
Salamandra, 2011. 64p. ISBN 978-85-16-07149-3

Lampião e Lancelote
Texto e ilustrações por **Fernando Vilela.** Cosac Naify, 2006.
52p. ISBN 978-85-7503-526-9

Minhas rimas de cordel
César Obeid. Ilustrações por **Regina Drozina e Valdeck de Garanhuns.** Moderna, 2005. 48p.
ISBN 85-16-04569-2

FLORESTANIA

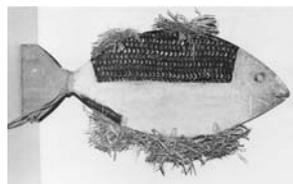
Esse termo novo e sugestivo tem sua origem na junção das palavras floresta e cidadania. Como seus criadores - trabalhadores e lideranças da floresta amazônica - fazem questão de frisar, essa expressão não se limita à transposição dos direitos dos cidadãos para o cenário da floresta. Florestania é, muito mais, uma tentativa de se conceber uma relação de respeito e mesmo de reverência pela natureza e por seus habitantes (os povos da floresta). A origem desse termo está ligada aos movimentos de defesa da região amazônica não apenas do ponto de vista ambiental, mas também voltada para a defesa dos povos da floresta - os seringueiros, as populações ribeirinhas, os índios e outros que vivem em função das atividades extrativistas sem destruir a floresta. Em outras palavras, florestania é a cidadania de quem vive na e da floresta. Esse conceito pretende legitimar a ampliação de recursos que garantem saúde, educação, lazer e trabalho para esses povos, em harmonia com a preservação do meio ambiente.

Casa de Chico Mendes

O tombamento da Casa de Chico Mendes, aprovado pelo Conselho consultivo do IPHAN em 15 de maio de 2008, quando se recordavam os vinte anos do assassinato do famoso líder seringueiro, reflete a tentativa de se contemplar esses direitos dos povos da floresta, tradicionalmente ignorados pelas políticas de Estado no Brasil, em um processo de inclusão e reconhecimento cultural de vasta área marginalizada. Chico Mendes, nascido na cidade de Xapuri, no estado do Acre, em 15 de dezembro de 1945, foi o primeiro grande representante dos direitos desses povos na luta contra os pecuaristas, responsáveis pelo desmatamento da floresta amazônica, tornando-se, após sua morte, o símbolo maior da luta pelos direitos dos povos da floresta.



Manaus (AM). ACI/RJ.



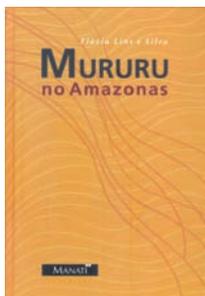
Cestaria. ACI/RJ.



Cestaria. ACI/RJ.



Casa de Chico Mendes. Copedoc/ IPHAN



MURURU NO AMAZONAS

Flávia Lins e Silva. Ilustrações por **Maria Ines Martins e Sílvia Negreiros.** Manati, 2010. 86p.
ISBN 978-85-862-1869-9

Dorinha é uma menina ribeirinha - habitante das margens do rio - que se locomove em seu mururu, pequeno barco de uma pessoa só, por entre um emaranhado de igapós, na região do Amazonas. Vai à escola de barco e inventa novos caminhos nesse "labirinto de águas". A água e seus mistérios são seu universo. A natureza exterior se conecta com o interior da menina, na expressão de um modo de vida que, embora tão peculiar, transmite a experiência universal do movimento que todos nós fazemos para crescer. Numa história empolgante, ambientada na paisagem de rios e florestas, acompanhamos a menina se transformar em mulher.



A CRIAÇÃO DO MUNDO E OUTRAS LENDAS DA AMAZÔNIA

Vera do Val. Ilustrações por **Geraldo Valério.** WMF Martins Fontes, 2008. 48p.
ISBN 978-85-782-7031-5

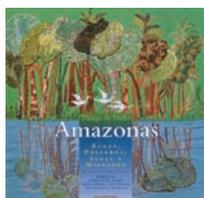
O livro reúne lendas ou mitos, alguns de origem desconhecida, recolhidos de nações indígenas brasileiras. Mitos cosmogônicos são respostas que a humanidade oferece sobre questões essenciais para as quais ela ainda não encontrou solução: de onde veio e qual a origem do mundo que habita. Durante muito tempo foram considerados simplesmente como fantasias ingênuas e primitivas. Atualmente, entretanto, compreende-se melhor o papel dessas narrações que fazem parte do acervo das religiões de todo o mundo. No Brasil, as mitologias geraram poderosas tradições culturais, com um rico imaginário de deuses, lendas e rituais. Mediante o sincretismo religioso, esses mitos foram adaptados e preservados mesmo nos centros urbanos.



O IMAGINÁRIO DA FLORESTA: LENDAS E HISTÓRIAS DA AMAZÔNIA

Vera do Val. Ilustrações por **Luciano Tasso**. WMF Martins Fontes, 2007. 96p.
ISBN 978-85-601-5629-0

O livro traz uma coletânea de lendas e histórias, algumas indígenas, em geral mitos de origem (dos povos, do mundo, das estrelas etc.) e outras mais conhecidas do folclore popular como Macunaíma, Mãe d'Água, Vitória-Régia, Pirarucu, o Boto, entre outros. Todas compõem o imaginário dos povos da floresta, aqueles que vivem seu dia a dia em contato com as leis e a magia desse universo - que certamente aprenderam de tudo com a cultura indígena e são hoje pequenos povoados, populações ribeirinhas, seringueiros etc. Traduzem um conhecimento por muito tempo considerado primitivo, fora de qualquer perspectiva de desenvolvimento, e que hoje se mostra como visões de mundo que respeitam as leis da natureza e apontam para a sobrevivência da floresta e, por assim dizer, do planeta.



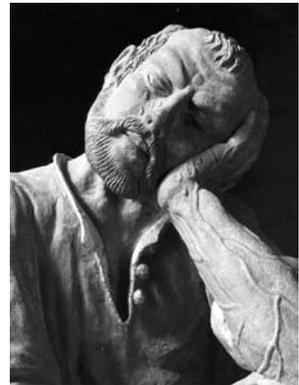
AMAZONAS

Thiago de Mello. Ilustrações por **Família Dumont**. Salamandra, 1998. 48p.
ISBN 85-281-0292-0

O livro apresenta o universo da floresta amazônica numa linguagem que associa prosa poética e informação. Descreve os elementos da natureza a partir da percepção ou apropriação que o homem faz deles. Não se trata de um livro sobre o meio ambiente, mas sobre a "cultura da floresta". Com essa perspectiva, as lendas, crendices, causos têm igual ou maior valor para a compreensão desse universo do que os dados de caráter mais científico. Assinala a importância do intercâmbio das várias formas do saber e viver no mundo ao apresentar a cultura da região como a que entende a natureza enquanto algo que está dentro de nós e não fora.

IDENTIDADE

Em uma época de mudanças aceleradas, de informações que navegam à velocidade da internet, época de incertezas e questionamentos sobre as definições tradicionais de gênero, nação, família, religião, etc., em que se proclama a diversidade como condição inexorável de nosso tempo, o tema da identidade assume um papel fundamental. Afinal, num mundo onde “tudo o que é sólido desmancha no ar”, o que nos define? Como podemos afirmar qualquer tipo de identidade quando até mesmo nossos conceitos, as formas pelas quais entendemos o mundo, rapidamente se tornam obsoletas? Por outro lado, identificar-se é um movimento constante do homem para se reconhecer pertencendo a uma determinada ordem de crenças, valores e ideias, dentro de uma trama de afinidades culturais. Nesse sentido, as identidades - sejam elas étnicas, políticas, sexuais, ou de qualquer outro tipo - assumem o caráter de inclusão em um universo simbólico preexistente, o que, por sua vez, implica exclusões de todo tipo. Por exemplo: o que nos faz brasileiros? Há características comuns - como as de língua, território, expressões musicais - que nos diferenciam dos demais povos; mas verificamos que a chamada identidade nacional é central nas preocupações contemporâneas, apontando para a multiplicidade de identidades culturais possíveis, tornando as ideias de pluralidade e diversidade palavras de ordem para a compreensão da cultura do país.



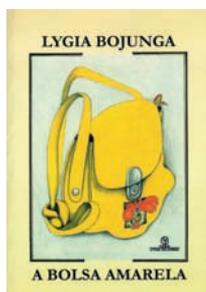
Escultura - ACI/RJ.



FLICTS

Texto e ilustrações por **Ziraldo**. Melhoramentos, 2012. 48p.
ISBN 8506005175

Este livro, considerado um marco na história editorial brasileira, reeditado inúmeras vezes e em vários idiomas, entre tantos sentidos que encerra, pela linguagem poética e pelo grafismo inovador, também fala da identidade como uma construção - uma busca incessante do ser humano. "Era apenas o frágil e feio e aflito Flicts": encontrar o seu lugar no mundo ou pertencer ao mundo não é algo dado, dá trabalho, exige uma longa caminhada, necessariamente é preciso conhecer o outro, confrontar-se com ele - perceber a diferença e abraçá-la para, entre tantos "outros", sentir-se único.



A BOLSA AMARELA

Lygia Bojunga. Ilustrações por **Marie Louise Nery**. Casa Lygia Bojunga, 2007. 140p.
ISBN 85-89020-03-7

Raquel quer achar um lugar para guardar as suas vontades, que não param de crescer e... aparecer! Quando ganha uma bolsa amarela de uma tia, acredita poder colecioná-las ali, preservando, nesse movimento, a si mesma. A bolsa passa então a ser povoada com objetos que vão ganhando vida e se tornando personagens da história, pois cada um deles representa uma parte da personalidade da menina. A atitude de colecionar refere-se aqui à construção da identidade individual, só possível na relação com o outro - neste caso, entre a menina e seus familiares. Para descrever esse processo, a narrativa parte da capacidade humana de atribuir sentido às coisas, revelando que a realidade depende do que selecionamos como importante para fazer parte dela.



O PEIXE QUE PODIA CANTAR

Texto e ilustrações por **Ricardo Azevedo**. Edições SM, 2006. 64p.
ISBN 85-767-5122-4

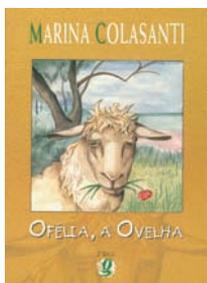
A obra fala do confronto entre culturas diferentes: o homem branco, ícone da civilização ocidental no personagem de um cientista, e o "outro" - neste caso uma comunidade desconhecida, aparentemente primitiva para o primeiro. O cientista traduz a atitude arrogante daqueles que se consideram num estágio superior de civilização e, portanto, aptos a lidar com o outro como se fosse um objeto de laboratório. Para aquela comunidade há um peixe que mora na árvore e canta trazendo felicidade - lá, ele existe. Trata-se de uma história que aborda o poder do valor simbólico atribuído às coisas, aos seres, à natureza, capaz de dar sentido à vida e de transformar a realidade - é a eficácia simbólica, revelando o poder que as culturas têm de imaginar e criar, ao seu modo, a realidade.



TATUAGEM, PIERCING E OUTRAS MENSAGENS DO CORPO

Leusa Araujo. Cosac Naify, 2005. 88p.
ISBN 978-85-750-3405-7

Com uma proposta informativa, a obra contempla as inúmeras formas de fazer o corpo comunicar pelo uso da pintura corporal ou de adornos, especialmente as tatuagens e tipos de piercing - uma prática presente em diversas culturas e conhecida há mais de cinco mil anos. Por meio de desenhos e fotografias, são apresentados exemplos de técnicas e de grafismos que representam costumes, valores, poder, posições sociais, posições políticas, identificando culturas, "tribos" ou o desejo de um indivíduo de ser único. Um texto leve e uma abordagem panorâmica permitem ao leitor conhecer a riqueza de sentidos que essa prática, fortemente associada ao desejo humano de criar beleza, encerra.



OFÉLIA, A OVELHA

Texto e ilustrações por **Marina Colasanti**. 3 ed. Global, 2000. 16p.
ISBN 9788526006577

Trata-se de um texto inscrito na matriz da fábula, gênero conhecido pela utilização de animais ou seres inanimados para apresentar situações cotidianas que revelam comportamentos, sentimentos e interesses que caracterizam a natureza humana. Neste caso, o simbolismo recai sobre a aventura de todos nós para saber quem somos, a afirmação do direito de construir nossa identidade e os conflitos que advêm desse movimento. A ovelha Ofélia opera uma transformação em si mesma ao se travestir de raposa até descobrir sua individualidade entre os seus iguais.

Ver também:

Minhas contas

Luiz Antonio. Ilustrações por **Daniel Kondo**. Cosac Naify, 2008. 60p.
ISBN 978-85-750-3731-7

Parece que foi ontem / Kapusu aco'i juk

Daniel Munduruku. Ilustrações por **Maurício Negro**. Tradução por **Jairo Alves Torres Munduruku**. Global, 2006. 16 p. Edição bilíngue português e munduruku.
ISBN 978-85-260-1118-2

Do outro lado do Atlântico

Pauline Alphen. Ilustrações por **Maria Eugênia**. Capa por **Silvia Massaro**. Companhia das Letrinhas, 2003. 60p. Coleção Memória e História.
ISBN 978-85-7406-184-9

IMIGRAÇÃO EUROPEIA

Os imigrantes europeus, presentes desde o final do século XIX, deixaram fortes marcas de sua passagem no território brasileiro. Por meio de seus descendentes, essas marcas se transformaram em um legado que enriquece a diversidade cultural brasileira. Somente nas últimas décadas, porém, os descendentes de imigrantes passaram a ser reconhecidos e legitimados como sujeitos de direito, particularmente no âmbito das ações de patrimônio.

As rotas dos imigrantes europeus têm sido objeto de pesquisas e inventários dentro do IPHAN, que buscam resgatar suas tradições, saberes e práticas culturais diversas. O projeto Roteiros Nacionais de Imigração, por exemplo, tem contribuído para o conhecimento e a restauração do patrimônio desses descendentes no estado de Santa Catarina, através de um amplo levantamento fotográfico, além de pesquisas, seminários e obras de restauro.



Arquivo Nacional



Arquivo Nacional



NAS RUAS DO BRÁS

Drauzio Varella. Ilustrações por **Maria Eugênia.** Capa por **Silvia Massaro.** Companhia das Letrinhas, 2000. 80p. Coleção Memória e História.

ISBN 978-85-7406-066-8

A história reconstrói uma São Paulo na qual a diversidade cultural experimentada pelo contato entre brasileiros, espanhóis, portugueses e italianos marca a luta diária pela sobrevivência. Os costumes, o trabalho, a convivência dos adultos e deles com as crianças, descritos por meio de situações vividas pelo protagonista, transmitem a opção dos imigrantes de viverem em uma terra estrangeira e traduzem a riqueza do intercâmbio entre culturas.

Ver também:

A casa: casos de família

Mirna Pinsky. Ilustrações por **Andréa Vilela.** FTD, 2004. 80p.

Coleção Há casos.

ISBN 8532252249

Fotografando Verger

Angela Lühning. Ilustrações por **Maria Eugenia.** Capa

por **Silvia Massaro.** Companhia das Letrinhas, 2011. 60p.

Memória e História.

ISBN 978-85-740-6500-7

Do outro lado do Atlântico

Pauline Alphen. Ilustrações por **Maria Eugênia.** Capa

por **Silvia Massaro.** Companhia das Letrinhas, 2003. 60p.

Coleção Memória e História.

ISBN 978-85-7406-184-9

IMIGRAÇÃO JAPONESA

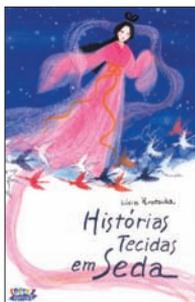
Considera-se oficialmente o início da imigração japonesa no Brasil a chegada em 1908 do navio Kasato Maru no porto de Santos. Na verdade, desde o final do século XIX os governos de Brasil e Japão já realizavam entendimentos com o objetivo de trazerem imigrantes para trabalharem nas lavouras de café no interior do Brasil. Antes mesmo da Abolição da Escravatura, para se combater a crescente falta de trabalhadores nas fazendas, incentivava-se a vinda de imigrantes - inicialmente europeus, mais tarde asiáticos -, culminando, finalmente, em 1908, no acordo entre os governos brasileiro e japonês para a entrada dos imigrantes no Brasil. Atraídos pela propaganda de lucros rápidos com a produção de café, buscando acumular riquezas para retornarem o quanto antes a seu país de origem, os imigrantes pioneiros enfrentaram difíceis condições de trabalho e moradia, sendo explorados com salários muito inferiores àqueles prometidos. Passaram, então, a se organizar em colônias e cooperativas, criando pequenas propriedades agrícolas e fundando núcleos urbanos como os que deram origem às cidades de Suzano, em São Paulo, Assaí, no Paraná, e Tomé-Açú, no Pará. Concentraram-se inicialmente na produção de arroz e algodão, mais tarde diversificando os produtos cultivados. Com o tempo, venceram momentos históricos delicados, como a eclosão de Segunda Guerra Mundial, que levou a uma ampla perseguição dos japoneses. Apesar disso, a comunidade nipônica multiplicou-se rapidamente (em 1932 já se calculavam 132.689 japoneses assentados no Brasil). Rompendo com arraigados preconceitos étnicos, a imigração japonesa contribuiu para reformular a paisagem humana brasileira, incorporando valores e costumes originais dentro de nossa sociedade.



Arquivo Nacional



Liberdade, São Paulo. ACJ/RJ



HISTÓRIAS TECIDAS EM SEDA

Texto e ilustrações por **Lúcia Hiratsuka**. Cortez, 2007. 48p.
ISBN 978-85-249-1287-0

O livro traz três contos da tradição popular japonesa, colhidos e recontados por uma autora brasileira descendente de imigrantes japoneses. O Brasil comemorou, em 2008, 100 anos da imigração japonesa e esta obra é emblemática do quanto as culturas conversam entre si, pois os contos de tradição popular costumam demonstrar que quanto mais fiel é uma história ao seu lugar, mais ela se torna universal. Essa obra pode nos proporcionar o reconhecimento de diversos elementos comuns às nossas histórias populares, além de nos fazer sentir o gosto de conversar com uma cultura aparentemente tão distinta da nossa.



TOMIE: CEREJEIRAS NA NOITE

Escrito por **Ana Miranda** sobre depoimento de **Tomie Ohtake**.
Ilustrações por **Maria Eugênia**. Capa por **Silvia Massaro**.
Companhia das Letrinhas, 2006. 64p. Coleção Memória e História.
ISBN 978-85-740-6266-2

O livro trata da biografia da artista plástica Tomie Ohtake numa narrativa simples que enfatiza os costumes e a história japoneses, descrevendo situações do cotidiano para informar sobre vestimentas, festas, culinária, moradia, conduta etc., além de situações de exceção, como as guerras, para narrar os conflitos de ordem geral vividos pelos japoneses e contextualizar as motivações da imigração ocorrida no Brasil no início do século XX. Com delicadeza, narra a perseverança da artista em querer se tornar pintora, uma vocação e uma vontade nunca abandonadas em meio a tantas mudanças e dificuldades, que parecem expressar a essência do movimento dos imigrantes: “ganhar o mundo”.



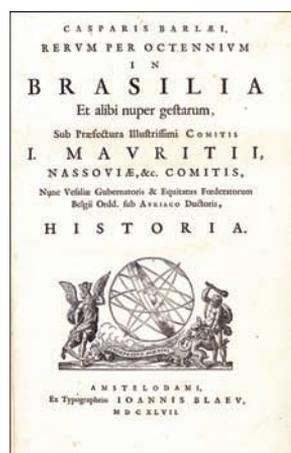
Preservação é um termo geral que engloba o conjunto de ações voltadas para o acautelamento, salvaguarda, defesa do patrimônio cultural brasileiro. No processo histórico de constituição do patrimônio cultural no país, o Estado assumiu a tarefa de preservá-lo, institucionalizando as práticas preservacionistas, com a criação do IPHAN em 1937. O estabelecimento dos instrumentos de proteção legal inaugurou-se com o tombamento - Decreto-lei nº 25 de 1937, que deu início à proteção do patrimônio móvel e imóvel, hoje, associado a outros instrumentos como a lei de arqueologia (1961), o registro de bens culturais de natureza imaterial (2000), a chancela das paisagens culturais (2009). A preservação do patrimônio cultural reúne ações de identificação, de pesquisa, de proteção legal, de fiscalização, de conservação e de promoção. Trata-se também de um campo específico do conhecimento, pois tanto a seleção de bens a serem preservados como as técnicas e políticas estabelecidas para isso sempre exigiram a construção de um saber com a produção de vasta e variada documentação que embasasse os processos de atribuição de valor dos bens e as ações decorrentes para sua proteção.

As coleções estão na base da preservação

O simples ato de colecionar, de juntar e conservar objetos tem um alcance muito maior do que possa parecer à primeira vista. Ao lado da linguagem, a coleção cumpre o papel de representar o mundo que está além do olhar, aquilo que não está presente. O invisível comunicado pelos objetos pode se referir às mais diversas entidades: antepassados, deuses, mortos, homens, acontecimentos, circunstâncias, eternidade. De uma forma geral, as coleções ou o conjunto de bens considerados como patrimônio cultural representam tudo aquilo que o ser humano determina ser digno de preservar. Um olhar atento às coleções mantidas por uma sociedade ou ao seu patrimônio cultural preservado é capaz de revelar muito dos valores e ideais que a perpassam.

BIBLIOFILIA

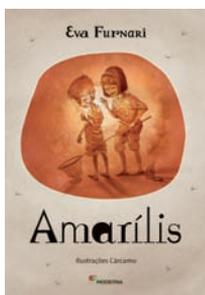
A bibliofilia, a paixão pelos livros, ultrapassa a simples curiosidade por obras raras e edições bem cuidadas. Envolve a paixão por colecionar tudo o que se relaciona a esses objetos - autógrafos, dedicatórias, marcadores, *ex-libris* -, signos da trajetória de pertencimento (individual e coletivo) e também a apropriação desses objetos, dando a conhecer o contexto de produção das obras. Os bibliófilos, em sua febre pelos livros, costumam construir ricas bibliotecas que contribuem na preservação desses acervos do conhecimento. O IPHAN, desde sua criação, preocupou-se com a organização dos seus acervos bibliográficos, a partir da Biblioteca Noronha Santos (1936), no Rio de Janeiro, voltada para temas relativos à história do Brasil e à história da arte, bem como para questões específicas relacionadas à preservação do patrimônio cultural. Essa biblioteca destina-se, primeiramente, aos técnicos do IPHAN para a elaboração de seus estudos e pareceres, mas atende também a pesquisadores externos. Atualmente, em todo o Brasil, o IPHAN possui bibliotecas que procuram atender às demandas locais do público interno e externo, entre elas a Biblioteca Aloísio Magalhães, em Brasília, que possui um acervo bibliográfico de aproximadamente 18.000 itens entre livros e periódicos, nas áreas de Patrimônio Cultural, Arquitetura, Artes, História (Geral e do Brasil), Antropologia, Arqueologia e Literatura Brasileira, Música, Teatro e Fotografia. A Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), no Rio de Janeiro, possui um dos maiores acervos sobre folclore no Brasil, com cerca de 250 mil documentos, entre livros, periódicos, folhetos, teses, folhetos de cordel, recortes de jornal, fotografias, discos, cds, fitas cassete, filmes, vídeos, além de arquivo permanente do Centro e as coleções dos estudiosos Renato Almeida e Manuel Diégues Júnior. Parte desse acervo está digitalizado, disponível em terminais para consulta pública e via internet. Em seu conjunto, a rede de bibliotecas da instituição constitui o mais amplo acervo sobre preservação do país.



Capas de obras raras



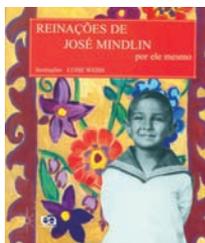
Capas de obras raras



AMARÍLIS

Eva Furnari. Ilustrações por **Cárcamo**. Moderna, 2013. 32p.
Série Do Avesso.
ISBN 978-85-160-8542-1

A obra revela de forma contundente a experiência profunda que o livro e a contação de histórias promovem nas pessoas. Com grande delicadeza, constrói uma atmosfera afetiva, cotidiana, entre a irmã mais velha que lê e conta para seu irmão caçula a história de um livro, escolhido por ele na biblioteca de seu pai. A imaginação e criatividade brotam da leitura como um processo, inexoravelmente comprometido com a transformação de cada um deles, o que conta e o que ouve a história - o narrador e seus ouvintes, o escritor e seus leitores. Nesse livro, a leitura é dona da magia de nos fazer enxergar muito além daquilo que costumamos ver.



REINAÇÕES DE JOSÉ MINDLIN POR ELE MESMO

José Mindlin. Ilustrações por **Luise Weiss**. Ática, 2008. 48p.
ISBN 978-85-08-11463-4

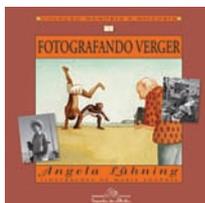
A obra é uma autobiografia do bibliófilo José Mindlin construída a partir da perspectiva adulta que traz à tona lembranças do período de infância. O autor não se ocupa da sua vida pública de adulto, fala apenas sobre as coisas de sua meninice, comuns a qualquer pessoa. As informações históricas sobre fatos, hábitos e costumes de uma época passada - início do século XX, em São Paulo - são apresentadas a partir da visão infantil que o protagonista tinha delas. Assim, o leitor é estimulado a reconhecer, por meio dos relatos e emoções narradas, as suas próprias reminiscências, aguçando a sua percepção sobre o processo de construção da memória individual.

A FOTOGRAFIA E OS TRABALHOS DE PRESERVAÇÃO

Fotografias, retratos, álbuns de família. Todo esse precioso acervo guardado nas estantes e gavetas de nossas casas constitui um importante instrumento de preservação cultural. As representações visuais sempre foram aliadas das ações de preservação, desde o daguerreótipo - precursor da fotografia e contemporâneo das primeiras leis relativas à preservação cultural, surgidas na França do século XIX -, até as modernas fotografias digitais. Mudaram os meios técnicos, porém conservou-se a sua utilização como suporte material de memória. Em um mundo cada vez mais dominado pelas tecnologias visuais, os acervos fotográficos fazem parte de qualquer inventário ou registro que se pretenda realizar das manifestações culturais.

Desde a criação do IPHAN, a fotografia foi considerada um instrumento indispensável às práticas de preservação, gerando, desde logo, a preocupação com a formação de um acervo fotográfico que pudesse apoiar e, por outro lado, registrar os trabalhos institucionais: os estudos de tombamento, o acompanhamento e estudo de obras de conservação e restauração, a realização de inventários e pesquisas sobre o patrimônio cultural; hoje, os dossiês de Registro do patrimônio de natureza imaterial, os estudos sobre as paisagens culturais. Assim, foi e ainda vem sendo reunida uma valiosa documentação fotográfica sobre o patrimônio cultural brasileiro que é em si mesma objeto da preservação. Entre dezembro de 2005 e maio de 2007, desenvolveu-se uma pesquisa no Arquivo Central do IPHAN sobre negativos históricos, com trabalhos de higienização, acondicionamento, duplicação e acesso, tendo como objetivo principal a preservação de 26.355 imagens históricas. Esse arquivo reúne cerca de 200.000 imagens - fotografias, negativos em vidro, acetato e nitrato, slides - que retratam a atividade da Instituição nos últimos 65 anos, e que registram a atuação do Instituto na identificação, fiscalização, inventário e preservação de bens culturais em todo o território nacional, sendo considerado uma das mais importantes referências sobre a atividade de preservação no Brasil.





FOTOGRAFANDO VERGER

Angela Lühning. Ilustrações por **Maria Eugenia.** Capa por **Silvia Massaro.** Companhia das Letrinhas, 2011. 60p. Memória e História. ISBN 978-85-740-6500-7

O livro trata da biografia de Pierre Verger, fotógrafo de origem francesa, conhecido por suas inúmeras viagens entre o continente africano e o Brasil, mais especificamente a Bahia, onde fixou residência. Com uma linguagem leve, a autora narra os episódios da vida do fotógrafo, aproveitando para apresentar diversos aspectos da cultura africana, como a religião do candomblé, a culinária, as festas, a capoeira, o uso de plantas medicinais, os modos de falar etc. A riqueza de sua trajetória é marcada pelo pioneirismo no registro fotográfico, nos estudos e na valorização da cultura afro-brasileira, um legado que se perpetua por meio da Fundação Pierre Verger, fundada em 1988 na sua casa em Salvador.



BISA BIA, BISA BEL

Ana Maria Machado. Ilustrações por **Mariana Newlands.** Salamandra, 2007. 80p. ISBN 978-85-16-05562-2

O texto conta a história de uma menina que, vivendo o seu dia a dia, descobre que a vida de agora necessariamente possui uma herança e um futuro que lhes dão sentido. Sua temática é a memória individual relacionada ao processo de construção da identidade. Através de um retrato antigo nos guardados de sua mãe, a menina vem a conhecer sua bisavó, retratada, como ela, ainda menina. A partir desse contato com um objeto de um tempo passado, desencadeia-se a mágica - não a que pertence ao domínio do impossível, mas aquela que está à disposição de todos - que nos transporta para frente e para trás no tempo.



RETRATOS

Roseana Murray. Companhia Editora Nacional, 2004. n.p. ISBN 85-04-00714-6

De forma singela e afetiva, como um álbum de retratos de família, o livro apresenta o poder da fotografia não apenas como registro ou documento - suporte de memória -, mas como algo que, por meio da imagem flagrada em algum tempo passado, fala ao presente e ao futuro, permitindo ao observador interagir, resolver, por sua conta, o que a imagem significa, que emoções evoca. Assim, os breves textos ao lado de cada retrato revelam ao leitor a pluralidade e a riqueza de sentidos que uma fotografia pode conter, a partir da perspectiva de quem a contempla.

HISTÓRIA E PATRIMÔNIO

A História, como disciplina, e o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional sempre caminharam de mãos dadas, não apenas no termo “histórico”, mas na forma de se interpretar o Brasil. Com a fundação do IPHAN e o conseqüente surgimento das primeiras políticas do patrimônio no Brasil em 1937, predominou uma concepção de História que privilegiava os fatos “memoráveis”, as personalidades consideradas mais importantes, as datas comemorativas. Essa visão se refletiu na escolha dos bens que foram inscritos nos Livros de Tombo do IPHAN. O Palácio Imperial, a Casa de Rui Barbosa, o solar D. João VI são alguns exemplos desses bens tombados, privilegiando os “fatos históricos memoráveis”, considerados de relevância nacional. Desde então, porém, surgiram novas concepções de História voltadas para o estudo dos processos históricos, para a estrutura e a dinâmica da sociedade e de seus diversos grupos formadores. Passou-se a valorizar também os diversos aspectos da vida cotidiana – família, relações de gênero, festas, rituais religiosos – que antes eram negligenciados por nossa História oficial. Essas mudanças na concepção de História afetaram a maneira pela qual se define o patrimônio cultural brasileiro: outras categorias de bens culturais começaram a ser valorizadas, tais como os terreiros de candomblé, quilombos, manuscritos, entre outras, expressando valores diferentes dos que informaram os primeiros tombamentos. Possibilitou-se, assim, um enriquecimento de nossa percepção dos múltiplos matizes que compõem a memória nacional.



Ouro Preto (MG). ACI/RJ

COLEÇÃO MENINOS E MENINAS DO BRASIL

Maria José Silveira. Ilustrações por **Angelo Abu.** Formato: 2003; 2004; 2005.

A coleção reúne obras de narrativa ficcional associadas a uma proposta informativa, com cinco títulos que contemplam cinco períodos históricos diferentes do Brasil. Em todos os livros são utilizados pares de protagonistas crianças que vivenciam algum conflito ambientado no período histórico tratado em cada livro. O texto ficcional informa o contexto histórico das histórias narradas sem lhes tirar o sabor da ficção. São informações fidedignas sobre costumes, paisagens, modos de morar e viver veiculadas pela trama e pelo caráter dos personagens, perfeitamente integradas ao ritmo da narrativa.



TENDY E JÃ-JÃ E OS DOIS MUNDOS NA ÉPOCA DO DESCOBRIMENTO

Maria José Silveira. Ilustrações por **Angelo Abu.** Formato, 2003, 56p. Coleção Meninos e Meninas do Brasil
ISBN 978-85-72-08374-4

A aventura do menino europeu Jã-Jã em terras brasileiras, na companhia da índia Tendy, foge ao estereótipo, pois coloca o menino como o estrangeiro e não o colonizador, permitindo que o confronto entre duas culturas possa ser narrado de igual para igual, ganhando os contornos de um aprendizado mútuo, sem maniqueísmos ou infantilização das duas partes.



IAMÊ E MANUEL DIOGO NOS CAMPOS DE PIRATININGA NA ÉPOCA DOS BANDEIRANTES

Maria José Silveira. Ilustrações por **Angelo Abu.** Formato, 2004, 56p. Coleção Meninos e Meninas do Brasil
ISBN 85-7208-382-0

A narrativa retrata o espírito desbravador e ambicioso dos paulistas por meio do cotidiano da vida de privações quando as vilas mal existiam, e tudo precisava ser plantado, colhido, construído. Nesse contexto, as crianças são herdeiras das histórias de seus pais que exemplificam como vai se formando a sociedade incipiente – o confronto e a miscigenação com os índios, os casamentos entre portugueses para povoar e cristianizar a nova terra, a condição cerceada da mulher, o imaginário da busca por grandes riquezas.



ANA PRECIOSA E MANUELM E O ROUBO DAS MOEDAS NA ÉPOCA DO CICLO DO OURO

Maria José Silveira. Ilustrações por **Angelo Abu.** Formato, 2004, 56p. Coleção Meninos e Meninas do Brasil
ISBN 978-85-7208-383-6

A história se passa em Vila Rica, já consolidada pela riqueza da mineração. A amizade das crianças ultrapassa os limites entre grupos tão diferentes como os escravos e os colonos e põe em confronto a fragilidade de uns contra o poder de outros, ajudando a contextualizar os vários lados da história de formação da sociedade brasileira. A narrativa descreve os modos de morar, de viver, passeia pelo casario, pela arte dos monumentos, estabelecendo a associação entre temas como a mineração, o comércio, a escravidão, a atividade dos tropeiros e torna claro e palpável o processo de formação das primeiras cidades brasileiras.



BRASÍLIA E JOÃO DIMAS E A SANTA DO CALDEIRÃO NA ÉPOCA DA INDEPENDÊNCIA

Maria José Silveira. Ilustrações por **Angelo Abu.** Formato, 2004, 56p. Coleção Meninos e Meninas do Brasil
ISBN 978-85-72-08416-1

A aventura dos protagonistas aborda temas como a escravidão, o preconceito de classes, a religiosidade, a arte por meio das descobertas que as crianças fazem. Apresenta o conhecimento como um fio condutor que vai revelando aos poucos a conexão entre fatos passados e comportamentos sociais presentes. Especial atenção é dada ao tema da escravidão, ao se mostrar outras formas e nuances da relação entre senhor e escravo que se estabelecem no ambiente urbano, como os escravos de ganho, ampliando a percepção e a compreensão dos desdobramentos da escravidão na formação da sociedade brasileira de hoje.



FLORIANA E ZÉ ANÍBAL NO RIO DO “BOTA-ABAIXO” NA ÉPOCA DA REPÚBLICA

Maria José Silveira. Ilustrações por **Angelo Abu.** Formato, 2005, 56p. Coleção Meninos e Meninas do Brasil
ISBN 978-85-72-08421-5

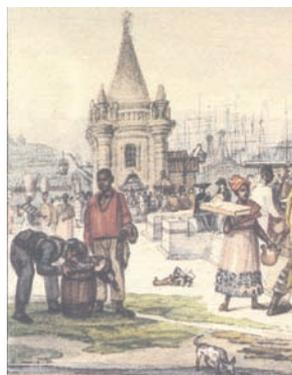
A narrativa se ocupa em descrever o processo de modernização da cidade, no caso, o Rio de Janeiro marcado pelas transformações sociais pós-abolição e proclamação da República, demonstrando que esse desejo de modernização é paradoxalmente acompanhado da manutenção de profundas desigualdades sociais. Mais uma vez o par de protagonistas torna-se um recurso para confrontar os lados forte e fraco da sociedade que se estabelece; entretanto a narrativa é construída numa atmosfera doméstica em que valores como amizade, respeito, tolerância e solidariedade avançam sobre as questões da cidade, sugerindo ao leitor que o sentido político e o compromisso social (ou o descaso) sempre são revelados nas tomadas de decisão tanto individuais quanto coletivas.

ICONOGRAFIA

Iconografia, de maneira ampla, pode significar tanto o estudo das imagens e formas quanto o conjunto de imagens utilizadas para determinados fins – uma publicação, uma exposição, uma coleção, um acervo etc. Essas imagens podem ser de variados tipos: fotografias, pinturas, gravuras, selos, filmes, desenhos, mapas cartográficos, entre outros. Tão importante quanto a variedade de tipos é a diversidade de usos que podem ser feitos a partir dessas imagens. Como registro documental, constitui uma fonte importantíssima para o estudo da história e da sociedade. Fornece elementos muitas vezes indispensáveis para se compreender diferentes aspectos da vida social e cultural, desde costumes até o vestuário, a relação do homem com a natureza, com a paisagem, bem como as atitudes diante dos inúmeros fenômenos da vida (a infância, a relação entre os gêneros, a sexualidade, as diferenças de classe, as manifestações políticas). Elementos que as tradicionais fontes escritas são muitas vezes incapazes de revelar.

Porém, mais do que apenas apresentar dados da vida real, sempre passíveis de interpretação, as imagens constituem, elas mesmas, uma forma de linguagem capaz de criar novas narrativas, de maneira consciente ou não. Daí a importância de se analisar cuidadosamente não somente a iconografia de uma época, mas também quem a produziu. Viajantes europeus do século XIX, por exemplo, como os franceses Jean-Baptiste Debret ou Nicolas-Antoine Taunay, ao pintarem quadros da natureza brasileira, não eram simplesmente observadores imparciais, mas pessoas propensas a exagerar ou omitir certos aspectos da realidade que procuravam retratar, seja por alguma motivação pessoal ou simples preconceito a respeito de um lugar que pouco conheciam. Nada disso diminui o seu valor como testemunho de um determinado período da história do Brasil, apenas demonstra o quanto as imagens são ricas de significados, não raro distintos daqueles imaginados por quem as produziu.

No campo da preservação do patrimônio cultural, as imagens têm sido fundamentais como subsídio aos trabalhos de identificação, de pesquisa, de documentação e de restauração dos bens culturais. Por meio de fotografias, desenhos, mapas e plantas, o patrimônio é registrado e pode ser recuperado.



Praça XV, Rio de Janeiro.



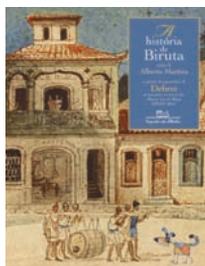
Rua 7 de Setembro, Rio de Janeiro.



DEBRET EM VIAGEM HISTÓRICA E QUADRINHESCA AO BRASIL

Texto e ilustrações por **Spacca**. Companhia das Letras, 2006. 48p. ISBN 85-359-0926-5

O propósito desta obra é narrar a história do Brasil, particularmente o episódio da Missão Artística Francesa, por meio da linguagem dos quadrinhos. Com base nos retratos de época e dados biográficos dos personagens históricos, o autor criou caricaturas, humanizando e realçando a personalidade de cada um. O conteúdo histórico da narrativa é construído pela conexão entre vários aspectos desse período como as consequências da ocupação napoleônica, a vida da Corte brasileira, a história da pintura no Brasil, a ousadia dos viajantes - o que os movia e, por assim dizer, o que move a história.



A HISTÓRIA DE BIRUTA

Alberto Martins. Companhia das Letrinhas, 2008. 48p. ISBN 978-85-7406-276-1

A História de Biruta é um livro de forte conteúdo informativo, que encontra uma maneira criativa de não se apresentar como um livro informativo. O texto de Alberto Martins constrói um caminho de exposição de um dos registros pictóricos mais conhecidos e valorizados do Brasil Colônia: as aquarelas de Debret retratando o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. A narrativa associa as imagens a um texto em versos, que descreve a aventura de um inusitado visitante - um cãozinho colorido, pictórico, por assim dizer, com ar travesso que, de forma muito irreverente, vez ou outra "pula" para dentro das aquarelas, estimulando o leitor a se sentir capaz de fazer o mesmo.

Ver também:

Fotografando Verger

Angela Lühning. Ilustrações por **Maria Eugenia**. Capa por **Silvia Massaro**. Companhia das Letrinhas, 2011. 60p. Memória e História. ISBN 978-85-740-6500-7

MEMÓRIA

O ato e a capacidade de lembrar estão na base das explicações sobre memória. Sendo intrinsecamente de natureza individual, envolvem também os valores e as representações sociais mais amplas: o compartilhar de saberes, crenças, costumes, afetos, emoções, valores. Por isso, a memória une a natureza e a cultura, dentro e ao redor de nós. Além disso, cria laços entre uns e outros, assim como entre o presente e o passado. A memória é essencialmente uma atividade seletiva, que subentende a escolha do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido, nos remetendo à ideia de construção do passado. Assim, lembrar é também esquecer. Por envolver uma operação intelectual seletiva, a memória é um dos pilares da ideia de patrimônio cultural, que também consiste em um processo de seleção, historicamente determinado e sempre em transformação, para distinguir entre tantos bens aqueles considerados representativos de uma nação e, portanto, dignos de proteção.





O GUARDA-CHUVA DO VOVÔ

Carolina Moreyra. Ilustrações por **Odilon Moraes.** DCL, 2.ed., 2013. 36p.
ISBN 9788536815749

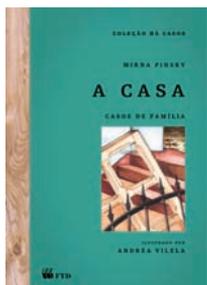
A obra fala sobre a memória como o grande recurso humano para fazer permanecer conosco o que perdemos. Se a perda é algo inexorável, a memória é seu antídoto, capaz de transformá-la num legado. Neste caso, por meio de um objeto, o guarda-chuva, a menina evoca a presença de seu avô em sua vida, à semelhança do que fazemos quando preservamos os bens culturais por gerações.



PARECE QUE FOI ONTEM / KAPUSU ACO'I JUK

Daniel Munduruku. Ilustrações por **Mauricio Negro.** Tradução por **Jairo Alves Torres Munduruku.** Global, 2006. 16 p. Edição bilíngue português e munduruku.
ISBN 978-85-260-1118-2

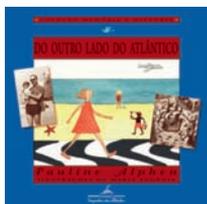
A obra, que traz um texto bilíngue em português e na língua Munduruku, revela o quanto a memória e o respeito à ancestralidade, mais do que valores cultivados pela cultura indígena, são noções fundantes de um modo de viver que permite a todos serem um. Uma visão de mundo que não duvida da riqueza do passado para informar o presente e que vê nas celebrações e na tradição o modo de lhe atribuir sentido - "nos mantemos firmes em nosso cântico, única certeza que temos de manter o céu suspenso".



A CASA: CASOS DE FAMÍLIA

Mirna Pinsky. Ilustrações por **Andréa Vilela.** FTD, 2004. 80p. Coleção Há casos.
ISBN 8532252249

Nesta história, a casa é a protagonista. A preservação de bens culturais baseia-se na ideia de que sua permanência no tempo pode comunicar ou, de outro modo, pode contar histórias, estabelecer nexos, explicar o presente e gerar alternativas mais ricas para o futuro. Neste livro, a casa onde viveram várias gerações de uma família de imigrantes de origem austríaca e alemã é apresentada como a depositária de suas histórias - testemunho de modos de vida, de modos de morar, de sonhos sonhados, de tradições estrangeiras que aqui encontraram um modo peculiar de se perpetuar.



DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO

Pauline Alphen. Ilustrações por **Maria Eugênia.** Capa por **Silvia Massaro.** Companhia das Letrinhas, 2003. 60p. Coleção Memória e História.
ISBN 978-85-7406-184-9

Este livro trata das memórias de infância da autora, nascida no Brasil, mas criada na França, e que veio a conhecer o Brasil aos onze anos de idade. De modo original, a narrativa intercala os depoimentos da menina sobre a sua viagem de descoberta do “novo mundo” com episódios da história francesa no Brasil ou da descoberta dos franceses desse mesmo “novo mundo”. Desse modo, são mesclados ao tema da memória os conceitos de origem, identidade e de diversidade cultural. Como uma imigrante, a menina experimenta novos costumes, brincadeiras, comidas e um novo habitat e, já adulta, depois de muito se perguntar, se descobre meio lá, meio cá.



MEMÓRIAS DA EMÍLIA

Monteiro Lobato. Ilustrações por **Manoel Victor Filho.** Brasiliense, 1994. 60p.
ISBN 8511190147

Este texto, no conjunto da obra de Monteiro Lobato, tem especial relação com o tema do patrimônio, porque de modo muito peculiar fala da memória como uma construção, no sentido de que o ato de esquecer e o de lembrar fazem parte de uma mesma operação, ou seja, a de escolher o que queremos ser. Narra a iniciativa de Emília, personagem central desse episódio, em escrever suas memórias. O texto expressa com grande irreverência os mecanismos, um tanto arbitrários, de construção do que denominamos memória, e, em última instância, passado. E o faz com grande maestria, pois relaciona essa construção com a discussão em si do que é ou não real.

Ver também:

Indez

Bartolomeu Queirós. Global, 2004. 96p.
ISBN 85-260-0958-3

Retratos

Roseana Murray. Companhia Editora Nacional, 2004. n.p.
ISBN 85-04-00714-6

SAÍDA DE OBRAS DE ARTE

A saída de bens móveis de interesse histórico e artístico do país foi uma preocupação constante dos defensores do patrimônio cultural desde o início do século XX, em virtude dos riscos da destruição e do comércio ilícito de obras de arte - especialmente de arte sacra - presentes nas igrejas mineiras. O Decreto-lei nº 25, de 1937, o mesmo que deu início às ações de preservação do patrimônio cultural no país, estabelecia, em seu artigo 14, a proibição da saída dos bens tombados do país, a não ser para fins de intercâmbio cultural, mediante autorização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atualmente IPHAN.

Foi somente com a Lei nº 4.845, de 1965, entretanto, que se criou uma lei específica para se impedir essa saída. A Lei se restringia às "obras de artes e ofícios" brasileiras, produzidas até o final do período monárquico, ou seja, até 1889, inclusive obras de origem portuguesa que tivessem sido trazidas para o Brasil até a mesma época. "Obras de artes e ofícios" que abrangiam "não só pinturas, desenhos, esculturas, gravuras e elementos de arquitetura, como também obras de talha, imaginária, ourivesaria, mobiliário e outras modalidades" (art. 1º).

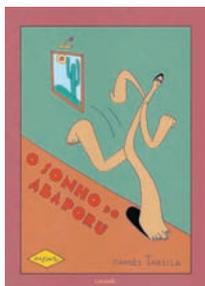
Atualmente, o maior desafio é incluir nessa proteção legal obras de arte mais recentes, como, por exemplo, a arte moderna do século XX, de maneira a evitar a perda de um patrimônio cultural e econômico valioso, por outro lado, sem impedir a liberdade de circulação das obras ou os estudos científicos sobre eles, entre outros tipos de intercâmbio necessários para o conhecimento e a promoção desses bens em todo o mundo.



E. Hildebrandt: Reprodução.



Escultura (MG). ACT/RJ.



O SONHO DO ABAPORU. D'APRÈS TARSILA DO AMARAL

Texto e ilustração por **Marcelo Cipis**. Caramelo, 2011. 32p.
ISBN 978-85-02-14684-6

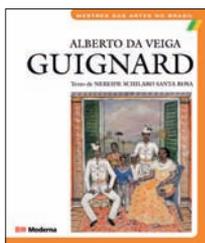
O livro homenageia uma das obras mais importantes do modernismo brasileiro, o Abaporu (1928), quadro de Tarsila do Amaral. Símbolo do movimento antropofágico, teorizado por Oswald de Andrade, que propunha “devorar” a cultura importada europeia e transformá-la em algo autônomo, brasileiro. Essa narrativa, por sua vez, liberta o Abaporu de seu enquadramento, fazendo-o passear pelo mundo afora, e subliminarmente também fala sobre a evasão para fora do país do nosso patrimônio artístico móvel, a perda (a saudade) de nossas obras de arte. Neste caso, a obra foi comprada em 1995 por um colecionador argentino, passando a pertencer ao Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires, o Malba.



TRÊS ANJOS MULATOS DO BRASIL

Texto e ilustrações por **Rui de Oliveira**. FTD, 2011. 56p.
ISBN 8532280005

A obra apresenta a biografia de três dos maiores artistas do período colonial: Aleijadinho (1730-1814) - arquiteto, escultor, entalhador; Mestre Valentin (1745-1813) - desenhista, entalhador, arquiteto, urbanista; Padre José Maurício (1767-1830) - músico, compositor, regente. A narrativa fornece dados sobre a infância, formação e maturidade dos artistas, comentada de maneira a contextualizar a vida na colônia, o surgimento da arte e do ensino da arte no Brasil, as dificuldades dos artistas mediante a sua condição de mestiços, as particularidades do barroco brasileiro. As ilustrações criam de forma original cenas sobre o cotidiano do trabalho dos artistas que aproximam o leitor do seu universo, humanizando a sua condição de personagens históricos.



ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD

Nereide Schilaro Santa Rosa. Moderna, 2000. 32p. Coleção Mestres das Artes no Brasil. ISBN 8516027244

A obra trata da biografia do pintor, com uma linguagem simples e atenta a estimular o leitor para acurar sua observação sobre as pinturas reproduzidas no livro, ao mesmo tempo que fornece dados informativos sobre a vida e obra de Guignard (1896-1962). Pintor brasileiro, que morou e estudou muitos anos na Europa, voltou a se estabelecer aqui em 1929, integrando-se ao grupo modernista. Foi professor da Escola Nacional de Belas Artes, entre outras, e sua maneira peculiar de ensinar é mencionada no livro como mais um estímulo ao aprendizado da arte. Entre as suas obras principais estão as cidades coloniais de Minas Gerais.

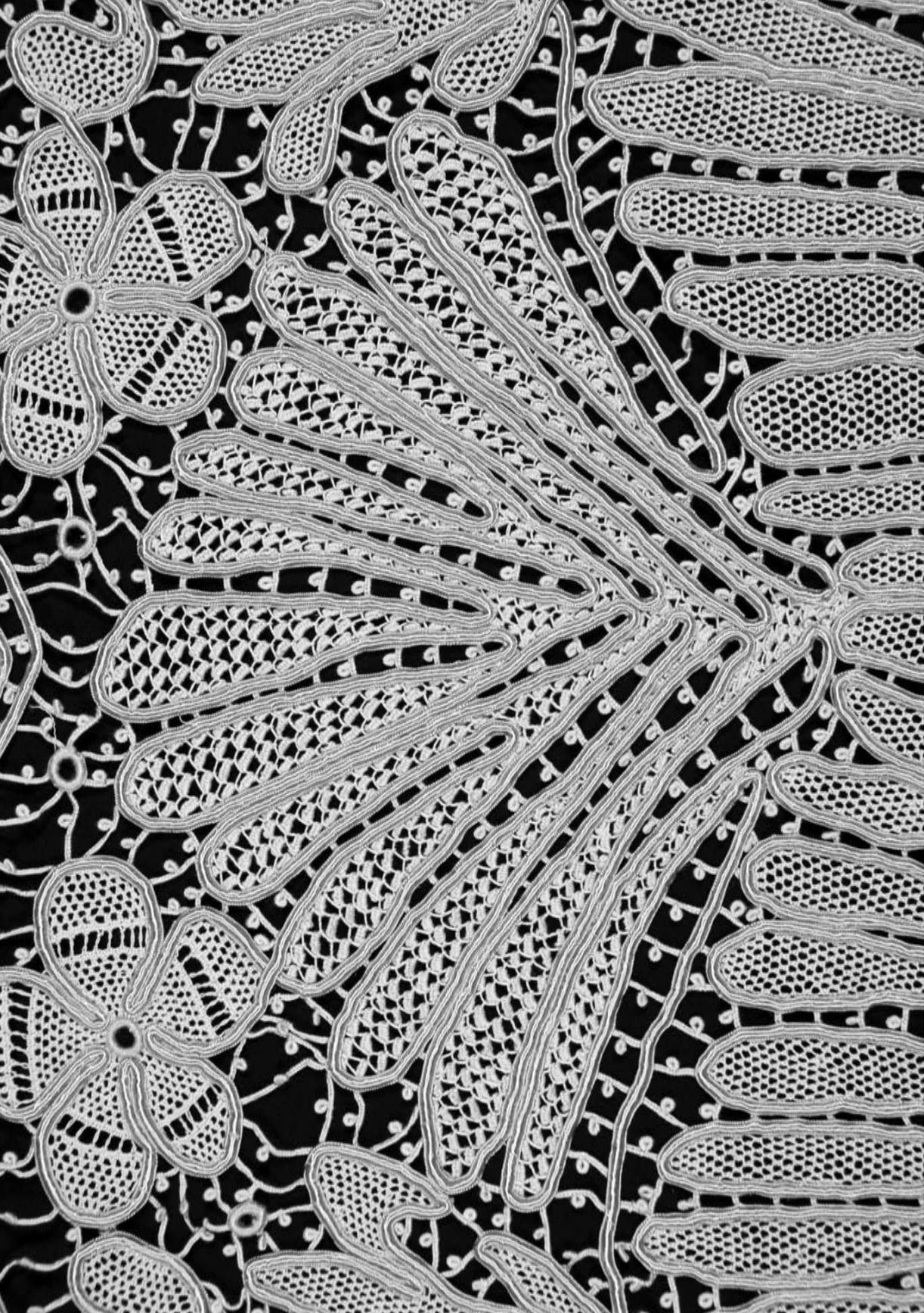
Ver também:

Tomie: cerejeiras na noite

Escrito por **Ana Miranda** sobre depoimento de **Tomie Ohtake**. Ilustrações por **Maria Eugênia**. Capa por **Silvia Massaro**. Companhia das Letrinhas, 2006. 64p. Coleção Memória e História. ISBN 978-85-740-6266-2

Brincadeiras

Pinturas por **Alfredo Volpi**. Poemas por **Katia Canton**. Projeto gráfico por **Katia Harumi Terasaka**. Martins Fontes, 2006. 48p. ISBN 85-336-2303-8



Essa é uma expressão que de forma simples refere-se ao conjunto de práticas culturais enraizadas no cotidiano das comunidades. É por meio do "Registro" (Decreto nº 3.551/2000) – um instrumento de proteção mais recente e adequado à dinâmica e fluidez da vida cultural – que são inscritos no Livro dos "Saberes" os ofícios, os modos de fazer artesanais, os conhecimentos tradicionais passados de geração em geração. Portanto, não se *tombam* as panelas da moqueca capixaba, ou a viola de cocho, mas se registra um "modo de fazer", um "saber", um "ofício" ou a arte de criar e de se expressar. Procura-se, dessa maneira, preservar uma tradição cultural sem engessá-la, respeitando a riqueza de sua diversidade e de suas múltiplas reapropriações pela sociedade. Assim, sob esse foco, privilegiam-se os protagonistas dessas práticas, aqueles que produzem conhecimento, que narram histórias, que produzem arte, artesanato, culinária, música, dança, que com seu trabalho criam modos de viver.

ARTISTAS, ARTESÃOS E ARTÍFICES

No período colonial brasileiro, oficiais eram todos aqueles que lidavam com os diferentes ofícios: desde as artes mecânicas (trabalhos manuais) até as chamadas artes liberais (ou puras) - trabalhos intelectuais. Dentre os oficiais havia, por um lado, os artesãos, técnicos nas artes mecânicas, e os artífices, artesãos mais qualificados e reconhecidos; de outro lado, os artistas puros, aqueles voltados para as belas-artes.

Os artífices, altamente requisitados na região das Minas, no século XVIII, formaram uma classe de profissionais hábeis, responsáveis pelas construções religiosas e civis. Seus trabalhos incluíam da ourivesaria à carpintaria, do artesanato à marcenaria e à escultura. Para a realização das grandes obras - igrejas, por exemplo - os artífices se organizavam em equipes, nas quais um se responsabilizava pela obra. Nomes famosos como Antonio Francisco Lisboa (1730-1814), o Aleijadinho, geralmente apenas assinavam os riscos das construções, que constituíam verdadeiras obras coletivas. Manoel da Costa Ataíde (1762-1830), o mestre Ataíde - considerado o maior pintor do barroco brasileiro -, também se integrava nesse sistema de trabalho e participou da execução de um extenso conjunto de pinturas decorativas, talhas, douramentos e encarnações de santos.

Os profetas de Congonhas

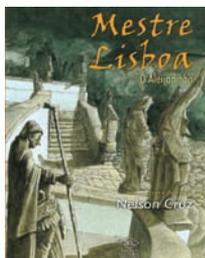
Uma das mais notáveis obras de Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa) é o conjunto de esculturas reunidas no Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus do Matosinho, em Congonhas do Campo, Minas Gerais. Tombado pelo IPHAN em 1939, o Santuário é composto pela igreja de Bom Jesus, que fica no alto de uma colina, e seu monumental adro com escadarias, muros e parapeitos onde estão dispostas as esculturas dos profetas, além de seis capelas que definem o caminho de subida da colina e que reúnem as esculturas dos Passos da Paixão, também de autoria de Aleijadinho. O Santuário teve nas esculturas dos profetas seu elemento de maior projeção, inclusive internacional. Em 1985, o conjunto foi eleito Patrimônio Cultural da Humanidade.



Igreja São Francisco de Assis. /MG. ACI/RJ.



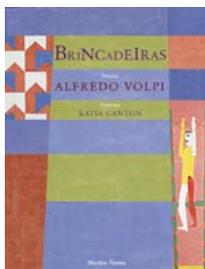
Profeta. Congonhas do Campo/MG. ACI/RJ.



MESTRE LISBOA, O ALEIJADINHO

Texto e ilustrações por **Nelson Cruz**. DCL, 2007. 40p.
ISBN 978-85-368-0360-9

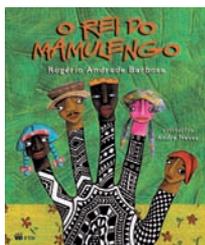
A obra apresenta uma proposta informativa de caráter biográfico sobre um dos nossos maiores artistas - o escultor, entalhador e arquiteto Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Com base em pesquisa cuidada, a narrativa trabalha com dados históricos que contextualizam a vida e obra do artista, estabelecendo nexos com a maneira de viver nesse período de consolidação das cidades mineiras, na segunda metade do século XVIII. Dá notícias sobre como as obras eram encomendadas, sobre como vivia o Aleijadinho, seu temperamento, sua condição mestiça, sua luta com a doença, além de dados sobre os acontecimentos sociais e políticos em Vila Rica.



BRINCADEIRAS

Pinturas por **Alfredo Volpi**. Poemas por **Katia Canton**. Projeto gráfico por **Katia Harumi Terasaka**. Martins Fontes, 2006. 48p.
ISBN 85-336-2303-8

O livro apresenta a arte como algo que está ao alcance de qualquer um que queira se expressar - seja brincando com as palavras ou com cores e pincéis. O modo como as imagens são encadeadas e permeadas pelo texto permite entender que a arte é necessária, vital, que não se trata apenas de habilidade ou dom individual, uma vez que está presente na vida como um todo. As reproduções da obra de Alfredo Volpi são acompanhadas pelos versos de Katia Canton que, com leveza, apresenta ao leitor a trajetória do artista e de sua arte.



O REI DO MAMULENGO

Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações por **André Neves**. FTD, 2003. 40p. Coleção Brincante.
ISBN 85-322-5064-5

Com base em pesquisas sobre os artistas populares mamulengueiros, o autor constrói uma narrativa que ao mesmo tempo informa e revela a atmosfera afetiva que cerca o trabalho com o teatro de bonecos, passado de geração em geração. Descreve o modo de esculpir as figuras, a maneira de manejar os bonecos, o caráter itinerante dessa prática em busca das plateias, a dinâmica do espetáculo com a troca de personagens, a música tocada ao vivo, a interação do público. Apresenta os personagens mais populares em cenas sempre repletas de humor e de crítica aos costumes e diferenças sociais, que revelam a riqueza desse universo e explicam a paixão que essa manifestação da cultura popular desperta tanto em seus praticantes quanto em seus expectadores.

Ver também:

Entre linhas

Texto e ilustrações por **Angela Leite de Souza**. Editora Lê, 2013. 52p.
ISBN 978-85-329-0783-7

Três anjos mulatos do Brasil

Texto e ilustrações por **Rui de Oliveira**. FTD, 2011. 56p.
ISBN 85-322-8000-5

A pedra com o menino

Ronaldo Simões Coelho. Ilustrações por **Denise Nascimento**. Paulus, 2006. 56p.
ISBN 85-349-2583-6

Sebastiana e Severina

Texto e ilustrações por **André Neves**. DCL, 2002. 40p.
ISBN 978-85-368-0360-9

Alberto da Veiga Guignard

Nereide Schilaro Santa Rosa. Moderna, 2000. 32p.
Coleção Mestres das Artes no Brasil
ISBN 85-160-2724-4

CULINÁRIA

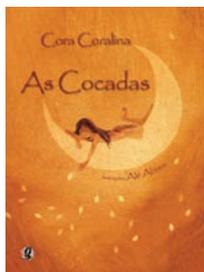
A atividade de cozinhar envolve diversas tarefas que se complementam: a confecção dos utensílios, o arranjo do espaço da cozinha e de seu mobiliário, simples ou sofisticado, a escolha dos ingredientes, os modos de preparar o alimento a ser servido. Cada um desses elementos pressupõe relações sociais, maneiras de ver e interpretar a vida, pequenos universos de sociabilidade e poder, afetividade, sabedoria e criatividade, onde se integram tradições familiares, grupos sociais distintos e representações simbólicas da vida social. Tudo que cerca o alimento, na sua dimensão material e espiritual, é dado da cultura e sinônimo de vida. As histórias narradas, as receitas passadas de geração a geração, a alquimia de transformar ingredientes em uma refeição. A culinária de uma região ou de um país revela muito do seu modo de vida e, mais fundamentalmente, de como a vida ali foi possível. Os estados brasileiros possuem uma grande variedade de especialidades e características regionais, estudadas sob o viés sociológico que aponta a relação de comidas e bebidas com costumes, crenças, superstições, envolvendo desde modos de falar (“escumação da calda”, “apuração do ponto”, “ponto brando”, “ajudando nas quitandas”), de morar, de criar os filhos, e especialmente de “saborear” o mundo – sabor e saber têm a mesma raiz etimológica e seus significados se aproximam: sabor [Do lat. *sapore*]; saber [Do lat. *sapere*, “ter gosto”]; sábio [Do lat. *sapidu*, “que tem sabor”].



Queijo minas. DPI/IPHAN



Acarajé. CNFCP/IPHAN



AS COCADAS

Cora Coralina. Ilustrações por **Alê Abreu.** Global, 2007. 24p.
ISBN 978-85-260-1252-3

O livro narra um episódio da infância da protagonista que, já adulta, relembra e revive os acontecimentos com a mesma intensidade de emoções. Trata-se de uma menina que, como diz a autora, é “prestimosa e trabalhadeira à moda do tempo”, e que, por isso mesmo, participa das tarefas domésticas, principalmente aquelas que se passam na cozinha. Ajuda na confecção de deliciosas cocadas, mas o desfecho da história mostra que, às vezes, o mundo adulto erra feio. Para a menina, um verdadeiro crime é cometido contra o que há de mais sagrado: o sabor que a vida tem ou deveria ter. É um livro que mostra a arte culinária como parte indissociável da vida e, portanto, da cultura de qualquer povo.



POEMA DO MILHO

Cora Coralina. Ilustrações por **Lélis.** Global, 2006. 32p.
ISBN 978-85-260-1065-9

O poema é introduzido pela “Oração do milho”, em que a autora rende homenagens a esse alimento de origem ameríndia, cultivado há milhares de anos e identificado como alimento básico dos mais pobres e dos animais. Sempre de forma poética, é apresentado o seu cultivo que caracteriza o trabalho na lavoura, a paisagem das roças e dos quintais, a passagem das estações, as pragas e os bichos, os modos de falar, a culinária, o artesanato de palha, a fé - o rico universo cultural da vida simples e difícil do interior brasileiro.

Ver também:

A menina Luzia

Stella Maris Rezende. Ilustrações por **Rosinha.** DCL,
2012. 48p.
ISBN 978-85-368-1291-5

NARRATIVA E ORALIDADE

Em uma sociedade ancorada na escrita, a tradição oral invariavelmente termina por ser colocada em segundo plano. No entanto, a oralidade é uma dimensão inelutável da experiência humana, ligada à comunicação e à transmissão do conhecimento.

Antes da escrita, todo o saber era transmitido oralmente. Daí a importância da memória nas sociedades tradicionais, pois a memória humana era o único recurso de que essas culturas orais dispunham para armazenar e transmitir o conhecimento às futuras gerações. Nessas sociedades, os mais velhos eram considerados os mais sábios, uma vez que tinham acumulado mais conhecimentos, advindos da experiência.

Nos dias de hoje, a contação de histórias atua como um dispositivo para a aprendizagem de forma lúdica e afetiva, que não é menos importante à vida de adultos e crianças do que outras formas de aprendizagem. Numa sociedade de imensa mecanização como a nossa, a valorização do conhecimento transmitido pela oralidade recompõe o valor das experiências coletivas.



Cachoeira (BA). Copecioc/ IPHAN



Cachoeira (BA). Copecioc/ IPHAN



UMA CIDADE DE CARNE E OSSO – CASOS DO INTERIOR
Maria José Silveira. Ilustrações por **Maria Eugênia.** FTD, 2004. 112p. Coleção Há Casos. ISBN 85-322-5221-4

A obra reverencia o significado da memória que é passada de geração em geração através da contação de histórias, dos “causos”. Trata-se de uma coletânea de casos nos quais são apresentados costumes, crenças, visões de mundo, com referências à culinária, aos modos de brincar, de morar, de fazer arte, de trabalhar, de se relacionar com a natureza. Essa tradição oral diz respeito à construção de identidades, individuais e coletivas, locais, regionais, nacionais, e que por sua vez têm uma relação profunda com a possibilidade de cidadãos mais plenos, mais ricos e com maior discernimento sobre o que desejam ser.

Ver também:

Amarílis

Eva Furnari. Ilustrações por **Cárcamo.** Moderna, 2013. 32p. Série Do Avesso. ISBN 978-85-160-8542-1

Lampião e Lancelote

Texto e ilustrações por **Fernando Vilela.** Cosac Naify, 2006. 52p. ISBN 978-85-7503-526-9

Poema do milho

Cora Coralina. Ilustrações por **Lélis.** Global, 2006. 32p. ISBN 978-85-260-1065-9

Quadrinhas Brasileiras

Silvio Romero. Ilustrações por **Rosinha Campos.** Pesquisa e seleção de textos por **Maria Viana.** Scipione, 2006. 32p. ISBN 978-85-262-6354-3

Minhas rimas de cordel

César Obeid. Ilustrações por **Regina Drozina** e **Valdeck de Garanhuns.** Moderna, 2005. 48p. ISBN 85-16-04569-2

Salada, saladinha: parlendas

Maria José Nóbrega e **Rosane Pamplona** (Org.). ilustrações por **Marcelo Cipis.** Moderna, 2005. 56p. ISBN 85-16-04574-9

Gosto de África: histórias de lá e daqui

Joel Rufino dos Santos. Ilustrações por **Claudia Scatamacchia.** Global, 1999. 48p. ISBN 978-85-260-1020-8

TRABALHO ARTESANAL

Tecendo fios, entretecendo histórias, os tecelões produzem e reproduzem costumes, práticas culturais, modos de fazer. Por detrás de cada tecido minuciosamente confeccionado há um rico manancial de experiências vividas e transmitidas oralmente, trabalho longo e exaustivo, dias e noites de intensa dedicação, até o resultado final. A fição e a tecelagem, enquanto atividades produtivas humanas, são milenares, mas as formas pelas quais se desenvolveram em cada país obedeceram aos tipos de material disponível, aos costumes e à formação cultural de seus artesãos. A tal ponto que alguns povos ficaram associados a certos tipos de tecido: os egípcios, ao linho; os hindus, ao algodão; os chineses, à seda. A arte e o ofício da fição e da tecelagem requerem muito pouco de tecnologia e muito do trabalho humano, que dá forma e sentido aos materiais extraídos da natureza – fibras animais e vegetais –, fornecendo da mais elementar vestimenta ao mais suntuoso traje.

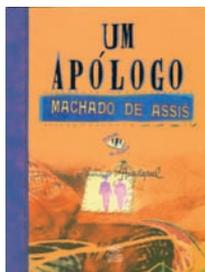
No Brasil, a arte das rendeiras tem origem na apropriação de velhos saberes transplantados da Europa e aqui introduzidos mais fortemente pela tradição oral. Há uma grande diversidade de tipos de renda produzidos no país, dentre eles a “renda irlandesa”, inscrita no Livro de Registro dos Saberes, identificando como patrimônio cultural imaterial o “Modo de Fazer Renda Irlandesa”. A renda irlandesa, também conhecida como renda de lacê, é um tipo de renda de agulha, que combina uma multiplicidade de pontos executados com fios de linha, tendo como suporte um tipo de cordão sedoso achatado - o lacê. A renda tornou-se a principal atividade de mulheres saídas dos canaviais e, desde o primeiro quartel do século XX, promoveu sua ascensão social. Abandonando o árduo trabalho das roças e fazendo rendas, essas mulheres puderam custear seus estudos, tornando-se professoras ou melhorando as condições de vida de suas famílias.



Rendas. - ACI/RJ



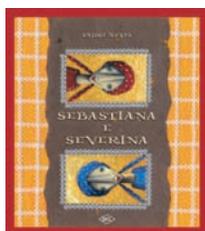
Renda de lacê. - DPI/IPHAN.



UM APÓLOGO

Machado de Assis. Ilustrações por **Ana Raquel.** DCL, 2003. 32p. ISBN 978-85-7338-793-3

O conto utiliza a linguagem figurativa, com personagens inanimados: a linha e a agulha para apresentar a importância (e disputa) que cada um tem no resultado do trabalho (ou no mundo) - neste caso, a costura de um vestido. O antigo ofício da confecção de vestuário (e de tecidos) remete à longa tradição do trabalho artesanal que indica a coletividade, a rede de sociabilidade e a fundação das identidades pela perspectiva do trabalho, pois ele não é outra coisa senão a relação objetiva e concreta que temos com o mundo. O texto de Machado nesta formatação atraente para o público infantojuvenil demonstra que temas de grande complexidade alcançam o interesse de adultos, jovens e crianças.



SEBASTIANA E SEVERINA

Texto e ilustrações por **André Neves.** DCL, 20. 40p. ISBN 978-85-368-0360-9

Com jeito de conto, a obra de narrativa fantástica fala do trabalho das rendeiras, remetendo a credences, costumes e visões de mundo da cultura popular nordestina. São mencionados festejos, o cancionero popular, a culinária etc. como pano de fundo de uma disputa amorosa entre duas habilidosas rendeiras. Ao final do livro, o autor oferece informações mais detalhadas sobre os vários aspectos presentes no texto de ficção, estimulando o leitor a conhecer mais sobre o folclore e as tradições locais.



ENTRE LINHAS

Texto e ilustrações por **Angela Leite de Souza.** Editora Lê, 2013. 52p. ISBN 978-85-329-0783-7

O livro "costura" poemas para apresentar os trabalhos manuais há pouco presentes no cotidiano das famílias, como cerzir, pregar botões etc. Discorre com arte nas ilustrações sobre pequenas tarefas e sobre o trabalho mais minucioso de bordados e de alfaiataria. Apresenta expressões presentes na linguagem do dia a dia, provenientes do trabalho com a costura, relacionando-o à contação de histórias. Na segunda parte, de caráter mais informativo, apresenta o vocabulário específico desse universo e por meio de fotografias demonstra algumas das técnicas de costura - registro e resgate dessa prática cultural que são os trabalhos manuais de uma forma geral.

Ver também:

A menina Luzia

Stella Maris Rezende. Ilustrações por **Rosinha.** DCL, 2012. 48p. ISBN 978-85-368-1291-5

AUTORES E ILUSTRADORES



ALBERTO MARTINS (70)

Nascido em Santos, em 1958, o escritor e artista plástico formou-se em Letras pela USP, em 1981, e estudou gravura na Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP) e no Pratt Graphics Center, em Nova York, passando a se dedicar à xilogravura e à escultura. Participou de exposições no Brasil e no exterior, e é autor dos livros *Poemas* (1990); *Goeldi: história de horizonte* (1995), pelo qual recebeu o Prêmio Jabuti; *A floresta e o estrangeiro* (2000); *Cais* (2002), com xilogravuras do autor; *Café-com-leite & feijão-com-arroz* (2004); *A história dos ossos* (2005); *Em trânsito* (2010). Em 2000, recebeu o Prêmio FNLIJ na categoria Poesia.

ALÊ ABREU (82)

O desenhista, nascido em 1971, formou-se em Comunicação Social (1992). Ilustrou livros como *O mistério do cinco estrelas*, de Marcos Rey, *Sangue fresco*, de João Carlos Marinho e *O Menino que espiava pra dentro*, de Ana Maria Machado. Realizou os premiados curtas-metragens *Sírius* (1993), *Espantalho* (1998), que recebeu entre outros prêmios o de melhor animação nacional do Festival Anima Mundi 98, *Passo* (2007), e o longa-metragem *Garoto Cósmico* (2007).

ANA MARIA MACHADO (65)

Autora reconhecida nacional e internacionalmente, tanto pela qualidade quanto pela extensão da sua obra, que reúne mais de cem títulos publicados. Nascida no Rio de Janeiro em 1941, estudou no Museu de Arte Moderna e na faculdade de Letras da UFRJ. Ganhou muitos prêmios e condecorações, entre os mais recentes, o Prêmio Hans Christian Andersen, em 2000, considerado o Nobel da literatura infantil. Recebeu, ainda, o Prêmio Machado de Assis e a Ordem do Mérito Cultural, da Presidência da República, em 2001, tendo sido eleita, em 2003, para ocupar a vaga nº 1 da Academia Brasileira de Letras.

ANA MIRANDA (59)

Nascida em Fortaleza, Ceará, em 1951, cursou o Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília. Trabalhou com cinema novo brasileiro entre 1971 e 1979 e dirigiu o Instituto de Artes da Funarte. Estreou como escritora, com as poesias de *Anjos e demônios* (1978) e *Celebrações do outro* (1983). O romance *Boca do inferno* (1989), traduzido em vários países, rendeu-lhe o Prêmio Jabuti, revelação de 1990. Recebeu o Prêmio da Biblioteca Nacional (1994), o Prêmio da Academia Brasileira de Letras (2003), Sereia de Ouro (2009) e o Green Prize of the Americas (2010).

ANA RAQUEL (29)

Nascida em 1950, em Pitangui (MG), atua como ilustradora desde 1980. Participou da criação de mais de cem livros, alguns premiados. Ilustrou obras de sua autoria e de outros autores, entre eles *Se as coisas fossem mães* (1984), de Sylvia Orthof, *Álbum de retratos* (1998), de Jorge Fernando dos Santos, *O velho, a carranca e o rio* (2000) e *A sereia dos cabelos de ouro* (2002), ambos de Rogério Andrade Barbosa, a coleção *Todo mundo tem*, junto com Anna Cláudia Ramos, entre 2004 e 2005, e *Cajaré* (2008).

ANDRÉ DINIZ (37)

Nascido em Niterói, em 1969, formou-se em História pela UFF, tem mestrado em Memória Social da Música pela Unirio e doutorado em Literatura Brasileira pela UFF. Professor de Ensino Superior e Ensino Médio e pesquisador de música popular brasileira, tem diversos artigos e livros publicados, entre eles *Almanaque do choro* (2003), *Almanaque do samba* (2006), *Almanaque do Carnaval* (2008), e *Noel Rosa: o poeta do samba e da cidade* (2010). Escreveu, em parceria com a escritora Juliana Lins, *O Rio de Janeiro de cariocas e fluminenses* (2010), e vários livros da Coleção Mestres da Música no Brasil, como *Pixinguinha* (2003), premiado pelo Instituto Nacional do Livro. Foi eleito vereador em 2004, e ocupou o cargo de Secretário Municipal de Cultura, ambos em Niterói.

ANDRÉ NEVES (19; 79; 86)

Nasceu em Recife, formou-se em Relações Públicas, e estudou Artes Plásticas. Em 2002, participou da mostra internacional de ilustração infantil *La Immagini Della Fantasia*. Escreve e ilustra suas próprias obras, e a de muitos outros, como *Quando o sabiá canta nossos males espanta* (2003), de Fátima Miguez, e *O armário do João-de-Barro* (2007), de Christina Dias. Recebeu, entre outros, o Prêmio Luís Jardim, da FNLIJ, de melhor livro de imagem (2001), e dois prêmios Jabuti (2003 e 2013). Várias obras de sua autoria receberam, ainda, selos de Altamente Recomendável, concedidos pela FNLIJ.

ANDRÉA VILELA (72)

A ilustradora, nascida em Viçosa, Minas Gerais, cursou a Escola de Belas Artes da UFMG e fez o mestrado em Literatura Brasileira, na Faculdade de Letras, também da UFMG. Ilustrou mais de cinquenta livros, entre eles, *A casa: casos de família*, de Mirna Pinsky, e *Como é duro ser diferente!*, de Giselda Laporta Nicoléllis. Atua, ainda, como professora universitária, e trabalha para jornais, revistas e publicidade.

ANGELA LAGO (11)

A escritora e ilustradora nasceu em Belo Horizonte em 1945. Formou-se na Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais e frequentou o *atelier* do escultor Bitter. Lecionou na Escola de Serviço Social e trabalhou como assistente no Instituto Psicopedagógico, para crianças. Desde 1980 dedica-se a escrever e ilustrar para crianças. A autora, com mais de 40 livros publicados, ilustrou tanto obras próprias, como as de outros autores nacionais e estrangeiros. Recebeu vários prêmios Jabuti, o Octogone (França), o Prêmio Iberoamericano de Ilustración (Espanha) e o BIB Plaque (Eslováquia).

ANGELA LEITE DE SOUZA (29; 86)

Nascida em Belo Horizonte, estudou Jornalismo na PUC do Rio de Janeiro. Publicou cerca de 30 livros infantis e juvenis, entre os quais *Três gotas de poesia*, que recebeu o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, e *Meus Rios*, que conquistou o 2º lugar no Prêmio Carióquina, conferido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Desde 1990 também se dedica à ilustração. Recebeu, ainda, o prêmio Casa de las Américas, do governo de Cuba, pelo livro de poemas para adultos *Estas muitas minas*.

ANGELA LÜHNING (65)

Nasceu na cidade de Moers, Alemanha, e mora no Brasil há 16 anos. É licenciada em Música e fez doutorado em Etnomusicologia na Universidade Livre de Berlim. Desde 1990 é professora da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Trabalha também como pesquisadora da Fundação Pierre Verger, com quem conviveu. Publicou diversos livros e artigos sobre a cultura afro-brasileira nos seus aspectos históricos, sociais e musicais, e é autora do livro *Pierre Verger: repórter fotográfico*.

ANGELO ABU (22; 67; 68)

Nasceu em Belo Horizonte em 1974. Em um festival de inverno em Ouro Preto, em 1995, cursou uma oficina com Marilda Castanha e Paulo Bernardo Vaz, ilustrando seu primeiro livro, *Zoomágicos*. Formou-se em Cinema de Animação na Escola de Belas Artes pela UFMG em

2000. Ilustrou diversos livros, entre eles, a Coleção Escola em Cena, de Victor Louis Stutz (entre 1999 e 2005), a Coleção Meninos e Meninas do Brasil, de Maria José Silveira (entre 2003 e 2005), *Alberto do sonho ao voo* (2005), de José Roberto Luchetti e *O menino parafuso* (2008), de Olívia de Mello Franco.

AROEIRA (25)

Aroeira, como é conhecido Renato Luiz Campos, nasceu em Belo Horizonte. Começou a ilustrar, aos 12 anos e publicou charges pela primeira vez em um jornal diário aos 17 anos, tornando-se a partir daí um regular na imprensa mineira. Ao se mudar para o Rio de Janeiro na década de 1980, passou a trabalhar nos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, e depois em *O Dia*, em 1998, onde está até hoje, e na *Revista IstoÉ*. Recebeu os prêmios Wladimir Herzog, em 1998, o Líbero Badaró, e a medalha Pedro Ernesto, da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro.

AVELINO GUEDES (11)

Nasceu em São Paulo, em 1948. Começou a pintar e a desenhar aos cinco anos de idade. Em Nova York, trabalhou em estúdios e fez cursos de desenho, desenho animado, ilustração publicitária e fotografia. No Brasil, trabalhou como publicitário, e na produção de livros e revistas da Editora Abril. Ilustrou as obras *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, *Enigma na Televisão*, de Marcos Rey, entre outras. Também é autor de livros infantis e de imagens, tais como *O sanduiche da Maricota* (2013).

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS (33)

Nascido em Pará de Minas, Minas Gerais, em 1944, o autor tinha formação nas áreas de educação e arte, tendo cursado o Instituto Pedagógico de Paris. Participou de projetos da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, do Ministério da Educação e do PROLER (Programa Nacional de Incentivo à Leitura), vinculado à Fundação Biblioteca Nacional. Em 1974, publicou seu primeiro livro, *O peixe e o pássaro*. Sua obra, com mais de cinquenta livros, entre os quais destacam-se *Ah! Mar* (1985), *Por parte de pai* (1995), *Coração não toma sol* (1998) e *O olho de vidro do meu avô* (2004), valeu-lhe diversos prêmios literários, entre eles o Jabuti, pela Câmara Brasileira do Livro, e vários prêmios da FNLIJ. Faleceu em Belo Horizonte em 2012.

BIA HETZEL (13)

Escritora, fotógrafa, editora, ambientalista e pesquisadora, nasceu no Rio de Janeiro, em 1968. Entre os mais de 20 livros publicados, destacam-se *Toda criança gosta...* (2007) e *ABC: curumim já sabe ler!* (2008). Recebeu o Prêmio Jabuti de Autor Revelação, o prêmio O melhor para a criança FNLIJ, o selo de qualidade White Ravens da Biblioteca Internacional de Munique e várias menções de Altamente Recomendável (FNLIJ). Em 1995, criou a editora Manati, junto com a designer Sílvia Negreiros.

CAMILA PERLINGEIRO (28)

Nascida no Rio de Janeiro em 1973, é diretora da Memória Visual, editora especializada em moda, gastronomia, biografias e fotografia. Também é coordenadora de projetos especiais da Pinakothek Cultural, instituição especializada na difusão da arte brasileira. É mestre em Museum Studies: costume and textiles pelo Fashion Institute of Technology, Nova York. Organizou o livro *46 livros de moda que você não pode deixar de ler* (2007) e é autora do livro *Lenny Niemeyer* (2008).

CÁRCAMO (63)

O chileno Gonzalo Cárcamo nasceu em 1954, e mora no Brasil desde 1976. Artista plástico, ilustrador e caricaturista, tem vasta experiência na técnica da aquarela, tendo realizado exposições de pintura no Brasil, na Espanha e no Chile. Publicou suas primeiras caricaturas no semanário *O Pasquim*, em 1986, e colaborou como ilustrador para editoras, jornais e revistas no Brasil e no exterior. Em 2000 lançou o seu primeiro livro como autor, *Modelo vivo, natureza morta*, seguindo as obras *Aquarelas e variações sobre Paraty* (2004), *As lorotas da Cobra Gabi* (2005), entre outras. Recebeu os prêmios de melhor caricatura nos salões internacionais de Humor do Piauí (1987) e de Piracicaba (1988), o Prêmio HQmix de Melhor Ilustração de livro infantil (2002, 2004 e 2005), e o Prêmio FNLIJ 2007 de Melhor Ilustração pelo livro *Thapa Kunturi: ninho do condor*.

CARLA IRUSTA (35)

Formou-se em Jornalismo pela PUC-Paraná, em 2004. Especializou-se em Literatura Hispano-Americana pela Universidad de Barcelona, na Espanha, em 2005. Em 2008 fez mestrado em Ilustração Infantil, pela UAB-EINA Escola de Diseño y Arte. Através do Estudio Iruستا, realiza trabalhos de projeto gráfico, ilustração para livros e revistas, desde 2008. Ilustrou os livros A

menina superdotada (2010), *Otto* (2011), *Bolinho de chuva e outras miudezas* (2011), *Quem perdeu um elefante* (2012) e *Mistério na floresta amazônica* (2012).

CARLOS EDUARDO CINELLI (19)

Nasceu no Rio de Janeiro em 1979. Estudou desenho, pintura e gravura em metal na adolescência. Formou-se como ator na Escola de Teatro da UniRio, onde fundou com demais artistas o grupo Os Tapetes Contadores de Histórias. Atualmente, suas atividades estão relacionadas ao teatro, artes plásticas e narração de histórias.

CAROLINA MOREYRA (72)

Estudou cinema na London Film School, na Inglaterra. Escreveu e dirigiu dois curtas-metragens, um deles ganhador do Grand Prix A l’Affiche du Monde, na França, em 2001. De volta ao Brasil, trabalhou como pesquisadora no quadro *Retrato Falado*, do programa Fantástico, da TV Globo. Seu primeiro livro para crianças, *O guarda-chuva do vovô*, foi publicado em 2008.

CASSIO LOREDANO (25)

Nascido no Rio de Janeiro em 1948, foi repórter e redator de jornal e de rádio jornalismo. A partir de 1972, passou a se dedicar à caricatura, trabalhando nos jornais *Opinião*, *O Pasquim*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e *Gazeta Mercantil*, e entre 1976 e 1994, morando na Europa, em periódicos alemães, italianos, franceses e espanhóis. Destacou-se retratando escritores e cronistas brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector. Estudioso da história da ilustração no Brasil e especialista em J. Carlos, publicou *Nássara desenhista* (1985), *Loredano caricaturas: mancha, traço, página* (1994), *O Rio de J. Carlos* (1998), *Carnaval J. Carlos* (1999), *Alfabeto literário* (2002), *O bonde e a linha: um perfil de J. Carlos* (2003). Presta consultoria ao Instituto Moreira Salles para a organização do acervo gráfico de Millôr Fernandes.

CESAR CARDOSO (13)

Escritor, fotógrafo e roteirista de TV, nascido no Rio de Janeiro em 1955, formou-se em Letras pela UFRJ. Escreveu para a revista *Caros Amigos*, para os jornais *O Pasquim* e *O Planeta Diário*, assim como para programas de TV como *TV Pirata*, *A Grande Família*, *Sai de Baixo* e *Toma Lá Dá Cá*. Lançou seu primeiro livro infantil, *A Serra do Sobe-Sobe*, em 1983. Publicou, ainda, os livros *O que é que não é?* (2011), *Gigante do Maracanã* (2014), entre outros.

CÉSAR OBEID (11; 19; 27)

Nascido em São Paulo, em 1974, o escritor, educador e contador de histórias formado em Administração de Empresas pelo Instituto Mackenzie (1997), dedica-se hoje à recriação do cordel e do repente na educação, no teatro, em eventos e na literatura. É secretário da UCRAN (União dos cordelistas e repentistas do nordeste). Autor dos livros *O cachorro do menino* (2007), *Vida rima com cordel* (2007), *Aquecimento global não dá rima com legal* (2008), *Mitos brasileiros em cordel* (2008), títulos que receberam menção de Altamente Recomendável da FNLIJ.

CLAUDIA SCATAMACCHIA (43; 82)

Nascida na cidade de São Paulo, foi aluna do pintor Yoshiya Takaoka ainda adolescente. Formou-se em Comunicação Visual, atuando principalmente nas áreas de pintura, *design*, projetos gráficos, direção de arte e ilustrações. Premiada várias vezes no Brasil e no exterior, ilustrou obras clássicas e de importantes autores, como Goethe, Virgílio, Andersen, Irmãos Grimm, Perrault, Lewis Carroll, Fernando Pessoa, Érico Veríssimo, Walmir Ayala.

CORA CORALINA (49; 82)

A poetisa Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nasceu em 1889, na cidade de Goiás. Doceira de profissão, cursou apenas as primeiras letras e já aos 14 anos escreveu seus primeiros contos e poemas. Seu primeiro livro, *Poemas dos becos de Goiás*, foi publicado pela Editora José Olympio em 1965, quando a poetisa já contabilizava 75 anos. Compôs *Meu livro de cordel* (1976) e *Vintém de cobre - meias confissões de Aninha* (1983). Foi eleita intelectual do ano e contemplada com o Prêmio Juca Pato, da União Brasileira dos Escritores, em 1983. Faleceu em Goiânia, em 1985, na casa que foi transformada no Museu Casa de Cora Coralina.

DANIEL KONDO (43)

Nascido em Passo Fundo (RS), em 1971, iniciou sua carreira de ilustrador na área de publicidade. Ilustrou o livro-imagem *Tchibum!* (2009), com concepção do nadador Gustavo Borges, *Surfando na Marquise* (2009), com texto de Paulo Bloise, e *Minhas contas* (2008) de Luiz Antonio. Atualmente ilustra a coluna *Últimas Palavras* do jornal *O Estado de S. Paulo*.

DANIEL MUNDURUKU (46; 47; 72)

Nascido em Belém, Pará, filho do povo indígena Munduruku, é professor formado em Filosofia e estudioso de diversas áreas do conhecimento como Antropologia, História e Psicologia. Ajudou a criar o Imbrapi (Instituto Indígena Brasileiro de Propriedade Intelectual) e atua como contador de histórias. Autor de *Histórias de índio*, *Coisas de índio* e *As serpentes que roubaram a noite*, os dois últimos premiados com o selo de Altamente Recomendável pela FNLIJ. Entre outras atividades, participa ativamente de palestras e seminários destacando o papel da cultura indígena na formação da sociedade brasileira.

DENISE NASCIMENTO (31)

Nascida no ano de 1969, em Belo Vale, Minas Gerais, designer gráfica, graduou-se em 1992 pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Ilustrou, entre outras obras, *A pedra com o menino*, de Ronaldo Simões Coelho, selecionada para o catálogo da FNLIJ para a feira de Bolonha, *Histórias trazidas por um cavalo-marinho* (2005), de Edimilson de Almeida Pereira e *Ulomma - a casa de beleza e outros contos* (2006), de Sunny, e *Contos de Mirábile* (2007), de Édimo de Almeida Pereira.

DRAUZIO VARELLA (57)

Médico cancerologista, formado pela USP, nasceu em São Paulo em 1943. Sua versatilidade fez com que investisse em outros caminhos que não os da medicina. Já experimentou a televisão e passou pelo cinema, sem deixar de lado a literatura. Além de escrever *Aids hoje*, *Estação Carandiru* (1999) e *Por um fio* (2004), Drauzio Varella também voltou sua atenção para a literatura infantil. *Nas Ruas do Brás* é o primeiro livro escrito por ele para o público infantojuvenil.

ERNESTO BONATO (19)

O gravador e fotógrafo nasceu em São Paulo, em 1968. Graduiu-se em Artes Plásticas em 1992 e concluiu o mestrado em Poéticas Visuais, em 2000, ambos pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Realizou exposições individuais e coletivas. Foi professor de xilogravura no *Atelier* de Gravura do Museu Lasar Segall de 1998 a 1999, e de processos gráficos do curso de *design* gráfico do Senac, São Paulo, em 2001. Participou do Programa de Residência Artística da Unicamp, em 2011.

EVA FURNARI (63)

Nasceu em Roma, Itália, em 1948, mudando-se para o Brasil com a família em 1950. Formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela USP. De 1974 a 1979, foi professora de artes do Museu Lasar Segall. Escritora e ilustradora de livros infantis desde 1980, publicou histórias semanais de Bruxinha, sua personagem mais conhecida no suplemento infantil do jornal *Folha de S.Paulo*. Dentre seus 60 livros publicados, destacam-se, *Bruxinha atrapalhada* (1982), *Filó e Marieta* (1983), *Anjinho* (1998) e *Felpe Filva* (2007). Alguns de seus livros foram adaptados para o teatro, como *A Bruxa Zelda e os 80 docinhos* (1996) e *Truks* (1991). Recebeu diversos prêmios, entre eles, o Jabuti de Ilustração (1991, 1996, 1998, 2004, 2006 e 2007); nove prêmios FNLIJ; e o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) pelo conjunto da obra, em 1987.

FABIANA FERREIRA LOPES (46)

Nasceu em São Paulo, em 1977. Formada em História e Cinema, faz mestrado em Meios e Processos Audiovisuais na ECA-USP, pesquisando documentários indígenas. Atuou em movimentos sociais camponeses no Brasil e na Argentina e viveu no Xingu, na aldeia Ahia Kalapalo. Trabalha como editora de livros didáticos na área de Ciências Humanas e é autora dos livros *Festa da Taquara* (2012), *Bumba-boi* (2012) e *Maracatu nação* (2013).

FÁBIO SOMBRA (27)

Nascido no Rio de Janeiro, além de escritor, ilustrador e violeiro, é um pesquisador de folclore e cultura popular brasileira. Tem mais de 20 livros publicados, sendo vários escritos em versos de cordel. Recebeu importantes prêmios literários como o Altamente Recomendável, da FNLIJ, e teve livros selecionados para o catálogo de obras brasileiras da Feira do Livro infantil de Bolonha, Itália. É membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) e possui obras em coleções e museus no Brasil (Museu Internacional de Arte Naif do Brasil), França (Musée d'Art Naif Anatole Jakovsky, Nice), Portugal (Museu de Arte Primitiva Moderna, Guimarães) e Alemanha (Charlotte Zander Museum, Bönigheim).

FAMÍLIA DUMONT (52)

Demóstenes (desenho), Antônia Diniz, Ângela Marilu, Martha e Sália Dumont (bordados), integrantes do grupo Matizes Dumont, são artistas de uma mesma família de Pirapora, Minas Gerais. Esse grupo de artistas resolveu acrescentar nova função de artes visuais ao bordado

antigo, criando uma tapeçaria minimalista, com características muito pessoais. O grupo se dedica às artes plásticas, às ilustrações de livros bordados e à arte-educação. A criação de uma tela tem momentos distintos e todos são igualmente importantes e de grande elaboração. Primeiro é elaborado o desenho pelo irmão Demóstenes, que é artista plástico. Cada uma das bordadeiras recria o bordado com base nesses desenhos, escolhendo elas mesmas as cores das linhas e a textura do fio. O grupo já foi premiado, entre outros, com o Jabuti de Ilustração pelo livro *A menina, a gaiola e a bicicleta/Céu de passarinhos* (1998), com o Prêmio Adolfo Aizen, Categoria Melhor Projeto Gráfico e ilustração pelo livro *Amazonas, águas, pássaros, seres e milagres*, em 2000, e com vários selos de Altamente Recomendável da FNLIJ.

FERNANDO BRANT (29)

O compositor, nascido em Caldas (MG) em 1946, participou do movimento musical Clube da Esquina, na década de 1960, em Belo Horizonte. Autor de mais de 300 canções, foi parceiro de Milton Nascimento, Lô Borges, Wagner Tiso, Márcio Borges, Nivaldo Ornelas, Toninho Horta e Paulo Braga. Compôs com Milton Nascimento a canção *Travessia* (1967). Criou roteiros e letras para balés, teatros e trilhas sonoras de filmes nacionais e novelas. Publicou o livro de crônicas *Clube dos Gambás* (2004) e *Mercado Central* (2004). Escreve, semanalmente, crônicas para o jornal *Estado de Minas*.

FERNANDO VILELA (15)

O artista plástico, *designer* e educador, nascido em São Paulo, formou-se em Artes Plásticas pela Unicamp em 1995 e é mestre em Artes Visuais pela ECA/USP. Por sua primeira obra para crianças, *Ivan Filho-de-Boi* (2004), escrito por Marina Tenório, ganhou o prêmio Revelação Ilustrador da FNLIJ. Realizou diversas exposições no Brasil e no exterior, incluindo a Bienal Internacional de Ilustração de Bratislava, na Eslováquia, em 2005. Ilustrou mais de 60 livros, sendo alguns de sua autoria, como *Lampião* e *Lancelote*, que lhe rendeu o Prêmio Jabuti, em 2007.

FLÁVIA LINS E SILVA (51)

Nascida no Rio de Janeiro, em 1971, é formada em Jornalismo pela PUC-Rio e mestre em Teoria Literária na UFMG. Além de escritora, trabalha como roteirista de cinema e de programas de televisão, como Sítio do Picapau Amarelo, da TV Globo, e como documentarista. Recebeu o Prêmio João-de-Barro para literatura juvenil, em 2006, e o de Altamente Recomendável para Jovens, da FNLIJ, em 2011, por *Mururu no Amazonas*. Pilar é sua personagem mais conhecida, de uma série de publicações, iniciada com *As peripécias de Pilar na Grécia* (2001).

GERALDO VALÉRIO (51)

Nascido em Divinópolis (MG), o ilustrador e autor de livros infantis formou-se pela Escola de Belas Artes da UFMG, e concluiu o mestrado em artes pela New York University. Publicou seus trabalhos em editoras do Brasil, Portugal, Estados Unidos e Canadá, país onde atualmente reside. Teve ilustrações expostas na Society of Illustrators em Nova York, e na Bienal de Ilustração da Bratislava, na Eslováquia. Publicou como autor e ilustrador: *Abecedário de Bichos Brasileiros* (2013) e *Abecedário de Aves Brasileiras* (2009). Ilustrou tanto obras de autores internacionais, como Jeanie Lee e Eileen Spinelli, quanto de nacionais, como Vera do Val, Tatiana Belinky e Yaguarê Yamã, para o qual ilustrou *Falando Tupi* (2012).

GRAÇA LIMA (13; 22; 43)

Carioca, formada em Comunicação Visual pela Escola de Belas Artes da UFRJ, fez mestrado em Design na PUC-Rio. Recebeu vários prêmios nacionais e internacionais, entre eles o Prêmio Luis Jardim, Prêmio Malba Tahan, Prêmio O melhor para o Jovem, o Prêmio Jabuti na categoria de ilustração (1982 e 1984), muitos Altamente Recomendável, e por três vezes a Menção White Ravens da Biblioteca de Munique, Alemanha. Atualmente é professora de Metodologia Visual na Escola de Belas Artes da UFRJ. Ilustrou mais de cem livros, entre eles, *Chico Rei*, de seu irmão Renato Lima, *Menina transparente*, de Elisa Lucinda e *Filho de artista*, de Flávio de Souza.

HENRIQUE RODRIGUES (28)

Nascido no Rio de Janeiro em 1975, formou-se em Letras e pós-graduou-se em Jornalismo Cultural, ambos pela UERJ. É mestre em Estudos de Literatura pela PUC-Rio. É coautor dos livros *Quatro estações: o trevo* (1999) e *Prosas cariocas: uma nova cartografia do Rio de Janeiro* (2004), e autor dos livros *A musa diluída* (2006), *Versos para um Rio Antigo* (2007) e *Machado de Assis: o Rio de Janeiro de seus personagens* (2008). Colabora com a revista virtual *Histórias possíveis* e com os suplementos literários do *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Atualmente trabalha com projetos de incentivo à leitura e circulação de manifestações literárias no Sesc Nacional.

JOAQUIM DE ALMEIDA (13)

Nascido na cidade de São Paulo, em 1981, em uma família de artistas, teve desde cedo contato com a literatura e a arte. O capoeirista e professor de capoeira formou-se em Educação Física. Educador, trabalha principalmente com manifestações da cultura popular brasileira. Escreveu seu primeiro livro, *José Moçambique e a capoeira*, em 2007, em parceria com sua mãe, a ilustradora Laurabeatriz. Além desse, é autor de *Chico Cambeva no fundo do martelo* (2009) e *Gumercindo e a galinha garoupa* (2011), ambos ilustrados por Laurabeatriz.

JOEL RUFINO DOS SANTOS (43)

Nascido no Rio de Janeiro, em 1941, formou-se em História pela Universidade do Brasil, atual UFRJ. Participou, na década de 1960, da elaboração da coleção de livros didáticos *História Nova*. Com o golpe de 1964, asilou-se na Bolívia e depois no Chile, sendo posteriormente reintegrado ao Ministério da Educação. Obteve da UFRJ os títulos de Notório Saber e Alta Qualificação em História e de Doutor em Comunicação e Cultura. Presidiu a Fundação Cultural Palmares, e recebeu do Ministério da Cultura a comenda da Ordem do Rio Branco. Autor de mais de vinte livros, publicou para crianças e jovens, *Gosto de África: histórias de lá e daqui* (1999), *O presente de Ossanha* (2000); *Uma estranha aventura em Talalai*, Prêmio Jabuti na categoria Literatura Infantil em 1979; e *O barbeiro e o judeu da prestação contra o Sargento da Motocicleta*, Prêmio Jabuti 2008 na categoria Juvenil.

JORGE AMADO (25)

Nascido em 1912, em Itabuna, Bahia. Começou a escrever profissionalmente aos 14 anos, como repórter em Salvador. Na década de 1930 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde se formou pela Faculdade Nacional de Direito. Por causa da intensa atividade política, exilou-se na Argentina, no Uruguai e na França. Jorge Amado lançou mais de trinta livros, publicados em cerca de cinquenta países e adaptados para cinema, teatro, rádio e televisão. Em 1976, publicou a novela infantil *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*. Membro da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1961, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Recebeu, ainda, títulos de Comendador e de Grande Oficial, além de ter sido feito Doutor *Honoris Causa* em dez universidades, no Brasil, na Itália, na França, em Portugal e em Israel. Casado com a também escritora Zélia Gattai, faleceu em Salvador, em 2001.

JOSÉ EPHIM MINDLIN (63)

Nascido em São Paulo em 1914, filho de judeus de Odessa, formou-se em Direito em 1936, pela Faculdade de Direito da USP. Advogou por alguns anos, até fundar a empresa Metal Leve S/A. Após sua aposentadoria em 1996, dedicou-se integralmente à paixão de colecionar livros raros. Formou uma das mais importantes bibliotecas privadas do país, com 38 mil títulos. Em 2006, doou cerca de 15 mil obras da Biblioteca Brasileira para a Universidade de São Paulo, e foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Entre os prêmios recebidos encontram-se o Prêmio Juca Pato, como Intelectual do Ano de 1998, o Prêmio Unesco Categoria Cultura, e a Medalha do Conhecimento em 2003. É o autor de *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo e memórias esparsas de uma biblioteca*.

JOSÉ ROBERTO TORERO (25)

O escritor, cineasta, roteirista, jornalista e colunista de esportes nasceu em Santos (SP), em 1963. Formado em Letras e Jornalismo pela USP, iniciou sua carreira de cronista no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, e escreveu textos sobre futebol para revista *Placar*. Trabalhou como roteirista em vários longas-metragens, entre eles *Memórias póstumas*, *O Contador de histórias* e *Pequeno dicionário amoroso*. Autor de diversos livros, entre eles *O Chalaça*, vencedor do Prêmio Jabuti de 1995, *Zé Cabala e outros filósofos do futebol* (2005), *Os 12 trabalhos de Leleércules* (2014). Em parceria com Marcus Aurelius Pimenta, Torero escreveu *Nuno descobre o Brasil* (2004), *Terra Papagalli* (2011), entre muitos outros.

JULIANA LINS (37)

Nascida em 1972, no Rio de Janeiro, é roteirista de cinema e televisão e autora de livros voltados principalmente para o público jovem, como *Sinceramente grávida* (2009). É coautora, com André Diniz, de *O Rio de Janeiro de cariocas e fluminenses* (2010), bem como de vários livros da Coleção Mestres da Música no Brasil, como *Pixinguinha* (2003), premiado pelo Instituto Nacional do Livro, *Adoniran Barbosa* (2004), *Paulinho da Viola* (2006), *Braguinha* (2007), *Noel Rosa* (2008). Destacam-se, entre seus trabalhos como roteirista, o programa *Afinando a Língua* (entre outros do Canal Futura) e o roteiro e a direção, com Rosane Svartman, da série *Quando éramos virgens* (do canal GNT).

KATIA CANTON (79)

Nascida em São Paulo, formou-se em Jornalismo, e em 1987 foi morar em Nova York, trabalhando para vários jornais e revistas, como o *Jornal da Tarde* e *O Estado de São Paulo*, as revistas *Isto É*, *Vogue*, *Elle*, *O Expresso de Portugal*, e revistas norte-americanas de arte, como *Art in America* e *Artforum*. Fez mestrado e doutorado em Artes Interdisciplinares na New York University. Na década de 1990, tornou-se professora e curadora de arte do Museu de Arte Contemporânea da USP. Dentre sua extensa obra, destacam-se: *Brasil, olhar de artista* (2001); *Espelho de artista* (2004); *Mesa de artista* (2004); *Moda: uma história para crianças* (2004). Recebeu dois Prêmios Malba Tahan de Melhor Livro Informativo pela FNLIJ (2002), o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil (1998), pelo livro *Maria Martins, mistério das formas*. Além disso, várias de suas obras receberam selo de Altamente Recomendável pela FNLIJ.

KIKO FARKAS/ MÁQUINA ESTÚDIO (25)

Nascido em 1957, formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP em 1982. Em 1987 criou a Máquina Estúdio, onde trabalha até hoje. Em 2006, a convite do Ministério da Cultura, Kiko Farkas foi cocurador e responsável pela criação do pavilhão brasileiro na feira DesignMai no programa Copa da Cultura, em Berlim. Membro da Alliance Graphique Internationale (AGI), foi um dos fundadores da Associação de Designers Gráficos (ADG Brasil). Recebeu três Prêmios Jabuti (1995, 1997 e 2007) e o Prêmio Aloísio Magalhães da Biblioteca Nacional (2008).

LAURABEATRIZ (13; 29)

A ilustradora e artista plástica nasceu no Rio de Janeiro, em 1949. Começou a expor em 1966, e trabalhou como redatora de publicidade de 1970 a 1975. Desde 1982 trabalha como ilustradora, colaborando com jornais e revistas. Iniciou sua atuação na literatura infantil em 1984, ilustrando o livro *Era uma vez um segredo*, escrito por Yone Meloni Nassar. Desde 1994, mantém parceria com o poeta Lalau produzindo livros para crianças, entre eles, *Bem-te-vi* (1994), *Girassóis* (1995), *Brasileirinhos* (2001), *Faz e acontece no circo* (2005), *Futebol!* (2006), *Zum zum zum e outras poesias* (2007). Ilustrou, ainda, as obras *A arca de Noé*, de Vinicius de Moraes (1991), *Histórias de índio*, de Daniel Munduruku (1996), entre outras.

LALAU (29)

Nasceu em São Paulo, em 1954. O escritor, formado em Comunicação Social, trabalha também como publicitário. Desde 1994, mantém parceria com a ilustradora Laurabeatriz produzindo livros para crianças, entre eles, *Bem-te-vi* (1994), *Girassóis* (1995), *Brasileirinhos* (2001), *Faz e acontece no circo* (2005), *Futebol!* (2006), *Zum zum zum e outras poesias* (2007). Recebeu o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ para vários de seus livros, e tem algumas obras relacionadas no Catálogo White Ravens.

LÉLIS (82)

Nascido em Montes Claros (MG), trabalhou como ilustrador em jornais de sua cidade natal e para o *Estado de Minas*, em Belo Horizonte. Atualmente trabalha na *Folha de S. Paulo*. Premiado em vários Salões nacionais e internacionais, como o Salão Internacional do Humor de Piracicaba, Bienal Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte. Recebeu, ainda, três troféus HQMix. Ilustrou *O Ovo e o Anjo*, de Bartolomeu Campos de Queirós (2007); *Poema do milho*, de Cora Coralina (2006); *O gato e o diabo*, de James Joyce (2012), entre outras obras. De sua autoria, destaca-se *Saino a percurá - ôtra vez* (2011), obra que reúne suas histórias em quadrinhos.

LENY WERNECK (33)

Escritora, tradutora, professora e jornalista, nasceu em 1933, no Rio de Janeiro. Graduiu-se em Comunicação Social - Jornalismo/Editoração pelas Faculdades Integradas Estácio de Sá e em Ciências da Informação, em Paris. Cofundadora, consultora e colaboradora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), vice-presidente do International Board on Books for Young People (IBBY), consultora para a Unesco, foi a responsável pelo primeiro *stand* do Brasil na Feira Internacional de Bolonha. Em 1995 recebeu da FNLIJ o Diploma de melhor tradução de documentário para jovens, pelos cinco primeiros volumes da Coleção *As Origens do Saber*. É autora de cerca de vinte livros voltados para o público infantojuvenil, publicados no Brasil e na França, entre eles *História de uma cidade contada por ela mesma* (1965).

LEUSA ARAUJO (55)

Paulistana, nascida em 1960, é jornalista desde 1981. Estreou na literatura infantojuvenil com o livro *Agitação à beira-mar* (1994). Lançou *A cabeleira de Berenice*, em 2005. Colaborou como pesquisadora e editora de textos nos livros *Chic* (1996), *Chic Homem* (1998) e *Chic[érrimo]* (2004), de Gloria Kalil; foi redatora do livro *Maquiagem: Duda Molinos* (2000).

LÚCIA HIRATSUKA (59)

Nasceu em 1960 em Duartina, interior de São Paulo. Formada em Artes Plásticas, trabalha com literatura infantojuvenil, escrevendo e ilustrando. Recebeu uma bolsa de estudos para a Universidade de Educação de Fukuoka no Japão, em 1988. Retornando ao Brasil, passou a recontar os contos e as lendas que ouvia na infância pela voz da avó. Escreveu e ilustrou, entre outros, *Os livros de Sayuri* (2008) e a Coleção Contos e Lendas do Japão (1993 e 1995).

LÚCIA PIMENTEL GÓES (22)

Nascida na cidade de Amparo (SP) em 1934, graduou-se em Música, Direito e Letras, fez mestrado e doutorado em Letras pela USP, e pós-doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Foi professora titular na área de Literatura Infantil e Juvenil na USP. Autora de mais de cem livros, teve seu primeiro livro para crianças, *Reinações de Michi e Lucita*, publicado em 1969. Recebeu inúmeros prêmios ao longo de sua carreira, entre eles o Prêmio do Instituto Piaget de Lisboa (1996), dois Jabutis (1988 e 1992) e, pelo conjunto de sua obra, o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) em 1991.

LUCIANA SANDRONI (35)

Escritora e roteirista, nascida no Rio de Janeiro em 1962, formou-se em Letras pela PUC-Rio, recebeu vários prêmios literários, como o Jabuti (1998), pelo livro *Minhas memórias de Lobato*; O Melhor para Crianças, da FNLIJ, com o livro *Ludi na Revolta da Vacina* (1999), os selos de Altamente Recomendável concedidos pela FNLIJ. Publicou outros títulos da série Ludi - *Ludi vai à praia* (1989), *Ludi e os fantasmas da Biblioteca Nacional* (2011) -, e os livros *Memórias da ilha* (1991) e *Manuela e Floriana* (1997), entre outros.

LUCIANO TASSO (52)

Nascido em Ribeirão Preto, em 1974, formou-se pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Trabalhou como diretor de arte para agências de publicidade e na confecção de *websites*. Desde 2007, dedica-se exclusivamente à produção de ilustrações, animações e histórias em quadrinhos, publicando sua primeira história em quadrinhos, *Automatic Kalashnikov 47*, em 2011. Entre as obras ilustradas, encontram-se: *Meus romances de cordel* (2011), *Artes do Caiçara em cordel* (2013), *A Saga de Beowulf* (2013) e *Os 12 Trabalhos de Hércules* (2014), todos escritos em cordel por Marco Haurélio, e *Como sou*, de Thiago Mello (2013).

LUIS FERNANDO VERÍSSIMO (25)

Nascido em 1936, em Porto Alegre, é conhecido por suas crônicas e textos de humor, publicados diariamente na imprensa brasileira. É também cartunista, tradutor, roteirista de televisão, autor de teatro, romancista e músico. Manteve colunas em vários jornais e revistas, como no *Jornal do Brasil*, na *Veja*, em *O Estado de São Paulo*. Autor de mais de 60 títulos, incluindo livros de contos, crônicas, relatos de viagem e romances, entre eles, *O popular* (1973), seu primeiro livro, que reunia textos publicados na imprensa. Publicou, ainda, *As cobras* (1976), *Ed Mort e outras histórias* (1979), *O Analista de Bagé* (1981), *Comédias da vida privada* (1994), *As mentiras que os homens contam* (2000), *Banquete com os deuses* (2003). Entre as inúmeras medalhas e prêmios, destaca-se o Prêmio Juca Pato, da União Brasileira de Escritores, como Intelectual do Ano (1997).

LUÍS PIMENTEL (37)

Cresceu e teve sua formação básica na cidade de Feira de Santana, Bahia. Trabalhou em diversas redações de jornais e revistas, como *O Pasquim*, *Mad do Brasil*, *Última Hora* e *O Dia*. Sua extensa obra abrange livros sobre personagens ou aspectos da música brasileira, contos, poesias, textos de humor, ficção infantojuvenil. Destacam-se: *O peixinho do São Francisco* (2010); e *O matador de aluguel e outras figuras* (2011), que reúne crônicas biográficas homenageando personalidades de diversas áreas, como Luiz Gonzaga, Graciliano Ramos, Mané Garrincha, Millôr Fernandes, João Nogueira.

LUISE WEISS (63)

Nascida em 1953 na cidade de São Paulo, a gravadora, pintora, fotógrafa e professora possui graduação em Artes Plásticas (1977), mestrado em Comunicação e Artes (1992) e doutorado em Poéticas Visuais (1998), todos pela USP. Foi professora do laboratório de desenho infantil e juvenil da Pinacoteca do Estado de São Paulo, e, atualmente, é professora de gravura e desenho da Universidade Estadual de Campinas e professora titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Participou de diversas mostras coletivas e individuais, assim como escreveu e ilustrou *Brinquedos e engenhocas: atividades lúdicas com sucata* (1993) e o livro-brinquedo *Dentro do espelho* (2002). Ilustrou, ainda, *ABC do Zoo*, de Pedro Maia Soares (1996). Seu trabalho foi publicado na Coleção Artistas da USP em 2004.

LUIZ ANTONIO (43)

O escritor nasceu em 1976, na cidade de São Paulo. Escreve livros, artigos, roteiros e atua como educador, incentivando a leitura. Seu primeiro livro, *Minhas contos*, publicado em 2008, foi indicado ao Prêmio Jabuti. É, ainda, autor do livro *Uma princesa nada boba* (2011).

LYGIA BOJUNGA (54)

Nascida em Pelotas (RS) em 1932, é considerada um dos maiores nomes da literatura infanto-juvenil. Iniciou a sua vida profissional como atriz, dedicou-se ao rádio e ao teatro, até voltar suas atenções para a literatura. Com o livro *Os colegas* (1972), ilustrado por Gian Calvi, conquistou o primeiro lugar no Concurso de Literatura Infantil do Instituto Nacional do Livro (INL), em 1971. É autora, também de *Angélica* (1975), *A casa da madrinha* (1978), *A bolsa amarela* (1981) e *Retratos de Carolina* (2001), entre outros. Em 1982 recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil. Fundou em 2002 a sua própria editora, a Casa Lygia Bojunga, responsável unicamente por editar seus livros.

MACHADO DE ASSIS (86)

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 1839, em uma família pobre e de pais mestiços. Aos 16 anos, publicou seu primeiro trabalho, o poema *Ela*, na revista *Marmota Fluminense*. Um ano depois, entrou na Imprensa Nacional como tipógrafo e, posteriormente, tornou-se revisor. Colaborou com diversos jornais e revistas da cidade, como o *Correio Mercantil*, o *Diário do Rio de Janeiro*, *A Semana Ilustrada*, *O Globo* e *O Cruzeiro*. A partir daí, iniciou intensa vida como escritor e em outras atividades ligadas à escrita. Foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897, cargo que ocupou até sua morte, em 1908. Entre suas obras, romances, peças de teatro, crônicas, poemas e contos, encontram-se *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899).

MANOEL VICTOR FILHO (73)

Nasceu em 1927, em São Paulo, cidade onde faleceu em 1995. Pintor, desenhista, ilustrador, cartunista e professor, estudou na escola Art Students League of New York. Trouxe para o Brasil técnicas novas, sendo o primeiro ilustrador brasileiro a usar o óleo nos trabalhos de ilustração. Em 1953, foi pioneiro em levar desenhos para a televisão, esboçando-os ao vivo em um programa infantil apresentado na TV Record de São Paulo. Estreou nos quadrinhos em 1955, com os romances adaptados *Os Dramas da Floresta Virgem* e *República dos Palmares*. Na década de 1970, ilustrou a obra infantil de Monteiro Lobato, modernizando seus personagens. Pintou, ainda, as capas dos 56 fascículos da série *Grandes Personagens da nossa História*, da Editora Abril. Recebeu o Prêmio Jabuti Ilustrações em 1971.

MARCELO CIPIS (41; 75)

Paulistano nascido em 1959, o pintor, desenhista e ilustrador, iniciou sua formação em Artes Plásticas, em 1968, no ateliê coordenado por Naum Alves de Souza, na Fundação Armando Álvares Penteado. Nas décadas de 1970 e 80, frequentou o ateliê de Fanny Abramovitch, teve aulas com Luiz Paulo Baravelli, Rubens Matuck e Dudi Maia Rosa. Formou-se em 1982 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Participou da 11ª Bienal de Artes Gráficas de Brno, na República Tcheca (1984), da 21ª Bienal Internacional de São Paulo, com a instalação *Cipis Transworld* (1991), das 4ª e 5ª edições da Bienal de Havana, Cuba. Recebeu, em 1994, o Prêmio Jabuti pela capa do livro *Como água para chocolate*, de Laura Esquivel.

MARCELO XAVIER (19)

Nasceu em Ipanema (MG), em 1949. Artista plástico autodidata, formou-se em Publicidade pela PUC-Minas. Desenvolve, desde 1986, um trabalho com ilustração tridimensional, onde personagens e objetos de cena são moldados em massa plástica, montados em pequenos cenários e fotografados. Publicou seu primeiro livro, *O dia a dia de Dadá*, em 1987. Seus livros foram premiados com os Prêmios Jabuti (1986, 1993, 2001 e 2005), com o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (1990 e 1993), com o Prêmio da Associação Brasileira de Escritores (1997), e com vários Prêmios FNLIJ.

MARIA EUGÊNIA (57; 59; 65; 73; 84)

Colaboradora da *Folha de S. Paulo*, para a qual ilustrou colunas de Nino Horta e Danuza Leão, é ilustradora de mais de 50 livros para crianças e adultos. Participou também de feiras e eventos no Brasil e no exterior, obtendo reconhecimento internacional. Com *Nas ruas do Brás* recebeu, em 2001, o Bologna Ragazzi Award.

MARIA INÊS MARTINS (51)

Ilustrou as obras: *Mururu no Amazonas* e *Mudança às vezes cansa*, ambas de Flávia Lins e Silva, *O menino e o maestro* e *Palmas para João Cristiano*, ambas de Ana Maria Machado.

MARIA JOSÉ NÓBREGA (41)

Nasceu em São Paulo, em 1952. Fez mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. Participou da equipe de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. Atua como assessora de Língua Portuguesa na concepção de programas de formação continuada de professores da rede pública de São Paulo.

MARIA JOSÉ SILVEIRA (67; 68; 84)

Nascida em Jaraguá, Goiás, é formada em Comunicação pela Universidade de Brasília, em antropologia pela Universidade de San Marcos, em Lima, Peru, e tem mestrado em Ciências Políticas pela Universidade de São Paulo. Fundou em 1980 a editora Marco Zero, da qual foi diretora até 1998, e a partir de 2002 dedicou-se a escrever. Começou a escrever para crianças na *Revista do Sítio do Picapau Amarelo*. Tem atualmente inúmeros livros publicados nesta área, entre eles *Uma cidade de carne e osso* (2004) e *Cabeça de garota* (2005), além de romances para adultos.

MARIA VIANA (41)

Bacharel em Letras (Português/Francês) pela USP, fez curso de especialização em Literatura na PUC-SP. Foi professora e há vários anos trabalha como editora, além de atuar como atriz e contadora de histórias. Organizou os livros *Eros e Psiquê e outros poemas* (2010) e *Quadras ao gosto popular* (2010), ambos de Fernando Pessoa, *Quadras brasileiras* (2006) e *Bão-ba-la-lão e outras parlendas* (2007), ambos de Silvío Romero, todos com ilustrações de Rosinha Campos.

MARIANA MASSARANI (13; 41)

A ilustradora e escritora nasceu no Rio de Janeiro, em 1963. Ilustrou dezenas de livros para diversos autores, assim como os seus próprios: *Victor e o jacaré* (1993); *Marieta Julieta Raimunda da Selva Amazônica da Silva e Sousa*; *Adamastor, o pangaré* (2007); *Quando Pedro Tinha Nove Anos* (2009), *Os Mergulhadores* (2010). Tem uma empresa chamada "Capa Dura em Cingapura", com Graça Lima e Roger Mello. Recebeu, em 1997 e em 2003, o Prêmio Jabuti de Literatura em ilustração de livros infantis e juvenis.

MARIANA NEWLANDS (65)

Nascida no Rio de Janeiro em 1974, a designer gráfica, fotógrafa e ilustradora, formou-se em Desenho Industrial/Comunicação Visual, em 1997, e fez mestrado em Letras, em 2006, pela PUC-Rio. Trabalhou como designer e arquiteta da informação. Atuando como *freelancer* desde 2004, dedica-se ao mercado editorial e a instituições culturais. Produz ensaios visuais sobre o universo dos livros e da bibliomania na coluna *Gabinete de Curiosidades*, do site da revista *Serrote*, do Instituto Moreira Salles. Em 2012, criou a Casa Timotheo, uma produtora de conteúdo e editora independente.

MARIE LOUISE NERY (54)

Nascida em 1924, em Berna, Suíça, a artista plástica, figurinista e professora universitária veio para o Brasil em 1957, e tornou-se conhecida por inovar a arte cênica brasileira, junto com seu marido, o cenógrafo e aderecista pernambucano Dirceu Nery. De sua produção constam peças infantis de Maria Clara Machado, espetáculos de teatro, ópera e balé, com os quais conquistou os Prêmios Saci (1962) e Molière (1964). Realizou figurinos para filmes no cinema e produziu bonecos para o programa *Sítio do Picapau Amarelo* (1977-1986), coprodução da TV Educativa e da TV Globo. Ilustrou livros infantis de autores como Maria Clara Machado, Vinicius de Moraes, Lygia Bojunga Nunes, Manuel Bandeira e Cecília Meireles.

MARIE THERESE KOWALCZYK - MATÉ (47)

A autora e ilustradora, conhecida como Maté, nasceu em 1959, em Saint-Étienne, França, onde cursou Biologia. Em 1979, veio ao Brasil pesquisar e retratar os povos indígenas e acabou ficando. Iniciou sua carreira como artista plástica, tornando-se depois professora de Artes nas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, em Lorena, interior de São Paulo. Publicou vários títulos com temáticas africanas e indígenas, recebendo muitos deles o selo Altamente Recomendável da FNLIJ. Entre suas obras encontram-se *O menino e o jacaré* (2003), *A árvore que canta, o pássaro que fala e a fonte que rejuvenesce* (2007) e *Krokô e galinholá: um conto africano* (2008).

MARILDA CASTANHA (46)

Nascida em 1964, em Belo Horizonte, formou-se em Belas-Artes pela UFMG, e começou a ilustrar e escrever livros infantis no final dos anos 1980. Participou de exposições e ganhou alguns prêmios. Em 2000, recebeu pelo livro *Pindorama: terra das palmeiras*, o Jabuti de Melhor Ilustração, o Prix Graphique Octogone (França), e o prêmio Runner-Up (Japão). É, ainda, autora de *Agbalá*, um lugar continente, que recebeu o prêmio de Melhor Livro Informativo (FNLIJ, 2002).

MARINA COLASANTI (55)

A escritora e jornalista ítalo-brasileira, nasceu em Asmara, na antiga Etiópia (atual Eritreia), em 1937. Antes de se mudar com a família para o Brasil, morou na Líbia e na Itália. No Brasil, estudou Belas-Artes, trabalhou como jornalista e como tradutora. Publicou mais de trinta livros, entre contos, poesia, prosa, literatura infantil e infantojuvenil. Seu primeiro livro *Eu sozinha*, foi lançado em 1968. Seu livro de contos *Uma ideia toda azul* recebeu o prêmio O Melhor para o Jovem, da FNLIJ. Em 2010, recebeu o Prêmio Jabuti pelo livro *Passageira em trânsito*.

MAURICIO NEGRO (72)

O ilustrador, escritor e designer gráfico nasceu em 1968, em São Paulo. É conselheiro da Sociedade dos Ilustradores do Brasil (SIB) e coordenador editorial da Coleção Muiraquitãs (Global Editora), que reúne obras de autores indígenas. Ilustrou mais de uma centena de obras de autores nacionais, estrangeiros, e suas próprias, tais como: *A palavra do grande chefe* (2008), junto com Daniel Munduruku, *Quem não gosta de fruta é xarope* (2006), *Zum zum zum* (2004). Participou de exposições no Brasil e no exterior, recebendo menção honrosa no XV Salão Internacional de Desenho para Imprensa, em Porto Alegre.

MIRNA PINSKY (72)

Nasceu em São Paulo, em 1943. Formada em Jornalismo, trabalhou, durante muitos anos, em revistas e jornais como repórter e redatora. Mestre em Teoria Literária pela USP, iniciou sua carreira literária como poeta e dramaturga. Seu primeiro livro para crianças, *Zero, zero Alpiste*, foi publicado em 1978. Na década de 1980, passou a se dedicar à edição de livros como coordenadora editorial. Autora de mais de 40 livros, foi premiada com dois Jabutis (1981 e 1995), e teve obras publicadas no exterior.

MONTEIRO LOBATO (73)

Nascido na cidade de Taubaté, em 1882, notabilizou-se como o fundador da literatura infantojuvenil brasileira, criando um autêntico universo literário com a sua série sobre *O Sítio do Picapau Amarelo* que inclui, entre outros livros, *Reinações de Narizinho* e *Memórias de Emília*. Publicou ao todo 17 livros de literatura infantil e 13 de contos, teses e romances, como *Urupês* (1918), no qual criou o famoso personagem Jeca Tatu. Ainda em 1918, Monteiro Lobato comprou a *Revista do Brasil* e passou a dar espaço para novos talentos, ao lado de pessoas famosas. Fundou depois a primeira editora de livros do Brasil: a Companhia Editora Nacional, que fornecia títulos abrangentes, como traduções de Hans Staden e Jean de Léry e livros com projetos gráficos de qualidade. Mais tarde, abandonou a editora e passou a colaborar com jornais até sua morte, em 1948.

NELSON CRUZ (17; 79)

O ilustrador e artista plástico, mineiro de Belo Horizonte, ilustrou o primeiro livro infantil em 1988. Recebeu em 1997 pela série *Sonhar para Acordar*, composta por três livros de imagem - *Leonardo*, *Mateus* e *Noel* - o prêmio de Melhor Livro de Imagem pela FNLIJ, assim como o Octogone, oferecido pelo Centre International d'Études en Littérature de Jeunesse, em Paris. Na Feira de Ilustradores de Bolonha (Itália), em 2003, o livro *Conto de escola*, por ele ilustrado, foi exposto no estande da FNLIJ, que recebeu o selo de Altamente Recomendável na categoria Criança e o prêmio de Melhor Ilustração *hors concours*. Ganhou o Prêmio Jabuti, em 2010, na categoria Melhor texto Infantil ou Juvenil, com o livro *Os herdeiros do lobo*. Autor de vários livros, como *O caso do Saci* e *No longe dos Gerais, Dirceu e Marília, Chica e João, Bárbara e Alvarenga*, já ilustrou mais de oitenta obras.

NEREIDE SCHILARO SANTA ROSA (75)

A escritora, pedagoga e arte-educadora, nasceu em São Paulo, em 1953. Sua obra, com cerca de 50 livros, é direcionada à cultura e às artes em geral. Seu primeiro livro infantojuvenil, *Villa-Lobos*, foi publicado em 1994, dentro da Coleção Crianças Famosas. Recebeu vários prêmios Altamente Recomendável da FNLIJ, e ganhou o Prêmio Jabuti de 2004 com a Coleção *A arte de olhar*. Participou, ainda, das coleções *Crianças Famosas*, *Biografias Brasileiras*, e *Mestres das Artes no Brasil*.

ODILON MORAES (72)

Nascido em São Paulo, em 1966, estudou Arquitetura na USP. Começou a atividade de ilustrador em 1989 e estreou como autor com *A princesinha medrosa*, publicado em 2002. Na editora Cosac Naify coordena, com o editor Augusto Massi, a coleção *Dedinho de Prosa*, para a qual já ilustrou *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto, *O presente dos magos*, de O. Henry, e *Será o Benedito!*, de Mário de Andrade. Ilustrou mais de 80 livros nacionais e internacionais, recebeu o Prêmio Jabuti de Ilustração em 1993, e duas vezes o Melhor Livro do Ano para Crianças da FNLIJ, em 2001 e 2004.

OLÍVIA DE MELLO FRANCO (22)

Nascida em Brasília em 1969, formou-se em Pedagogia na Universidade de Brasília, e trabalhou como diretora de escola. Na década de 1990, fez especialização na PUC-Minas, e mestrado em Educação na UFMG. Escreveu o livro *Fios da linguagem: para alfabetização e letramento*. Trabalhou para editoras e, atualmente, se dedica à escrita de livros para crianças e jovens.

PAULINE ALPHEN (73)

Filha de pai francês e mãe alagoana, nasceu no Rio de Janeiro, em 1961. Cresceu na França, mas estudou jornalismo no Brasil. A escritora, tradutora, roteirista e autora de livros infantojuvenis, vive atualmente em Paris. Ganhou os Prêmios FNLIJ com os livros: *A odalisca* e *o elefante* (1998) e *Do outro lado do Atlântico* (2000). Ainda em 2000, recebeu o Prêmio White Ravens, da Biblioteca de Munique. Publicou em 2010, na França, o livro *Salicande*, primeiro volume da série *Les Eveilleurs*, pelo qual recebeu os prêmios Les Imaginales e Elbakin.

RAQUEL NADER (22)

Autora, arte-educadora, bacharel em Letras, especialista em leitura, atriz, diretora e roteirista de teatro, contadora de histórias, palhaça, bonequeira e pesquisadora de culturas populares, além de escrever, ministra cursos e palestras sobre expressão artística, teatro na escola, literatura infantil, oficina de palhaços e iniciação à direção teatral.

REGINA DROZINA (27)

A artista plástica e ilustradora, casada com o artista polivalente Valdeck de Garanhuns, ministra, em parceria com o marido, oficinas de xilogravura, literatura de cordel, teatro de bonecos e escultura. Sua obra integra o acervo do Museu Casa da Xilogravura, em Campos do Jordão, São Paulo. Produz, ainda, os figurinos dos espetáculos montados por Valdeck de Garanhuns.

RENATO LIMA (43)

Nascido em 1955, o escritor é também bancário e sindicalista. Formado em Filosofia pela UERJ, é mestre em História pela UFF. Além de *Chico Rei*, lançou outro livro infantil, *Fera, Vendinha e Gato Rabudo*. Ambos foram ilustrados pela irmã do autor, Graça Lima.

RICARDO AZEVEDO (54)

O escritor, ilustrador e pesquisador paulista, formado em Comunicação Visual, nasceu em 1949. Ganhador de quatro prêmios Jabuti e um prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) tem mais de cem livros publicados, entre prosa e verso, principalmente na área da literatura infantil. Interessado pela cultura popular, desenvolveu pesquisas, defendeu mestrado sobre as raízes dos contos populares, e doutorou-se em Teoria Literária em 2005, pela USP. Seu primeiro livro, *O peixe que podia cantar*, é de 1980. Publicou, ainda, *Armazém do Folclore* (2000), *Aula de carnaval e outros poemas* (2006), entre muitos outros. Tem livros e textos publicados na Alemanha, Portugal, México, França, Holanda, Costa Rica e Kuwait.

ROGER MELLO (15; 22)

Nascido em Brasília em 1965, formou-se em Desenho Industrial e Programação Visual pela UFRJ. No início de sua carreira, trabalhou ao lado de Ziraldo, e realizou vinhetas para a televisão. Escreveu também para o teatro. Além de escrever e ilustrar os próprios livros, suas ilustrações são bastante requisitadas por outros autores. Sua obra foi premiada nacional e internacionalmente, recebendo o prêmio da Fondation Espace Enfants (2002), o Prêmio Jabuti nas categorias literatura infantojuvenil e ilustração, em 2002, com *Meninos do mangue* e, em 2003, com *Vizinho, vizinha*. Devido aos muitos trabalhos premiados, tornou-se *hors concours* dos prêmios da FNLIJ. Por sua obra como ilustrador, foi indicado para a edição de 2010 do prêmio Hans Christian Andersen.

ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA (79)

Professor, ex-voluntário das Nações Unidas na Guiné-Bissau, África, graduou-se em Letras pela UFF e fez pós-graduação em Literatura Infantil Brasileira na UFRJ. Trabalha na área de Literatura Afro-Brasileira e em programas de incentivo à leitura, proferindo palestras e ministrando cursos. Em 1994, participou das feiras do livro de Frankfurt (Alemanha) e de Guadalajara (México) como autor convidado e contador de histórias. Atualmente, é membro do conselho consultivo da FNLIJ e presidente da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEI-LIJ). Autor de mais de trinta livros, entre eles: *O Boi-de-mamão* (2005); *O guardião da folia* (2007); *Em Angola tem? No Brasil também!* (2010).

RONALDO SIMÕES COELHO (31)

Nascido em São João Del Rei (MG) em 1932, formou-se em Medicina pela UFMG em 1959 e se especializou em Psiquiatria. Possui mais de 40 livros publicados de literatura infantojuvenil, al-

guns deles recomendados pela Biblioteca Internacional da Juventude de Munique e publicados em países de língua espanhola. Sua obra tem representado o Brasil nas Feiras de Bolonha, de Guadalajara, entre outras. Seu livro *A pedra com o menino* recebeu o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ. Recebeu ainda o Prêmio Octogone, da França.

ROSANE PAMPLONA (41)

Nasceu em São Paulo, em 1954. Professora, formada em Letras pela USP, trabalhou em várias escolas e universidades. Atualmente escreve livros, dá cursos de formação para professores e se apresenta como contadora de histórias. Entre suas obras encontram-se: *Histórias de dar água na boca* (2004) e *Almanaque pé de planta* (2013).

ROSEANA MURRAY (65)

Nasceu no Rio de Janeiro em 1950. Graduiu-se em Literatura e Língua Francesa em 1973 pela Universidade de Nancy/Aliança Francesa. Publicou seu primeiro livro infantil, *Fardo de Carinho*, em 1980. Tem livros e poemas traduzidos no México, na Espanha, e em outros países. Recebeu os Prêmios O Melhor de Poesia da FNLIJ em 1986, 1994, 1997, e 2013; o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1990; e o Prêmio Academia Brasileira de Letras, em 2002, pelo livro *Jardins*. Entrou para a Lista de Honra do IBBY, em 1994, com o livro *Tantos medos e outras coragens*.

ROSINHA CAMPOS (22; 41; 49)

Nasceu em 1963 em Recife, é formada em Arquitetura pela Universidade Federal de Pernambuco, fez pós-graduação em Literatura Infantil e Juvenil na Faculdade de Filosofia do Recife e formação artística com o artista plástico japonês Sunish Yamada. Ilustrou seu primeiro livro, *Som Coração*, em 1994. Em 2007 publicou *Esmeralda*, o primeiro livro onde assina o texto e a ilustração. Participou de exposições, salões, feiras e bienais do livro e recebeu prêmios, sendo o mais recente concedido pela FNLIJ pela Coleção Palavra Rimada com Imagem, publicada em 2010, com os livros *A história de Juvenal e o dragão*, *A história da princesa do Reino da Pedra Fina* e a *História da garça encantada*.

RUI DE OLIVEIRA (33; 75)

Nascido no Rio de Janeiro, estudou pintura no Museu de Arte Moderna, Artes Gráficas na Escola de Belas Artes da UFRJ e ilustração no Instituto Superior Húngaro de Artes Industriais (atualmente Moholy-Nagy University of Art and Design), em Budapeste. Fez o doutorado em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Trabalhou como diretor de arte na televisão (TV Globo e TV Educativa), onde desenhou aberturas e vinhetas, como a da primeira versão da série Sítio do Picapau Amarelo. Professor na Escola de Belas Artes da UFRJ, ilustrou mais de cem livros, projetou cerca de 400 capas para as principais editoras brasileiras, e realizou desenhos animados. Recebeu prêmios como animador e ilustrador: quatro Prêmios Jabuti de Ilustração, e o Prêmio Cecília Meireles, da FNLIJ, pelo livro *Pelos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*, em 2009.

RUTH ROCHA (41)

Nascida em São Paulo em 1931, formou-se em Sociologia e Política pela USP, e fez pós-graduação em Orientação Educacional pela PUC-SP. Trabalhou como orientadora educacional de 1956 a 1972. Começou a escrever artigos sobre educação para a revista *Cláudia*, em 1967, e histórias infantis para a revista *Recreio*, da Editora Abril, em 1969, vindo a ser, mais tarde, editora, redatora e diretora da Divisão de Infantojuvenis. Autora de mais de 130 obras, entre livros de ficção, didáticos, paradidáticos e um dicionário, teve ser seu primeiro livro, *Palavras, muitas palavras*, publicado em 1976. Outras publicações da autora são *Declaração Universal dos Direitos Humanos para crianças*; *Marcelo, marmelo, martelo*; *Almanaque Ruth Rocha*. Recebeu importantes prêmios destinados à literatura infantil da FNLIJ; da Câmara Brasileira do Livro, cinco Prêmios Jabuti; da Associação Paulista de Críticos de Arte; e, da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio João-de-Barro. Foi condecorada em 1998 com a Comenda da Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura.

SABINA SOMBRA (27)

Nascida em Praga, na República Tcheca, esteve pela primeira vez no Brasil em 2010. Aprendeu a bordar com sua avó, durante a infância, e facilmente combinou características do bordado europeu com o tradicional bordado brasileiro, principalmente aos da tradição mineira. Teve três livros da coleção Adivinhas bordadas (*Arara, tucano, bordados no pano*; *Onça veado, poesia e bordado* e *Mamão, melancia, tecido e poesia*) em parceria com o escritor e ilustrador Fábio Sombra, selecionados para figurar no Catálogo Brasileiro da Feira do Livro infantil de Bologna, Itália (edição 2014).

SÉRGIO CAPPARELLI (19)

Nascido em Uberlândia (MG), em 1947, graduou-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1970), fez doutorado em Comunicação pela Université de Paris II (1980) e pós-doutorado pela Université de Grenoble (1987-1988) e pela Université de Paris VI (2001-2002). Professor aposentado da UFRGS, o escritor tem mais de 30 livros publicados, especialmente para o público infantojuvenil. Entre eles, *Os meninos da Rua da Praia* (1979), *Boi da cara preta* (1981), *Vovô fugiu de casa* (1982), *O velho que trazia a noite* (1994). Ganhou quatro prêmios Jabuti, três vezes em Literatura e uma vez em Ciências Humanas, com o ensaio *Televisão e capitalismo no Brasil*. Desde 2005 trabalha em Beijing, China, em uma agência de notícias. É criador e atual editor da revista *Tigre Albino*.

SILVIA NEGREIROS (51)

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1954. Formou-se em Comunicação Visual pela PUC-Rio e atua em diversas áreas de *design* como identidade visual, sinalização, manuais normativos, relatórios institucionais e projeto gráfico de livros. Dedicou-se especialmente à realização de projetos editoriais, sendo responsável pela produção editorial e gráfica da editora Manati desde a sua fundação, em 1995. Recebeu o prêmio de Melhor Projeto Editorial da FNLIJ com o livro *Uma alegria selvagem: a vida de Santos-Dumont*, em 2003.

SILVIO ROMERO (41)

Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero nasceu em 1851, em Lagarto, então província de Sergipe, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1914. Estudou no Ateneu Fluminense, no Rio de Janeiro, dos 12 aos 16 anos. Entre 1868 e 1873, cursou a Faculdade de Direito do Recife. Participou da fundação da Escola do Recife, que reunia intelectuais e artistas. Radicou-se no Rio de Janeiro, onde atuou, especialmente como crítico literário. Em 1878, publicou seus dois primeiros livros, *A Filosofia no Brasil* e *Cantos do fim do século*, o seu primeiro livro de poesia. Trabalhou como crítico literário, ensaísta, folclorista, professor e historiador da literatura brasileira.

SPACCA (70)

O cartunista e ilustrador nasceu em 1964, em São Paulo, e se formou em Comunicação Visual pela FAAP. Fez *storyboards* para filmes publicitários e criou charges políticas para jornais. Escreveu histórias em quadrinhos para as revistas *Níquel Náusea* e *Front* e também trabalhou com animação. Atualmente faz charges para a versão *online* do *Observatório da Imprensa* e para publicações empresariais. Em 2005, Spacca recebeu o primeiro prêmio de charge no Salão Internacional de Humor de Piracicaba. É autor de *Santô e os pais da aviação* (2005) e *D. João Carioca* (2007). Ilustrou, ainda, *O jogo da parlenda* (2005), de Heloísa Prieto, e *O Mário que não é de Andrade* (2001), de Luciana Sandroni.

STELLA MARIS REZENDE (49)

A escritora, desenhista, cantora e atriz, nasceu em Dores de Indaiá (MG). Cursou Letras e fez mestrado em Literatura Brasileira na Universidade de Brasília (UnB). Trabalhou com televisão e teatro, escrevendo e representando. Tem muitos livros publicados, entre romances, novelas, crônicas, contos e poemas, para o público adulto e o infantojuvenil. Recebeu inúmeros prêmios, destacando-se o Prêmio João-de-Barro (1986, 2001 e 2008), Menções Honrosas da Câmara Brasileira do Livro (1987 e 1988), Altamente Recomendável para Jovens/FNLIJ, Os 100 Melhores Livros do Século XX/PNBE/MEC, Prêmio Fundação Biblioteca Nacional/Bolsa para Autores com Obra em Fase de Conclusão (2007), Jabuti (2012).

THEREZA DE ALMEIDA (13)

Nascida na cidade de São Paulo em 1979, formou-se em Jornalismo. Designer gráfica, trabalha principalmente na área editorial. Possui, desde 2008, em conjunto com sua mãe, a ilustradora Laurabeatriz, o estúdio de criação Gatoazul. O estúdio realiza trabalhos para livros, revistas, projetos editoriais, exposições, cenários, *sites*, logotipos, ilustrações, cartazes, animações.

THIAGO DE MELLO (52)

Amadeu Thiago de Mello nasceu em 1926, em Barreirinha, à margem direita do rio Paraná do Ramos, na Amazônia. Realizou seus estudos preliminares em Manaus, e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Faculdade Nacional de Medicina, curso que abandonou para se dedicar exclusivamente à poesia. Preso durante a ditadura, exilou-se na Argentina, no Chile, em Portugal, na França e na Alemanha. Tem obras traduzidas para mais de trinta idiomas. Autor de *Silêncio e palavra* (1951) e *Os estatutos do homem* (1977). Em homenagem a seus 80 anos, completados em 2006, foi lançado o CD comemorativo *A criação do mundo*, contendo poemas que produziu nos últimos 55 anos, declamados por ele próprio e musicados por seu irmão, o músico Gaudêncio Thiago de Mello.

VALDECK DE GARANHUNS (27)

Nascido em Garanhuns, Pernambuco, em 1952. Em Recife, fundou e dirigiu o grupo de teatro Acauã, montando várias peças, inclusive o *Drama da Paixão de Cristo* por dez anos consecutivos. Valdeck é poeta, artista plástico, xilogravurista, arte-educador, ator, compositor, contador de estórias e mestre em Teatro de Mamulengos. Com 25 anos de carreira, o artista usa o Teatro de Mamulengos como recurso educacional em escolas, empresas, entidades, ruas e praças. Participou de salões de artes plásticas, exposições coletivas e individuais nos Estados Unidos e na Alemanha. Suas obras fazem parte do acervo do Museum für Völkerkunde em Frankfurt, na Alemanha. Ministra oficinas de xilogravura, literatura de cordel, teatro de bonecos e escultura, em parceria com a artista plástica Regina Drozina.

VERA DO VAL (51; 52)

Nascida em Campinas (SP), formou-se em Biologia. Entre suas obras destacam-se *O imaginário da floresta* e *A criação do mundo e outras lendas da Amazônia*. Contista premiada em diversos concursos literários, como o Concurso Nacional Cidade de Manaus de 2006, recebeu o prêmio Jabuti na categoria Contos e crônicas (2008), com o livro *Histórias do Rio Negro*.

WARLEY GOULART (19)

Nasceu em Volta Redonda (RJ) em 1976. Aos 14 anos, começou a estudar teatro, canto e violão. Formou-se em Artes Cênicas pela Unirio e fez especialização em Literatura Infantojuvenil na UFF. Participou de espetáculos que lhe conferiram prêmios como ator e diretor musical em festivais de teatro no Brasil e, atualmente, participa do grupo Os Tapetes Contadores de Histórias como contador de histórias, músico e artista plástico.

ZIRALDO (54)

Ziraldo Alves Pinto nasceu em 1932, em Caratinga (MG). Pintor, cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritor, iniciou sua carreira nos anos 1950 em jornais e revistas, como *Folha da Manhã*, *O Cruzeiro* e *Jornal do Brasil*, passando a ficar conhecido a partir dos personagens que criava. Em 1960, lançou *A Turma do Pererê*, a primeira revista em quadrinhos brasileira feita por um só autor, além de ser a primeira em cores produzida no Brasil. Foi fundador, junto com outros humoristas, e posteriormente diretor do periódico *O Pasquim*, durante a Ditadura Militar (1964-1984). Autor com vasta produção, publicou o seu primeiro livro infantil, *Flicts*, em 1969. A partir de 1979, concentrou-se na produção de livros para crianças, e em 1980 lançou *O Menino Maluquinho*, um grande sucesso editorial, que gerou quadrinhos, filme e peça de teatro. Recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais, entre eles, o Nobel Internacional do 32º Salão Internacional de Caricaturas de Bruxelas (1969), dois Prêmios Jabuti de Literatura (1980 e 2012) e o Prêmio Hans Christian Andersen (2004).

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES



- capa Tambor. Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). IPHAN.
- p. 8 Coreira e coreiro. Tambor de crioula. São Luís (MA). Foto de Edgar Rocha. IPHAN.
- p. 10 Boneca de pano. Foto de Francisco Moreira da Costa. Acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN; Carrinho de rolimã. Foto de Francisco Moreira da Costa. Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN.
- p. 12 Roda de capoeira (Salvador/BA). Foto de Carlos Café. IPHAN/DPI.
- p. 14 Cabeça de cavalo enfeitada. Festa tradicional (Cavalhadas). Pirenópolis (GO). Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Processo de tombamento. F105.997; Cavalhadas em Pirenópolis (GO). Foto de Edgard Jacintho Silva, 1953. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Negativos Históricos.
- p. 16 Chafariz de São José, posteriormente conhecido como Chafariz dos Contos. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Ponte. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Chafariz do Passo de Antônio Dias, Ouro Preto (MG). Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.
- p. 18 Peça em barro do artesão Manoel Eudócio, Alto do Moura, Caruaru (PE), 2005. Foto de Francisco Moreira da Costa. Acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN; Bumba meu Boi. Figuras de pano e papelão provenientes do Maranhão. Foto de Marcel Gautherot, 1951. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Etnografia.
- p. 21 Tambor de crioula do Maranhão. São Luís/MA. In: RAMASSOTE, Rodrigo Martins (Coord.). *Os tambores da ilha*. São Luís: IPHAN, 2006; Tambor de crioula do Maranhão. São Luís/MA. Foto de Edgard Rocha. Idem.
- p. 24 Estádio Mário Filho - Estádio Maracanã. Rio de Janeiro (RJ). Arquibancada com novos assentos. s/a, 2000. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Processo de Tombamento. Processo nº 1.094-T-83; Estádio Mário Filho - Maracanã em dia de jogo. Rio de Janeiro/RJ. Foto de Oscar Liberal.
- p. 26 ASSARÉ, Patativa do. *O meu livro*. Juazeiro do Norte: Universidade Regional do Cariri: Vozes: Lira Nordestina, [19--]. Xilogravura (capa) por Abraão Batista. Cordelteca da Biblioteca Amadeu Amaral/Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular; FERREIRA, José Cavalcanti e (Dila). *Lampião e Maria Bonita*. [S.l.: s.n., 19--]. Xilogravura (capa) por Dila. Cordelteca da Bi-

biblioteca Amadeu Amaral/Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

p. 28 Praia de Copacabana, Rio de Janeiro. Tradimex do Brasil, década de 1950. Acervo particular; Entorno da Ponte de Pedra [do Imperador], no local conhecido como Buraco do Diabo (Ivoti/RS). s/a, 1985. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Processo de Tombamento. Processo nº 1.165-T-85.

p. 30 Passo na Rua Getúlio Vargas, Tiradentes (MG). Foto de Marcel Gautherot. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Passo da Ponte Seca, Ouro Preto (MG). Foto de Pedro Lobo, 1980. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Passo do Rosário, Ouro Preto (MG). Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.

p. 32 Casa da Fazenda São Roque (Vassouras/RJ). Foto de Erich Hess, 1941. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Casa da Fazenda Monsuabinha (Angra dos Reis/RJ). s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Fazenda da Hera (Vassouras/RJ). Foto de Erich Hess, 1941. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.

p. 34 Casa. Foto de Christiano Junior, [18--]. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Christiano Junior.

p. 36 Seu Zé de Lelinha (José Vitório dos Reis) e seu machete. Foto de Luiz Santos. SAMBA de Roda do Recôncavo Baiano. Brasília, DF: IPHAN, 2006. (Dossiê IPHAN, 4); Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: partido alto, samba de terreiro, samba-enredo. IPHAN/Minc.

p. 38 Tambor. Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). IPHAN.

p. 40 Detalhe com menina (Diamantina/MG). Foto de Erich Hess. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Índia (Paraty/RJ). Foto de Lucas Landau.

p. 42 Nono encontro de Jongueiros, 2004. Foto de Francisco Moreira da Costa. Acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN; Terreiro da Casa Branca na Av. Vasco da Gama, Bairro do Engenho Velho (Salvador/BA), 1981. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Processo de Tombamento.

p. 45 Yaulapivi. Festa do Javari, 1955. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Etnografia; Composição a partir do Repertório de padrões. Jamy Wajãpi, 2000. WAJÁPI: expressão gráfica e oralidade entre os Wajãpi do Amapá. Rio de Janeiro: Iphan, 2006, p. 61 (Dossiê Iphan, 2); Cachoeira de Iauaretê, Alto Rio Negro (AM). Departamento de Patrimônio Imaterial/IPHAN.

p. 48 Índia Carajá Didgokch fabricando boneca. Ilha do Bananal, Goiás. Fotos de Marcel Gautherot, 1953. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Etnografia.

p. 50 Barracos na floresta (Manaus/AM). "Brazil Manaus" produzido por Florence Arquin. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Slide S00229; Peixe em cestaria. Acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém/PA). Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário, F107774; Cestaria. Acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém/PA). Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário, F107767; Fachada da Casa de Chico Mendes (Xapuri/AC), 2005. Foto de Maria Beatriz Rezende. Copedoc/IPHAN.

p. 53 Escultura: Pedro Arrependido. Ermida de Monte Serrat (Salvador/BA). Foto de Marcel Gautherot, 1952. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.

p. 56 Retrato de [dois] meninos. *Carte de visite*. Salvador [1867-1873]. Foto de Alberto Henschel & Cia. Arquivo Nacional. Coleção Fotografias Avulsas; Escola pública masculina na Freguesia Bela Aliança (SC). Foto de Augusto Schmidt, [1922]. Arquivo Nacional.

p. 58 Menina japonesa em plantação de quiabo, fev. 1956. Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã. PH/FOT/4474(11); Bairro da Liberdade (São Paulo/SP). Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Slide, S03666.

p. 60 Vista do Rio das Almas e da Matriz de N. Sra. do Rosário (Pirenópolis/GO). Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Processo de Tombamento. Processo nº 1.181. F106030.

p. 62 Página de rosto do livro *Rem per octennium in Brasília et alibi nuper gestarum*, de Gaspar Barlaeus [1647]. In: MINDLIN, José. *Uma vida entre livros - reencontros com o tempo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 173; Capa do livro *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolpho Varnhagen [1876]. In: MINDLIN, op. cit., p. 55.

p. 64 Retrato de menina. Cartão postal italiano, década 1920. Acervo particular; Retrato de menina (Salvador/BA). Foto de Pedro Gonsalves da Silva, [18--]. Arquivo Nacional.

p. 66 Casas na Rua do Pilar (Ouro Preto/MG). Foto de Erich Hess. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário, F14416.

p. 69 "Os refrescos da tarde no Largo do Palácio". Aquarela de Jean-Baptiste Debret. Detalhe. In: FERREZ, Gilberto. *A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*: quatro séculos de expansão e evolução. Paris: M. Mouillot, 1965. p. 120; Rua do Cano (atual Rua Sete de Setembro), 1825. Aquarela de Charles Landseer. In: FERREZ, op.cit., p. 112.

p. 71 Escravos. Foto de Christiano Junior, [18--]. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Christiano Junior; Museu Parque do Mate com senhor na janela (Campo Largo/PR). s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Índia Pancarau.

Pernambuco. s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Etnografia.

p. 74 "Rua no Mercado no Rio de Janeiro". Lápis e aguada de Eduard Hildebrandt. Staatliche Museen zu Berlin, Alemanha. In: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994. v. 3, p. 107; Escultura de Santa. Casa de Chica da Silva. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Negativos.

p. 76 Renda de Divina Pastora, Sergipe, 2005. Foto de Francisco Moreira da Costa. Acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN.

p. 78 Igreja de São Francisco de Assis (Ouro Preto/MG). Pintura no forro da nave de autoria de Manuel da Costa Ataíde. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Profeta Joel (Congonhas do Campo/MG). Foto de Erich Hess, 1939. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário, F76.187.

p. 81 Queijo artesanal de Minas Gerais. DPI/ IPHAN; Acarajés (Cachoeira/BA), 2004. Foto de Francisco Moreira da Costa. Acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN.

p. 83 Na porta de casa (Cachoeira/BA), 2005. Projeto Rotas da Alforria, Copedoc/IPHAN; Es-mola cantada. Cachoeira (BA). Projeto Rotas da Alforria, Copedoc/IPHAN.

p. 85 Amostras de rendas. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Etnografia; Renda de lacê. DPI/IPHAN.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Remanescentes das comunidades dos quilombos: memórias do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* - ANPUH São Paulo, jul. 2011.

ALCÂNTARA, Dora. *As fazendas do Vale do Paraíba: o começo de uma caminhada*. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2009/11/26_dora-alcantara.pdf>. Acesso em: 01/09/2012.

CACHOEIRA de Iauaretê: Lugar sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri (AM). Brasília, DF: Iphan, 2007. (Dossiê Iphan, 7) Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3650>>. Acesso em: 2012.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. *Quilombos: comunidades e patrimônio*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=518>>. Acesso em 04/04/2012.

DECLARAÇÃO universal dos direitos linguísticos. Disponível em: <http://penclub.no.sapo.pt/pen_internacional/dudl.htm>. Acesso em: 09/04/2012.

DECRETO-LEI Nº. 25, de 30 de novembro de 1937.

DOSSIÊ das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3962>>. Acesso em: 2012.

DOSSIÊ Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3224>>. Acesso em: 2012.

DOSSIÊ IPHAN: Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis - Goiás. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1871>>. Acesso em: 26/09/2012.

JONGO no Sudeste. Brasília, DF: Iphan, 2007. (Dossiê Iphan, 5) Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3652>>. Acesso em: 2012.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2.ed. Brasília: UFRJ; MINC; IPHAN, 2005.

_____. Três anos de existência do Decreto nº 3.551/2000. In: MINC; IPHAN; FUNARTE. *O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2003. p. 9-11.

HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário crítico da pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988.

LONDRES, Cecília [et al.]. *Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas*. Rio de Janeiro: Funarte/Iphan/CNFCP, 2004.

MARQUESE, Rafael de Bivar. Diáspora africana, escravidão e a paisagem da cafeicultura no Vale do Paraíba oitocentista. In: *Almanack Braziliense*, n. 7, 2008. Disponível em: <<http://www.almanack.usp.br/PDFS/7/almanack.pdf>>. Acesso em 20/10/2011.

MINC; IPHAN; FUNARTE. *O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2003.

MODO de Fazer Renda Irlandesa tendo como referência este Ofício em Divina Pastora – SE. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3227>>. Acesso em: 2012.

OFÍCIO das Baianas de Acarajé. Brasília, DF: Iphan, 2007. (Dossiê Iphan; 6) Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3654>>. Acesso em: 2012.

PARECER n. 031/08/DPI/IPHAN. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf>>. Acesso em: 20/09/2012.

PARECER n. 002/10/CCGIR/DPI/IPHAN. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf>>. Acesso em: 26/09/2012.

PARECER Técnico 004/07/DPI/IPHAN. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3963>>. Acesso em: 20/09/2012.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PROCESSO n. 0075-T-38. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro.

PROPOSTA de metodologia geral para o inventário nacional da diversidade linguística. Disponível em: <www.cultura.gov.br/.../anexo_4_-_edital_pnpi_2008_-_metodologia>. Acesso em: 15/05/2012.

RABELLO, Sonia. *O Estado na preservação de bens culturais: o tombamento*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2009. (Reedições do IPHAN, 1).

REZENDE, Maria Beatriz (Coord.). *Patrimônio e Leitura: catálogo comentado de literatura infanto-juvenil 3*. Rio de Janeiro: IPHAN/ Copedoc, 2012.

_____. *Patrimônio e Leitura: catálogo comentado de literatura infanto-juvenil 2*. Rio de Janeiro: IPHAN/ Copedoc, 2009.

_____. *Patrimônio e Leitura: catálogo comentado de literatura infantojuvenil. 2. ed.* Rio de Janeiro: IPHAN/ Copedoc, 2007.

SAMBA de Roda do Recôncavo Baiano. Brasília, DF: Iphan, 2006. (Dossiê Iphan, 4) Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3656>>. Acesso em: 2012.

WAJÃPI: expressão gráfica e oralidade entre os Wajãpi do Amapá. Rio de Janeiro: Iphan, 2006. (Dossiê Iphan, 2) Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3657>>. Acesso em: 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição 34, 58, 68
aboliconista 35, 43
adivinha 27, 41
africana 12, 21, 42, 43, 65
afrodescendente 27, 34, 36, 42
Aldeia Ahia Kalapalo 46
Alegrete 19
Aleijadinho 16, 31, 75, 78, 79
Alfaia 22
Alfredo Volpi 79
Amazonas 51, 52
Amazônia 47, 51
Antônio Francisco Lisboa 78, 79
Arcos da Lapa 29
arquitetura 9, 32, 62, 74
arquivo 7, 62, 64
Arquivo Central do IPHAN 64
arte 9, 45, 62, 68, 74, 75, 77, 78, 79
artes e ofícios 74
artesão 78, 85
artífice 16, 78
artista 21, 26, 37, 59, 75, 78, 79
Ary Barroso 37

B

Bahia 14, 42, 65
bandeirantes 67
barroco 16, 75, 78
Belas Artes 9, 16, 30, 75, 78
bem imaterial 45
bens culturais 7, 9, 30, 61, 64, 66, 69, 72
berimbau 12, 13
bibliofilia 62
biblioteca 62, 63
Boitatá 19
Bordado 27, 86
Boto 19, 52
Brincadeira 10, 11, 13, 18, 19, 22, 33, 41, 47, 73, 79
brincante 11, 21, 22
brinquedo 10, 33
Bumba meu Boi 21, 32, 43

C

cachoeira 45
café 32, 33, 58
cancioneiro 11, 86
canções 11, 30
candomblé 42, 43, 65, 66
cantiga 11, 18, 19, 49
capela 30, 78
capoeira 12, 13, 42, 65
carneval 19
Casa da Flor 43
casa 33, 43, 50, 65, 66, 72
Causo 52, 84
Cavalhada 14, 15, 21
celebrações 9, 32, 33, 72
chafariz 16, 17
Chico Mendes 50
Chico rei 43
choro 36, 37
cidade 9, 14, 15, 16, 17, 19, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 43, 49, 50, 58, 68, 70, 75, 79, 84
Círio de Nazaré 19
coleção 61, 69
comida 33, 73, 81
compositor 37, 75
Congada 19, 21
Congo 19, 21
Congonhas 30, 78
conhecimento 9, 13, 29, 48, 52, 56, 61, 62, 77, 83
conservação 61, 64
contação de histórias 19, 49, 63, 83, 84, 86
conto 22, 27, 46, 59
Corcovado 29
cordel 15, 19, 26, 27, 62
costumes 19, 43, 45, 55, 57, 58, 59, 63, 67, 69, 71, 73, 79, 81, 84, 85, 86
costura 86
cotidiano 9, 24, 25, 30, 47, 59, 67, 70, 75, 77, 86
cozinha 49, 81, 82
crendice 15, 27, 33, 52, 86
Cristo Redentor 29
Cuca 19
culinária 19, 59, 65, 77, 81, 82, 84, 86
cultivo 82

cultura 18, 19, 22, 25, 27, 30, 37, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 52, 53, 54, 55, 57, 59, 65, 67, 71, 72, 75, 81, 82
cultura popular 11, 18, 39, 62, 79, 86
Curupira 19

D

dança 12, 13, 18, 21, 22, 77
descobrimto 67
desenvolvimento sustentável 28
diversidade 7, 36, 37, 39, 48, 53, 56, 57, 69, 73, 77, 85
documentação 48, 61, 64, 69
documento 34, 40, 62, 65

E

escravidão 34, 35, 43, 68
escultura 74, 78
etnia, étnico(a), etnográfico 9, 21, 39, 53, 58
europeu 56, 58, 67, 69
expressão 9, 18, 21, 36, 40, 45, 51
expressão cultural 21, 36

F

falar goiano 49
falar mineiro 49
fazenda 32, 33, 58
festa 9, 14, 15, 18, 19, 22, 27, 30, 31, 42, 46, 59, 65, 66
Festa da Taquara 46
Festa de Iemanjá 19
Festa do Divino 14
Festa do Rosário 19
festas juninas 19
festejo 21, 47, 86
floresta 46, 50, 51, 52
Floresta Amazônica 50, 52
florestania 50
folclore 18, 19, 27, 41, 52, 62, 86
folclorização 12
folgado 14, 21, 22
Folgado do Parafuso 22

Folia de reis 21, 27
formas de expressão 9, 45
Forte de Copacabana 29
fotografia 46, 55, 62, 64, 65, 69, 86
fotógrafo 65
Fundação Palmares 30
futebol 24, 25

G
Guiás 14
Guinhard 75

H
hábito 10, 19, 63
herança 17, 18, 31, 34, 35, 45, 46, 65
história/historiador 7, 17, 18, 26, 35, 36, 39, 41, 43, 46, 59, 62, 66, 69, 70, 73
Homem do Saco 19

I
Iara 19
iconografia 28, 69
identidade 7, 9, 10, 13, 24, 25, 29, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 45, 48, 53, 54, 55, 65, 73, 84, 86
igapós 51
igreja 15, 16, 30, 32, 74, 78
imigração 28, 56, 58, 59
imigrantes 48, 56, 57, 58, 59, 72, 73
Independência 68
indígena 21, 39, 45, 46, 48, 51, 52, 72
índio 45, 46, 47, 50, 67
indumentária 19, 22, 27
infância 18, 25, 31, 33, 63, 41, 49, 69, 73, 75, 82
instrumentos (música) 22
interior 58, 82, 84, 25
inventário 10, 21, 48, 56, 64
IPHAN 7, 9, 14, 16, 18, 21, 24, 28, 32, 36, 42, 43, 45, 50, 56, 61, 62, 64, 66, 74, 78

J
Jardim Botânico 29
Jean Baptiste Debret 69
jogo 12, 13, 24, 25, 41

jongo 32, 36, 42
José Midlin 63

L
lacê 85
lavoura 33, 58, 82
lenda 15, 19, 29, 41, 45, 51, 52, 84
língua 24, 40, 41, 48, 53, 72
linguagem 15, 22, 29, 41, 49, 54, 61, 69, 70, 86
linguística 40, 45, 48
literatura 7, 15, 19, 21, 26, 27, 41, 62
Livro de Registro 45, 85
livro 62, 63
Livro do Tombo 9, 30, 66
Lobisomem 19
Luiz Gama 43
luta 12, 13, 14

M
Macunaíma 52
Mãe d'Água 52
mamulengo 79
manifestação cultural 13, 14, 18, 19, 21, 25, 27, 30, 32, 33, 42, 64
Manoel da Costa Ataíde 31, 78
Manuel Francisco Lisboa 16
Mão de Cabelo 19
Maracanã 24, 29
Maracatu 22, 27
Maranhão 21, 36
meio ambiente 50, 52
memória 7, 10, 26, 28, 29, 33, 37, 39, 43, 48, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72, 73, 83, 84
mestre 12, 13, 78, 79, 80
Mestre Valentim 75
milho 82
Minas Gerais 14, 16, 31, 32, 43, 75, 78
missão artística francesa 70
mito 19, 24, 45, 51, 52
mitologia 51
modos de falar 33, 48, 49, 65, 81, 82
modos de morar 37, 67, 68, 72

monumento 16, 17, 29, 43, 68
Monumento aos Pracinhas 29
Mula sem Cabeça 19
música 9, 12, 13, 19, 21, 22, 32, 36, 37, 53, 62, 77, 79

N
narrativa 69, 83
Natal 19
natureza 15, 22, 28, 47, 50, 51, 52, 54, 69, 71, 84, 85
Negrinho do Pastoreio 19
negro 34, 42, 13
Nicolas Antoine Taunay 69
Noel Rosa 37

O
ofício 12, 42, 74, 77, 78, 85, 86
oral 26, 41, 83, 84, 85
oralidade 36, 83
origem 10, 12, 13, 14, 19, 21, 22, 25, 27, 42, 43, 51, 52, 58, 65, 72, 73, 74, 82, 85
ornamento 9, 27
ornato 16
Ouro Preto 16, 17, 30, 43
Outeiro da Glória 29

P
Padre José Maurício 75
paisagem 28, 51, 58, 69, 82
paisagem cultural 28
Pão de Açúcar 29
Paraná 58, 14
parelha 11
parlenda 41
passos 30, 31, 78
patrimônio cultural 7, 15, 17, 28, 32, 36, 39, 41, 45, 48, 61, 62, 64, 66, 71, 74, 78, 85
Patrimônio cultural da humanidade 78
patrimônio edificado 7
patrimônio histórico e artístico nacional 18, 39, 42, 66, 74
patrimônio imaterial 9, 12, 18, 21, 36, 45

patrimônio material 9
patrimônio móvel e integrado 7
patrimônio mundial 28
Pernambuco 22
pesquisa, pesquisador 7, 13, 56, 61, 62, 64, 69
piercing 55
Pierre Verger 65
pintura 30, 31, 45, 69, 70, 74, 75, 78, 79
pintura corporal 46, 55
Pirarucu 52
Pirenópolis 14, 15
Pixinguinha 37
poema 11, 26, 29, 82, 86
ponte 15, 16, 33
populações ribeirinhas 29, 50, 52
povos da floresta 50, 52
prática religiosa 43
prática 9, 12, 13, 25, 41, 55, 56, 61, 64, 77, 79, 85, 86
preservação 7, 16, 18, 21, 28, 29, 32, 50, 61, 62, 64, 69, 72, 74

Q

quadrinha 41
quilombo 13, 34, 35, 66
quilombola 13, 34, 35
quintais 19, 22, 49, 82

R

Registro 9, 12, 21, 36, 45, 64, 77, 85
religião 19, 43, 51, 53, 65
religiosidade 9, 31, 68
religioso 18, 19, 21, 51, 66
renda 29, 85
renda irlandesa 85
rendeira 85, 86
República 12, 68
resistência negra 13
restauração 56, 64, 69
retrato 64, 65, 70
rima (rimado) 15, 26, 27, 41
Rio de Janeiro 24, 28, 29, 32, 36, 37, 43, 62, 68, 70
Rio Grande do Sul 19
Rio São Francisco 29
rito 18, 21
ritual(is) 12, 14, 18, 21, 30, 45, 46, 51, 66

roda 11, 12, 13, 22, 32, 36, 49
rota 56

S

saber(es) 7, 9, 18, 42, 47, 52, 56, 61, 71, 77, 81, 83
Saci-Pererê 19
saída de obras de arte 74
samba 12, 32, 36, 37
Santa Catarina 56
Santuário 9, 30
Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus do Matosinho 78
São Paulo 32, 57, 58, 63, 25
Semana Santa 31
seringueiro 50, 52
sextilha 11
Silvio Romero 41

T

Tambor de crioula 36
Tambor de Mina 21
Tarsila do Amaral 75
tatuagem 55
tecelagem 85
terreiro 36, 42, 66
testemunho 17, 69, 72
Tomás Antônio Gonzaga 17
Tombamento 9, 16, 24, 50, 61, 64, 66
Tomie Ohtake 59
trabalho 9, 22, 27, 33, 50, 57, 58, 77, 78, 82, 85, 86
tradição 12, 13, 14, 18, 19, 26, 30, 39, 41, 43, 59, 72, 77, 83, 84, 85, 86
tradições 10, 18, 21, 26, 45, 51, 56, 72, 81
trava-línguas 41

U

utensílio 33, 49, 81

V

valor simbólico 9, 24, 54
Vassouras 32
vestuário 69, 86
viajantes 69, 70
Vila Rica 16, 17, 45, 68, 79
Vitória-Régia 52

W

Walter Benjamin 10

X

xilografia 19, 27

Z

zabumbas 22